



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

O POLÍTICO EM SÃO CARLOS: UM ESTUDO DAS IMAGENS DE SI NO DISCURSO DOS  
CANDIDATOS A PREFEITO DAS ELEIÇÕES 2008

Renata de Oliveira Carreon

SÃO CARLOS  
2013



**Universidade Federal de São Carlos**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

O POLÍTICO EM SÃO CARLOS: UM ESTUDO DAS IMAGENS DE SI NO DISCURSO  
DOS CANDIDATOS A PREFEITO DAS ELEIÇÕES 2008

Renata de Oliveira Carreon  
Bolsista: CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Linguística da  
Universidade Federal de São Carlos,  
como parte dos requisitos para a obtenção  
do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser  
Baronas

São Carlos - São Paulo - Brasil  
2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C314ps

Carreon, Renata de Oliveira.

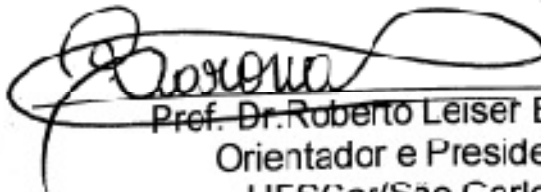
O político em São Carlos : um estudo das imagens de si no discurso dos candidatos a prefeito das eleições 2008 / Renata de Oliveira Carreon. -- São Carlos : UFSCar, 2013. 102 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Análise do discurso. 2. Ethos. 3. Discurso político. I. Título.

CDD: 401.41 (20ª)

**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
RENATA DE OLIVEIRA CARREON**



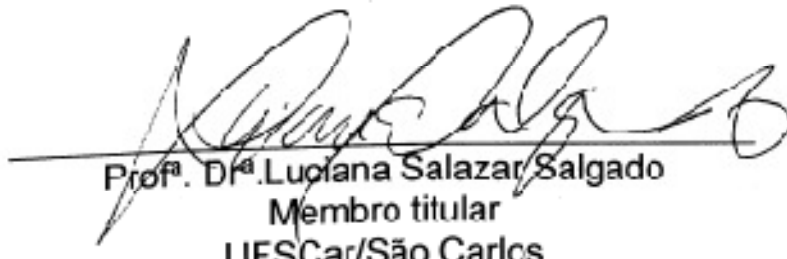
---

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas  
Orientador e Presidente  
UFSCar/São Carlos



---

Prof. Dr. Wander Emediato de Souza  
Membro titular  
UFMG/Belo Horizonte



---

Prof. Dr. Luciana Salazar Salgado  
Membro titular  
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 3/abril/2013.  
Homologada na 55 reunião da CPGL, realizada em 05/04/2013.



---

Oto Araujo Vale  
Coordenador  
PPGLUFSCar

# Agradecimentos

A Deus e aos amigos espirituais, que fizeram com que todas as portas se abrissem no momento certo;

Aos meus pais, que choraram cada lágrima minha e sorriram todos os meus sorrisos;

Ao Baronas, pela paciência e pelos conselhos;

À Universidade, que possibilitou todos os agradecimentos anteriores;

À CAPES, pela confiança e investimento;

À Ana Lucia, pelo carinho e amizade sincera. Por me ensinar tantas coisas que eu ainda precisava aprender e entender;

Aos companheiros do grupo de estudos LEEDIM – Lígia Araújo, Samuel Ponsoni, Laura Gon, Marco Ruiz, Tamires Conti, Rilmara Lima, Estevão e Eliane Hruschka –, pelas longas e boas conversas na sala do Baronas;

Aos amigos de mestrado - Luciana Carmona, Leonardo Perez, Cristian Cobra, Fernando Alves -, por fazerem as disciplinas serem muito mais divertidas;

E aos amigos que me ouviram falar no meu *ethos* e no *ethos* deles por tanto tempo e mesmo assim continuaram amigos.

*Digo: o real não está na saída nem na chegada:  
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*  
Guimarães Rosa em **Grande Sertão: Veredas**

# Resumo

O discurso político tem sido amplamente estudado não só pela Ciência Política, mas pelas mais diversas Ciências da Linguagem e, sobretudo, pelo domínio da Análise do Discurso de orientação francesa. Inúmeros trabalhos têm se debruçado de forma acurada sobre essa problemática no Brasil e muitos buscam compreender como os candidatos a cargos políticos constroem por meio de seus discursos um conjunto de imagens de si. Todavia, poucos se debruçam sobre as peculiaridades de uma potência urbana universitária. Nosso trabalho de dissertação objetiva compreender como é constituído o *ethos* discursivo dos candidatos a prefeito de São Carlos nas eleições municipais de 2008. De maneira mais ampla, visamos compreender como é construída a imagem de si por meio do discurso e das fotos dos atores políticos; a que cenografias recorrem para legitimar seu discurso; qual a vocalidade e corporalidade do fiador e como toda essa construção de imagens está associada a uma representação social a qual o interlocutor/eleitor deve aderir. Para isso, mobilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do discurso de orientação francesa, ancorados, principalmente, em Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau. Tomamos como material de análise as falas dos três candidatos a prefeito de São Carlos mais votados em diferentes situações enunciativas. Como hipótese de trabalho perscrutamos que os candidatos buscam construir por meio de seus discursos imagens eufóricas de si. Para tanto, valem-se tanto do *ethos* dito e mostrado quanto do *ethos* semiotizado.

**Palavras-chave:** discurso político, *ethos*, imagem de si.

# Résumé

Le discours politique se consolide comme objet d'étude de la Science Politique, tout en étant au coeur du débat dans les Sciences du Langage aussi, surtout à l'égard de l'Analyse du Discours ancrée aux idées des penseurs français. De nombreuses études sont soigneusement menées au Brésil sous le regard de ce domaine de la Linguistique, et nombreuses études sont penché sur le processus de construction de l'image ou d'un cadre imagé des candidats aux postes publiques à travers leur discours. Cependant, peu étudient les particularités d'une puissance urbaine université. Notre recherche au niveau du Master se consacre à l'analyse de la constitution de l'*ethos* discursif des candidats à la mairie de São Carlos pendant la campagne électorale de 2008. Le but à présent consiste en analyser l'élaboration de l'image de soi selon les discours et les photos des agents politiques, la définition de la vocalité et de la corporalité du garant et une question s'impose : comment toute cette construction imagée se rapporte à la représentation sociale à laquelle l'interlocuteur/électeur doit prendre part ? Dans ce propos notre étude fait recours aux principes théoriques et méthodologiques des auteurs français tels que Dominique Maingueneau et Patrick Charaudeau, en les appliquant au matériel constitué de la parole des trois candidats à maire les plus votés, dans des circonstances énonciatives distinctes. Comme hypothèse de travail nous vérifions comment les candidats cherchent à construire à travers leurs discours euphoriques images d'eux-mêmes. Pour ce faire, s'appliquent à la fois *l'ethos* dit et montré e *l'ethos* semiotisé.

**Mots-clés** : discours politique, *ethos*, image de soi.



# Sumário

Apresentação	9
Capítulo 1	14
Percursos e percalços teóricos	14
1.1. Análise do discurso: entremeios pluridisciplinares	14
1.2. Dominique Maingueneau e contribuições sobre (a) gênese dos discursos	23
1.3. A construção das imagens de si: (problemas de) <i>ethos</i>	27
1.3.1. De Aristóteles a Ducrot	28
1.3.2. Ethos e Análise do discurso	33
1.3.2.1. Cenas da enunciação	36
1.3.2.2. <i>Ethos</i> semiotizado	42
Capítulo 2	45
Da teoria à prática: uma leitura analítica do <i>corpus</i>	45
2.1. Do discurso político ao recorte discursivo: a constituição do <i>corpus</i>	45
2.2. Eleições municipais de São Carlos – 2008	47
2.3. A seleção e o recorte do <i>corpus</i>	51
2.4. Apresentação do recorte das sequências verbais	54
2.4.1. Airton Garcia	54
2.4.2. Oswaldo Barba	56
2.4.3. Paulo Altomani	58
2.5. Apresentação do recorte das sequências não-verbais	60
2.5.1. Airton Garcia	60
2.5.2. Oswaldo Barba	62
2.5.3. Paulo Altomani	64
Capítulo 3	66
Análise do <i>corpus</i> : a constituição do <i>ethos</i>	66
3.1. Airton Garcia: o homem do povo	66
3.2. Oswaldo Barba: o digno de crédito	76
3.3. Paulo Altomani: o bom homem	85
Efeito de fim em forma de conclusão	93
Bibliografia	97

# Apresentação<sup>1</sup>

*A palavra é o meu domínio sobre o mundo.*

Clarice Lispector

Todo ato de tomar a palavra implica a constituição de uma imagem de si, seja ela proposital ou não. Tal intento, por meio do discurso, integra o conceito de *ethos*. Noção que tem despertado grande interesse nas disciplinas que estudam a retórica e o discurso, o *ethos*, por muitos anos, foi rotulado como pertencente a um *corpus* retórico. Essa crescente atenção, para Dominique Maingueneau, surge da mudança de interesse que tem havido no domínio das mídias audiovisuais, em que houve um deslocamento das doutrinas e aparelhos ligados às mídias para a apresentação de si, para o “look”. Nessa direção, Piovezani Filho (2007) afirma que

Com efeito, as inovações tecnológicas, em conjunto com uma série de transformações históricas de diferentes durações, parecem ter contribuído para o advento de mudanças bastante significativas nas práticas de produção e de interpretação dos discursos políticos. (PIOVEZANI FILHO, 2007a, p. 116)

---

<sup>1</sup> Esta dissertação de Mestrado faz parte das atividades de pesquisa desenvolvidas no Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDIM/UFSCar-CNPq. Esse laboratório está organizado em torno de dois grandes programas de pesquisa. No primeiro, objetiva-se discutir, inicialmente, os deslocamentos epistemológicos e metodológicos produzidos por autores brasileiros e franceses no domínio da Análise do Discurso de orientação francesa do final dos anos oitenta até os dias atuais; num segundo momento, verifica-se em que medida esses deslocamentos epistemológicos e metodológicos podem ser aplicados a diferentes *corpora* de diferentes geografias e, por último, faz-se uma descrição/interpretação da escrita da história languageira dos conceitos da Análise do Discurso de orientação francesa tanto na geografia francesa quanto na brasileira. No segundo, busca-se compreender o modo como os mais diversos suportes midiáticos por meio de textos multimodais constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras bastante distinta da história oficial veiculada nos editoriais, nos artigos de opinião, nas análises políticas, por exemplo. Elege-se como *corpus* de análise textos multimodais: fotografias derrisórias, fotomontagens, charges impressas, charges eletrônicas, caricaturas políticas, textos sobre o anedotário político brasileiro, veiculados por jornais, sites e revistas brasileiras de grande circulação nacional durante os primeiros e segundos turnos das campanhas presidenciais brasileiras de 1998, 2002, 2006 e 2010. A Análise do Discurso de orientação francesa em diálogo com a Nova História e a Semiótica Social são as perspectivas teórico-metodológicas que sustentam os programas de pesquisa do LEEDIM. A criação do Laboratório justificou-se entre outras razões diante da necessidade premente de se constituir redes de pesquisa envolvendo diversas universidades brasileiras como forma de solidificar a pesquisa no campo das Ciências da Linguagem e, sobretudo, nos domínios da epistemologia da Análise do Discurso e das discursividades multimodais nessas instituições.

Para além e aquém dos novos recursos tecnológicos terem interferido nas práticas de produção e interpretação dos discursos políticos, entendemos que a apresentação de si do orador é um fator decisivo na configuração atual do discurso político. Assim, acrescentando ao interesse pela apresentação de si o discurso político, temos um novo olhar no tratamento desse discurso, uma vez que se debruçar apenas sobre produções verbais não dá mais conta de uma análise do *ethos* que brota desses discursos. Uma análise que leve em conta o não-verbal e, portanto, a corporalidade de um fiador advinda de fotos ou vídeos é o que parece se ajustar às mudanças que vêm ocorrendo nas mídias visuais e, conseqüentemente, no modo de estudar o discurso político. Em outras palavras, “o poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (MAINGUENEAU, 2011, p. 73).

Aliado a isso, podemos integrar a *vocalidade* desse fiador, que por seu *modo de dizer*, bem como por seu *tom*, atestam o que é dito. Assim, a esse fiador é atribuído um caráter e uma corporalidade associados a representações coletivas sociais valorizadas ou desvalorizadas, entendendo-se por “corporalidade” uma compleição física e uma maneira de vestir-se. O co-enunciador deve, então, incorporar tais representações sociais de forma que ambos – enunciador e co-enunciador - constituirão uma comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso. Com efeito, o *ethos* no discurso político vale-se de construir um mundo ético ao qual o eleitor adere.

Decorre do que precede que visamos aqui tentar entender o funcionamento do processo de constituição do *ethos* no discurso político, levando em consideração as produções verbais e não-verbais dos candidatos, defendendo, assim, que para tal construção, o *ethos* dito, mostrado, acrescido do semiotizado somam forças para criar um *ethos* discursivo que, juntamente com o pré-discursivo, integram o *ethos* efetivamente constituído. Com isso, a partir da análise de nosso *corpus*, nos propomos a ampliar a grade teórica e analítica que vem sendo utilizada nos estudos acerca da noção de *ethos* e, dessa forma, oferecer cenário a outras pesquisas que tenham a noção como questionamento norteador.

Tomamos como objeto de análise o discurso político dos candidatos a prefeito de São Carlos – eleições 2008 em suas diversas materialidades e mobilizamos, para isso, alguns meios, como a televisão, a internet e o rádio. Isso nos levou a operar mais amplamente com conceitos como o de cena genérica e cenografia, uma vez que cada dispositivo de distribuição dos discursos tem suas necessidades específicas quanto à

construção do *ethos*. Dessa forma, trabalhar com certa heterogeneidade de mídiuns que veicula o discurso político dos candidatos possibilita com que o *ethos* seja construído e, portanto, analisado, sob o prisma de múltiplos fatores.

Sob o aspecto teórico, nossa pesquisa - inserida no dispositivo conceitual da Análise do Discurso - trata das relações entre os discursos políticos e a sua exterioridade constitutiva. No Brasil há diversos trabalhos sobre essa temática. No entanto, essa abordagem geralmente leva em conta os discursos de grandes atores políticos (presidentes, senadores, deputados), e raramente os discursos de figuras de menor projeção no cenário político nacional são o foco de uma abordagem discursiva. Cremos que, com esse tipo de tratamento, poderemos contribuir mesmo que minimamente para o avanço dos estudos discursivos no tocante aos discursos políticos. Também, como dito anteriormente, inúmeros trabalhos têm se debruçado sobre o discurso político no Brasil e muitos buscam compreender como os candidatos a cargos políticos constroem por meio de seus discursos um conjunto de imagens de si; no entanto, poucos se debruçam sobre as cidades universitárias. Além disso, o trabalho justifica-se no que toca a trabalhar com discursos pouco estudados, sob a ótica de um *ethos* não apenas construído por meio de produções verbais, mas também de produções não-verbais.

Embora estejamos debruçados sobre as eleições de São Carlos em 2008, tentamos pensar em que medida essa construção de imagens no discurso político é “replicável” a um contexto nacional, tomando como hipótese, portanto, que a constituição do *ethos* e o consequente imaginário popular incorporado a um mundo ético que o cerca ocorre da mesma forma no campo político como um todo, independente de sua esfera. Com efeito, cremos que o *ethos* funciona no discurso político além e aquém do âmbito municipal, estadual e federal no qual estão inscritos os locutores.

A problemática do trabalho está centrada em duas questões básicas. Uma delas é (i) verificar em que medida se dá a construção do *ethos* no discurso político e (ii) verificar em que medida podemos tornar produtiva analiticamente a noção de *ethos* semiotizado aos estudos acerca do *ethos* na Análise do discurso. Como objetivos específicos, tentaremos pensar (i) quais as cenas genéricas e cenografias mobilizadas; (ii) em que medida essas cenografias contribuem para legitimar o *ethos*; (iii) levando em consideração o resultado da eleição, verificar como um *ethos* pode suscitar mais adesão do que outro; (iv) a constituição de um *ethos* dito, mostrado e semiotizado; (v) como os

índices que contribuem para a constituição de um *ethos* estão submetidos a uma filtragem por parte de uma semântica global.

O desenvolvimento teórico e metodológico desta pesquisa está alicerçado na Análise do discurso de linha francesa, concebida a partir de *Análise Automática do Discurso*, em 1969, pelo filósofo Michel Pêcheux e, posteriormente, construída e desconstruída pelas relações, sobretudo de Pêcheux, com disciplinas e campos de saber que acabaram por fundar uma transdisciplinar Análise do discurso. No entanto, dada a natureza multimodal do nosso objeto, somos instados a mobilizar outros teóricos do discurso, como Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Sírio Possenti.

Dominique Maingueneau e suas teorizações são basilares para esta pesquisa, uma vez que sua leitura discursiva da noção retórica de *ethos* é o que norteou nosso trabalho. Tendo inúmeras publicações ao longo de trinta anos, *Gênese dos discursos*, obra de grande fôlego epistemológico de Maingueneau, mostra-se como o ponto de partida de muitos conceitos que ainda estariam por vir, inseridos, em sua maior parte, em uma semântica global ligada a formações discursivas. Sendo assim, o dispositivo teórico de Maingueneau e sua forma de conceber os discursos e sua gênese são, fundamentalmente, a própria *gênese* para se pensar o *ethos* e suas regulações.

Nossa pesquisa de mestrado foi estruturada em três capítulos acrescidos de apresentação, referências bibliográficas e anexos, nos quais se encontram as transcrições do *corpus*. Tematicamente, os três capítulos têm organização única: teoria, apresentação do *corpus* e análise.

O primeiro capítulo – **Percursos e percalços teóricos** – tem por objetivo apresentar toda a teoria que embasa esta pesquisa. Para isso, inicialmente, no subtópico *Análise do discurso: entremeios pluridisciplinares*, traçamos um breve percurso histórico da constituição da disciplina e suas ligações com outros campos de saber. Assim, explanamos sobre a importância das leituras de Pêcheux da Teoria das Ideologias, da Psicanálise, da Linguística, da História e do Materialismo Histórico para a constituição dessa disciplina, ancorados, sobretudo, em Denise Maldidier, Maria do Rosário Gregolin, Francine Mazzière, Fernanda Mussalim, entre outros autores que buscam fazer a história da Análise do discurso na França e no Brasil. No segundo subtópico, *Dominique Maingueneau e contribuições sobre (a) Gênese dos discursos*, tratamos da importância dos estudos do autor para a Análise do discurso (doravante AD), e para esta pesquisa, bem como a relevância teórica de *Gênese dos discursos* para tudo o que está sendo aqui proposto. No terceiro subtópico, *a construção das imagens de si: (problemas de) ethos*, traçamos um

percurso histórico-teórico do conceito desde sua formulação na Retórica Antiga por Aristóteles, passando por O. Ducrot e sua teoria polifônica, a noção de formações imaginárias postulada por Pêcheux, até chegar, finalmente, à noção discursiva de *ethos* concebida por Dominique Maingueneau.

O capítulo dois – **da teoria à prática: o corpus** – objetiva apresentar o *corpus*, bem como teorizar sobre a escolha e recorte deste em Análise do discurso. O primeiro subtópico, *do discurso político ao recorte discursivo: a constituição do corpus*, ancorado em Jean-Jacques Courtine e Freda Indursky, teoriza acerca de como se constituem as sequências discursivas de referência de um *corpus*, e postula que não há como levar um *corpus* à sua exaustividade, sendo necessária, portanto, a escolha de sequências discursivas que representem metonimicamente o conjunto de discursos coletados. O segundo subtópico, *eleições municipais de São Carlos – 2008*, descreve brevemente a história da cidade de São Carlos, as eleições de 2008, bem como os candidatos a prefeito, suas coligações e cargos. O terceiro subtópico, *a seleção do corpus*, descreve a coleta dos dados, sua seleção e como se deu o uso das legendas para a apresentação dessas sequências. No quarto subtópico, *recorte das sequências verbais*, são apresentadas efetivamente as sequências verbais a serem analisadas ao longo do trabalho. No quinto e último subtópico, *recorte das sequências não-verbais*, são apresentadas as fotos a serem analisadas por meio de índices como a corporalidade, vestimenta e postura dos candidatos.

O capítulo três – **exercícios analíticos: a constituição do ethos** – traz a análise/descrição das sequências verbais e não-verbais de forma a verificar como se dá a construção do *ethos* dito, mostrado e semiotizado dos candidatos a prefeito de São Carlos. O capítulo foi subdividido em tópicos, em que cada um traz a análise de um candidato e uma frase proferida por ele de forma a servir de “epígrafe” a essa análise. Acreditamos que essa “epígrafe” se mostrou interessante uma vez que confirma, na materialidade discursiva, o *ethos* que foi construído.

É nessa esteira de reflexões que este trabalho se constitui, buscando promover indagações em torno da constituição da imagem de si por vários elementos que não se resumem a um único tipo de materialidade significante.

# Capítulo 1

*Pela língua começa a confusão.*  
Guimarães Rosa em **Tutaméia**

## Percursos e percalços teóricos

### 1.1. Análise do discurso: entremeios pluridisciplinares

Ao iniciar uma investigação que visa estudar de maneira detida alguns conceitos à luz de uma dada teoria, faz-se necessário consolidar alicerces que sustentem e tornem seguro o trajeto que se pretende percorrer. Para isso, é preciso revisitar a irrupção de certas noções, em especial daquelas que são caras a esta pesquisa e, para isso, é preciso trazer à tona, mesmo que de maneira muito concisa, uma das histórias da Análise do discurso<sup>2</sup>. Dessa forma, inicialmente, nos debruçaremos sobre o percurso histórico da AD, procurando sublinhar como se deu a sua fundação e quais caminhos levaram à AD que se faz hoje, tanto no espaço da língua portuguesa quanto no contexto francófono, e que possibilitou e possibilita a inserção deste trabalho que tem o discurso político como seu objeto de análise. Sobre a importância de revisitar o contexto histórico-epistemológico da Análise do discurso, Dominique Maingueneau assevera:

Os desenhos animados frequentemente nos mostram personagens que, sem o saber, andam no vazio; percebendo repentinamente que deixaram o solo firme, eles caem no abismo. É isto que pode acontecer à análise de discurso se ela não se interrogar a respeito de si mesma. (MAINGUENEAU, 1990, p.65)

A fundação da Análise do discurso de linha francesa é atribuída por um lado à publicação, em 1969, do texto *A Análise Automática do Discurso* (AAD-69), escrito

---

<sup>2</sup> Embora o percurso histórico e a fundação da Análise do discurso contribuam de soslaio para o esclarecimento de nosso objeto de estudo, ela se faz de grande valia para a nossa formação enquanto analistas do discurso, preocupados com as histórias dessa teoria e, portanto, estudiosos dos textos fundadores da AD.

pelo filósofo Michel Pêcheux. Por isso, a história da Análise do discurso se confunde, muitas vezes, sobretudo no Brasil, com a própria história do homem historicamente reconhecido como seu fundador e, por outro, com a publicação do número 13 da Revista francesa *Langages*. Mas é necessário ressaltar que a emergência da teoria do discurso é resultado de uma época de mudanças associado às leituras de Pêcheux da Teoria das Ideologias, da Psicanálise, da Linguística, da História, do Materialismo Histórico e das Ciências Sociais. Dessa forma, a emergência da AD deriva de processos históricos, leituras e inflexões que acabaram por fundar a pluridisciplinar “Análise do discurso”. Nessa conjuntura específica, as primeiras indagações erigiram das reflexões e inquietações de Pêcheux em relação ao discurso que, segundo Denise Maldidier (2003), era um “verdadeiro nó” em que confluem numa só corrente questões relacionadas ao sujeito, à língua e à ideologia.

De acordo com Francine Mazière (2007, p.45) a Análise do discurso de linha francesa se estabeleceu em dois anos, mas continuou produzindo até os anos 1990 textos que se tornaram clássicos. Porém, segundo a autora, se teve sucesso e obteve uma maior “sobrevivência”, isso se deve ao fato de ter sido ampliada e repensada por pesquisadores em torno de Michel Pêcheux que deram continuidade retificadora às suas propostas.

Como já dito anteriormente, um dos primeiros passos dessa teoria do discurso foi a publicação de *Análise Automática do discurso*. É a esse primeiro passo que se ligam, pela primeira vez, “todos os fios constitutivos de um objeto radicalmente novo: o discurso”. (MALDIDIER, 2005, p.19). Essa “máquina discursiva” pensada por Pêcheux, que buscava dar conta do sujeito, da língua e da ideologia, levantou questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido. Seu maior projeto era desenvolver uma máquina capaz de realizar uma análise automática do discurso que não admitisse infiltrações subjetivas e analisasse com o máximo de objetividade e cientificidade o seu objeto. Da sua paixão por máquinas é que surge o dispositivo pecheutiano que permitiria, em tese, tirar a subjetividade da leitura.

De acordo com Piovezani (2008), ancorado em Puech, a emergência da noção de “discurso” e da própria AD, na França, ocorrem no momento em que se realizava a “terceira recepção” do *Curso de Linguística Geral* em território francês, sendo a primeira recepção ocorrida no momento da publicação do *Cours*, a segunda no período entre as Grandes Guerras, a terceira depois da Segunda Guerra e a quarta quando se deu a descoberta dos manuscritos de Saussure. É na terceira recepção que a obra passa a ser



amplamente lida e a ser basilar para autores de diversos campos do saber. “O fato de que a Análise do discurso tenha surgido nesse contexto contribuiu decisivamente para promover a leitura que Pêcheux fez da obra saussuriana, quando da concepção dos primeiros textos da AD.” (PIOVEZANI, 2008, p.39)

Ao admitirmos que Saussure fundou um campo científico a partir de descontinuidades e desconstruções em relação aos estudos do século XIX, duas noções fundamentais são incorporadas à AD: a língua como funcionamento e a língua enquanto instituição social. Saussure desloca a visão da língua como função para a de seu funcionamento, passando então a ver a língua não como tendo a função de exprimir sentido colocado aos elementos linguísticos, mas a língua como tendo um princípio de funcionamento em relação às demais “peças do jogo”. Aos olhos de Pêcheux, esse deslocamento é uma aquisição científica irreversível. A outra concepção saussuriana incorporada pela AD é a de que a língua é uma instituição social e, portanto, não é simplesmente expressão do pensamento de um indivíduo, nem tampouco instrumento de comunicação. “É a descoberta desse caráter ao mesmo tempo sistemático e social da linguagem que permitiu tomá-la como objeto da Linguística, descrever seu funcionamento e sua funcionalidade na sociedade.” (GREGOLIN)<sup>3</sup>

No entanto, ao operar com o corte entre língua e fala e determinar que o objeto da Linguística é a língua ou, em outras palavras, o sistema de regras, Saussure, no CLG, descarta a possibilidade de trabalhar com a língua enquanto discurso. Assim, Pêcheux afirma que é necessária uma mudança de terreno que faça intervir conceitos exteriores à região da Linguística de modo a compreender a língua como base para processos discursivos atrelados a condições de produção sócio-históricas. Estas últimas entendidas por Pêcheux não como algo contextual, mas como uma exterioridade constitutiva.

De maneira geral, a noção de discurso postulada por Pêcheux evoca a “superação” da dicotomia saussuriana língua/fala, uma vez que a língua é concebida como “lugar material onde se realizam os efeitos de sentido” e “essa materialidade específica da língua remete à idéia de funcionamento” (PÊCHEUX, 2007, p. 72). Pêcheux apoia-se criticamente em Saussure para construir a noção de discurso.

Dessa forma, sua entrada em AD se faz com esse propósito teórico de uma reformulação da *língua* tal como formulada no *Cours*. É devido a essa “mudança de

---

<sup>3</sup> O texto adotado carece de maiores informações bibliográficas. É possível inferir, pelo link, que o artigo foi apresentado em forma de mini curso na UFPB. GREGOLIN, M. R. *Linguagem e História: relações entre a Linguística e a Análise do Discurso*. Disponível em: < [http://www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/minicurso/texto3\\_rosario\\_gregolin.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/minicurso/texto3_rosario_gregolin.pdf) > Acesso em jun/2012.

terreno” operada por Pêcheux que os estudos linguísticos deslocam-se do olhar sobre a frase isolada para o olhar sobre a língua em funcionamento, uma vez que a língua deixa de ser compreendida como um sistema que tem a função de exprimir sentido. Com efeito, o texto não deve ser objeto pertinente do estudo linguístico no âmbito do discurso, uma vez que ele não *funciona* – o que funciona é a língua, regulada por determinantes de natureza histórica.

Assim, Pêcheux contribui, definitivamente, para a fundação de uma nova disciplina: a Análise do discurso. Para isso, trazia noções-conceitos fundamentais, tal como a de “condições de produção”. A noção colocava como concepção central do discurso o fato de esse objeto ser *determinado* por um “exterior” e que para analisar esse discurso não se pode fazê-lo como um texto, é necessário referi-lo ao “conjunto de discursos possíveis” a partir de um estado definido de condições de produção. Em relação ao dispositivo forjado por Michel Pêcheux, este comporta duas fases, que consistiam em desfazer os encaixes da sintaxe até reduzi-los a enunciados elementares e esclarecer “classes distribucionais” comparáveis às classes de equivalência de Harris. Nesse momento, Harris se faz essencial para as teorizações pecheutianas, mesmo que, posteriormente, seja rejeitado por permitir a descrição de estruturas textuais, mas não discursivas.

Porém, se em um primeiro momento a AD associava-se à Linguística, mais especificamente a uma Linguística (saussureana) da língua, que permitiu a constituição de postulados acerca da fonologia, morfologia e sintaxe, o que lhe escapava, em relação às questões que permeavam o sentido, necessitava de outros campos epistemológicos, já que a significação não é sistematicamente apreendida e o sentido de uma palavra não é simples convenção. “Só uma teoria do discurso, concebido como o lugar teórico para o qual convergem componentes linguísticos e sócio-históricos-ideológicos, poderia acolher esse projeto” (MUSSALIM, 2004, p.26). Foi nessa perspectiva que Michel Pêcheux desenvolveu um questionamento crítico em relação à Linguística, tornando a AD um campo pluridisciplinar.

É dessa forma que Althusser se faz figura importante nas teorizações de Pêcheux e, portanto, na AD. Em 1974, surge o indispensável artigo de Althusser *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, artigo no qual o autor afirma que as ideologias têm existência *material* e devem ser estudadas como um conjunto de *práticas* materiais que reproduzem as relações de produção – trata-se do Materialismo Histórico, proposto por Karl Marx. Surge, então, o funcionamento da ideologia a partir do conceito de

Aparelhos Ideológicos de Estado: retomando o conceito de Estado marxista, o autor afirma que o que se denomina comumente por Estado é o *Aparelho Repressivo de Estado*, que age pela violência, mas sua ação é complementada pelas instituições que “disseminam” a ideologia, como as instituições educacionais e religiosas, funcionando, portanto, como *Aparelhos Ideológicos de Estado* - AIEs. E por meio dessa disseminação e enraizamento ideológicos por parte das instituições em suas práticas e em seus discursos é que podemos, de fato, segundo Althusser, observar o real funcionamento da ideologia. Para Pêcheux, cujos estudos sobre o discurso levavam-no ao ponto de encontro da língua e da ideologia, o artigo de Althusser foi decisivo. Uma vez que para Althusser a ideologia deve ser estudada em sua materialidade, a linguagem se apresenta como palco privilegiado para sua irrupção, palco no qual se pode depreender o funcionamento da ideologia. Dessa forma, se conjugam história e língua, tendo como pilar a produção de sentido dentro desse contexto teórico. Pode-se assim afirmar que o Marxismo e a Linguística saussureana presidem o nascimento da Análise do discurso.

É nesse contexto de engajamento político com os postulados de Althusser que Pêcheux tece críticas à linguística pós-saussuriana e propõe uma Análise Automática do Discurso – AAD - que, como dito anteriormente, tiraria a subjetividade inerente à leitura. Assim, a AD instaura o discurso como objeto teórico no interior de uma relação entre língua e história, relação vista pela AD como capaz de explicar o funcionamento do sentido.

No entanto, para dar conta do sujeito, outro núcleo é necessário à AD: a psicanálise lacaniana. Desde a proposição da noção de inconsciente por Freud, o conceito de sujeito passa por diversas modificações no que tange à sua homogeneidade, a um sujeito “senhor de si”. A concepção freudiana postula o sujeito clivado, cindido entre consciente e inconsciente. Muitas vezes considerado como entidade obscura, o inconsciente passa a ser objeto de estudo de Lacan, que recorre ao Estruturalismo linguístico para conferir maior cientificidade ao conceito. Dessa forma, Lacan assevera que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, na qual há significantes ocultos, latentes, que interferem e se manifestam no discurso efetivo, ou seja, há sempre um Outro atravessando o discurso do sujeito. Analogamente, o inconsciente é o lugar em que o discurso familiar, religioso, político, é emanado, fazendo com que o sujeito se constitua como tal. Portanto, o sujeito constitui-se em relação ao inconsciente e é constituído na linguagem que, por seu turno, é condição necessária do inconsciente.

Uma vez a AD calcada no Materialismo histórico e nos postulados de Althusser acerca da ideologia e de sua materialização no discurso, decorrente da organização social, um sujeito “senhor de si” que decide sobre os sentidos de seu enunciado não poderia ser tratado epistemologicamente. Assim, o sujeito em AD é visto como aquele que ocupa um lugar social dentro de uma organização social e a partir desse duplo lugar enuncia. Ou seja, o sujeito não é livre para dizer o que quer, já que, sem ter consciência, ele é levado a enunciar de um determinado lugar social.

Ainda sobre o sujeito na Análise do discurso, Mazière afirma que embora nos anos 1970 se tenha tentado afastar o sujeito psicológico, o sujeito do inconsciente não é verdadeiramente trabalhado pela AD, não obstante os pontos de contato com a psicanálise. A autora defende, então, um sujeito da AD construído por diversos campos:

O marxismo, que é uma referência durante os primeiros anos da AD, o sujeita. Foucault o dispersa na *formação discursiva*. A colaboração entre linguistas e psicanalistas o resgata do psicologismo. A colaboração com os historiadores introduz um sujeito da história. O peso da interdiscursividade organiza “a deslocalização tendencial do sujeito enunciativo” na materialidade dos enunciados, segundo uma forma de Michel Pêcheux [...] As sofisticções da pragmática o reconfiguram em uma escala de ações e de co-ações enunciativas e semânticas na qual ele pode se multiplicar e se diluir. Nos casos mais simples, o sujeito é, no mínimo, dois: falante empírico e enunciativo linguístico. (2007, p.22)

Assim, tem-se, como dito anteriormente, o “lugar de sujeito”. Um sujeito que se (dês)localiza em um cruzamento entre o que é da ordem do inconsciente, da língua e da ideologia.

No campo da linguística francesa, nos anos 1970, em que esta dominava as ciências sociais por seus princípios e métodos, a Análise do discurso instaura-se como um espaço crítico ao estruturalismo, cobrindo-o pelo seu não investimento nas relações entre o sistêmico e o histórico. A AD nasce, então, como já enunciamos, de uma dupla fundação em que, de um lado, temos Michel Pêcheux e sua Análise Automática e, de outro, as pesquisas de Jean Dubois em torno do discurso político. Dubois, professor na Universidade de Paris X – Nanterre, “introduz novos modos de pensar a modernidade ‘estrutural’ lingüística, e isso contra o legado filológico da ‘explicação de texto’” (MAZIÈRE, 2007, p. 34). Sendo assim, a definição do objeto “língua” difere de um autor para o outro. Enquanto Pêcheux pensava a língua como aquilo que permite o equívoco, enquanto a possibilidade de o sentido ser outro, Dubois tentava articular

“língua e sociedade no enunciado atestado pelo deslocamento de métodos distribucionais e pelo recurso às teorias enunciativas” (2007, p.55). Assim, o desenvolvimento da AD dita francesa marca o campo da Linguística no começo dos anos 1970.

Pêcheux publica o artigo *Atualizações e perspectivas a propósito da análise automática do discurso* na revista *Langages* nº. 37, de março de 1975. Escrito com Catherine Fuchs, o artigo é um texto de transição, no qual os autores amadurecem reflexões anteriores, retificam, atualizam mas, também, é uma preparação para o livro que ainda estaria por vir: *Semântica e Discurso*, em que o filósofo apresenta o estado mais acabado da teoria. No artigo de 75 confluem as três regiões de conhecimento científico abordadas anteriormente e que seriam tidas como o solo epistemológico da AD: Materialismo Histórico, Psicanálise e Linguística. Brota daí “uma formulação que vai definir por muito tempo a relação língua/discurso” e, assim, a língua passa a ser vista como condição de possibilidade do discurso. (MALDIDIER, 2003, p. 41). Emerge também do artigo 37 de *Langages* a “teoria dos dois esquecimentos”, que trata sobre a ilusão do sujeito de estar na fonte do sentido: no primeiro esquecimento, o sujeito “esquece”, recalca, que o sentido lhe é exterior; o segundo esquecimento determina a zona em que o sujeito se move, colocando fronteiras entre o dito, o não-dito e o por dizer. Assim, o artigo da *Langages* colocava em evidência o dispositivo, enquanto que o livro evidenciava a teoria.

Nessa fase de desconstruções-reconfigurações Pêcheux engendra *Semântica e Discurso*<sup>4</sup>, obra em que se juntam às reflexões teóricas do autor acerca da linguística e da semântica, a filosofia. A problemática central do livro é o discurso, que liga todos os fios: linguística, história, sujeito, ideologia, inconsciente. Uma das primeiras questões sobre a qual o autor se debruça é a semântica que, para ele, seria um “ponto nodal”. Pêcheux designou o livro como “o grande momento da ordenação de conceitos”, pois aprofunda a reflexão sobre a “articulação de enunciados”; opera com a questão da constituição do sentido junto à constituição do sujeito; afirma que o sentido e o sujeito são produzidos na história e, por isso, determinados; explora os conceitos de interdiscurso, intradiscurso, formação discursiva e pré-construído; e faz surgir um termo essencial: heterogeneidade.

---

<sup>4</sup> O título original da obra é *Les Vérités de la Palice*, tradução de Eni Orlandi.

Segundo Maldidier, o ano de 1975 “marca o início de uma grande fratura, da reviravolta da conjuntura teórica que desemboca no estabelecimento de um paradigma novo” (MALDIDIÉ, 2003, p. 55), o paradigma da relação do discurso com o seu outro constitutivo (estranhamente familiar). Um período de tentativas e tateamentos começa para Michel Pêcheux. Entram em cena, então, questões da linguagem e da política. Assim, em 1976 – no começo dessa fase de tentativas – as suas teorias parecem governadas pela política. E, nesse momento, assim como em outros, fica evidente a ligação entre o desenvolvimento teórico da AD e as questões políticas vigentes na França.

Pêcheux estava em constante reavaliação de suas obras:

Se o tempo, essa categoria incerta, faz modificações cruciais nos sistemas de representação da língua nas mais distintas sociedades, não deixou ilesa a própria concepção teórica da análise do discurso, fazendo-a caminhar tanto para o bem quanto para o mal. Num percurso muito justo, tanto epistemológica quanto eticamente, Michel Pêcheux reavalia os suportes teórico-metodológicos da AD ao longo da década de 1970. Reavaliações e, em alguns casos, reformulações vindas de novas necessidades dos objetos do discurso, críticas de teorias contrárias, inserção de novos pesquisadores, saída de antigos, enfim, um quadro teórico que amplia os corpos, bem como os diversifica. Boa parte desse convulsivo movimento de revisão da AD francesa é atribuída ao *Colóquio Materialidades Discursivas*. (PONSONI, 2011, p.27)

Segundo Maldidier, o colóquio marca um novo ponto de partida. O texto de lançamento do colóquio se despede de uma “teoria do discurso” apresentada como um “fantasma teórico unificador”. O colóquio promoveu na Universidade Paris X – Nanterre um encontro entre historiadores, linguistas e analistas, em torno de questões relativas ao real da língua, da história e do inconsciente. Endereçado a todos os que trabalhavam nesses campos, a questão da materialidade discursiva era então colocada no espaço de confronto entre as disciplinas que “têm a ver com o discurso” – a Análise do discurso sendo apenas mais uma delas. A partir desse momento, o discurso é colocado sob o signo da heterogeneidade, o primado teórico do outro sobre o mesmo se impõe. Nessa mesma época, Michel Pêcheux escreve o prefácio da obra de Courtine: *O estranho espelho da análise do discurso*, em que ele se questiona sobre a relação constitutiva da AD e seu objeto e propõe a análise de falas anônimas, um “formigamento dos discursos ordinários” em oposição a um estudo doutrinário:

(...) começar a se desprender da inclinação, ainda quase exclusiva, da Análise do discurso pelos enunciados legitimados de porta-vozes (textos impressos, declarações oficiais, etc.) e aceitar o confronto com essa “memória sob a história” que percorre o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos sob essas múltiplas formas orais (...). (PÊCHEUX, 1981 apud COURTINE, 2009, p. 25)

Sendo então uma disciplina (de)marcada pela inquietação com seu objeto e sempre disposta a se reformular, retificar as pesquisas agora passam a se interrogar acerca da discursividade.

Em 1983, quando a Análise do discurso é oficialmente consagrada como disciplina da Linguística, Michel Pêcheux realiza a conferência intitulada *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Tratava-se, na época, de uma intervenção política e histórica. Política pois era um momento de grandes transformações para a esquerda e o marxismo, impulsionadas pelas mudanças ocorridas no cenário mundial. Tais transformações exigiam respostas teóricas de um grupo de estudos marcado, desde seu início, pelo político. Em 1980, portanto, a preocupação com a historicidade do discurso é evidenciada, em um momento em que, mais uma vez, a Análise do discurso se reedita e evidencia, então, as mudanças teóricas e políticas que impulsionavam o modo de se pensar em produção de sentidos da/na prática política. É dessa forma – em relação à produção de sentidos - que a história assume seu papel na discursividade, se impondo como heterogeneidade constitutiva do discurso, pois não há enunciado que não retome ou dialogue em relação de aliança ou polêmica com os outros. Mas se há uma heterogeneidade inerente aos discursos, o que faz com que os enunciados sejam compreendidos? É o encontro entre a ordem da língua e da ordem da história, da materialidade e do histórico que faz com que haja a tensão necessária para que haja dispersão, mas regularidade; repetição, mas deslocamentos – daí a necessidade de se levar em consideração o inter e o intradiscurso, enquanto elementos que se dão no discurso pelo aparente paradoxo da presença pela ausência.

Assim, discurso é acontecimento uma vez que emerge na rede histórica das formulações. São enunciados construídos por sujeitos sócio-históricos e que têm seus sentidos produzidos nas redes de memória, a partir de determinadas formações discursivas. Discurso é estrutura uma vez que o que possibilita a dimensão histórica do acontecimento discursivo é a sua materialidade, que imbrica atualidade e memória de forma a permitir a construção de sentidos. Nessa esteira de pensamento, Pêcheux, em um de seus últimos textos, observa o enunciado *On a gagné* a fim de mostrar que seus

elementos léxico-sintáticos e semânticos, em outras palavras, sua estrutura, produzem efeitos de sentido.

O intradiscursivo (estrutura) entrelaça-se com o interdiscursivo (o acontecimento) para produzir efeitos de sentido. Os sujeitos são assim determinados, ao mesmo tempo, pelo jogo com as regras e o jogo nas regras. “Eles agenciam, ao mesmo tempo, a *felicidade da simetria* (a possibilidade da regularidade) e o *drama da abertura de cada palavra* (a desregulação).” (GREGOLIN)<sup>5</sup>. É desse mirante de discurso como estrutura e acontecimento, ou como espaço privilegiado para se pensar a heterogeneidade, que derivam algumas consequências teórico-metodológicas que orientam a Análise do discurso a partir dos anos 1980 e ainda se fazem presentes nos escritos atuais.

Essa conclusão, no entanto, não nos deve levar a imaginar que haja um modelo analítico capaz de dar conta do discurso em toda sua complexidade. A discursividade é um *acontecimento* que nem a linguagem nem a história podem esgotar inteiramente – haverá sempre espaço para outro sentido, para outro discurso. Haverá sempre incompletude e, portanto, é necessário pensar a estrutura como o lugar da falta, da falha, do equívoco. (GREGOLIN)

## 1.2. Dominique Maingueneau e contribuições à gênese dos discursos

Dominique Maingueneau é um pesquisador muito conhecido – e tem se tornado cada vez mais – no Brasil e na Europa de maneira geral. Não só por contribuir significativamente há quase três décadas para as pesquisas de analistas do discurso, mas também por sua presença sempre constante em eventos e universidades em diferentes países.

Sem circunscrever sua produção a um discurso, gênero ou tema, Maingueneau circula por todos eles. Ler, discutir e apropriar-se dos conceitos e de seus desdobramentos em análises é uma oportunidade para conferir como o autor faz da análise do discurso uma disciplina ao mesmo tempo tradicional e inovadora. (POSSENTI e SOUZA-E-SILVA, 2010, p. 8)<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Idem nota 3.

<sup>6</sup> POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. *Apresentação*. IN: DOMINIQUE, M. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



Segundo Souza-e-Silva e Rocha (2009, p.1), as produções de Maingueneau desdobram-se em diversas vertentes: (i) **manuais de linguística**, que tratam de assuntos gerais (como *Aborder la linguistique*), ou específicos (como *Approche de l'énonciation en linguistique française/ L'énonciation en linguistique française*); (ii) **livros de linguística e discurso literário**: *Le contexte de l'oeuvre littéraire: Énonciation, écrivain, société*; (iii) **ensaios** (como *Carmen, les racines d'un mythe*); (iv) **dicionários** (*Termos-chave da análise do discurso* e *Dicionário de Análise do Discurso* – este em parceria com Charaudeau); (v) **livros na área de Análise do Discurso**, como é o caso de *Sémantique de la polémique* e *Gênese dos discursos*. Finalmente, um sem número de **artigos**, alguns deles já traduzidos e reunidos em livro (como *Cenas de Enunciação*), a maior parte dispersa em livros, revistas e anais. Neles, a presença de conceitos anteriormente formulados (como *ethos*, cenografia) e outros recentes (como hiperenunciador, destacabilidade) possibilitam novas análises de *corpora* variados.

Maingueneau contribui enormemente para a AD com diversos trabalhos, porém *Gênese dos discursos* é o ponto de partida para o desenvolvimento de muitos conceitos que se mostrarão produtivos, no quadro de uma semântica global, proposta como elemento fundamental de todas as formulações do livro. O *corpus*, singular para os analistas do discurso da época, como diz Maingueneau, não deixa de o ser ainda hoje para nós, dadas, principalmente, as condições históricas e religiosas específicas de sua emergência no contexto europeu e, particularmente, no francês. Estamos na segunda metade do século XVII, caracterizado, segundo ele, por uma virada decisiva na história do pensamento:

é, pois, nesse contexto que se situa *Gênese*. O discurso humanista devoto que, desde o fim do século XVI, ocupava um espaço privilegiado no campo religioso se cala progressivamente por volta de 1640-1650, enquanto o jansenista se impõe. A passagem de uma dominância a outra se manifesta por meio de uma polêmica aberta entre esses dois discursos. (SOUZA-E-SILVA e ROCHA, 2009, p.3),

Em *Gênese dos discursos*, Maingueneau formula sete hipóteses que detalham seu quadro teórico. Um princípio perpassa todas as hipóteses: o de inseparabilidade do texto em relação ao seu contexto sócio-histórico: “nós nos situaremos no lugar em que vêm se articular funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar

as condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita”. (MAINGUENEAU, 2008b, p.17)

A primeira hipótese é o *primado do interdiscurso*, conceito sobre o qual o autor afirma que se deve estudar a especificidade dos discursos em sua relação com outros discursos e que essa relação deve ser considerada a partir de certa regularidade. Assim, o mesmo do discurso e seu Outro se configuram de maneira indissociável. Além disso, o interdiscurso deve ser considerado a partir da tríade *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo*. Em relação ao “primado do interdiscurso”, Souza-e-Silva e Rocha defendem que “para Maingueneau, o Outro ocupa a mesma cena do Eu, e esta é a originalidade do conceito de heterogeneidade constitutiva proposta pelo autor”. (2009, p. 6); Possenti e Mussalim (2010, p. 65) ainda afirmam que “o conceito de interdiscurso apresentado em *Gênese* é um dos pontos fortes de sua reflexão teórica”. Sendo assim, a relação da gênese dos discursos com o interdiscurso é vista como primordial para a teoria que Maingueneau se propõe a formular. Ademais, ao postular o primado do interdiscurso sobre o discurso, a partir das noções de universo, campo e espaço discursivo, Maingueneau inova em relação a Pêcheux e a Courtine, visto que para o primeiro o discurso “seleciona” com qual discurso irá se relacionar.

A segunda hipótese, *uma competência discursiva*, trata da interação semântica entre as diferentes formações discursivas, em que o sistema de restrições semânticas definiria o lugar possível dos sujeitos falantes. Dessa forma, para Maingueneau, o princípio de competência discursiva “permite esclarecer um pouco a articulação do discurso e a capacidade dos Sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que dele decorram” (2008b, p. 52) e, portanto, a noção supõe a aptidão do Sujeito para reconhecer a incompatibilidade semântica de formações que constitui seu Outro e, também, a aptidão de “traduzir” enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições. Isso faz com que a formação discursiva não seja “um conglomerado mais ou menos consistente de elementos que se uniriam pouco a pouco, mas sim a exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico” (p. 62), regulado por regras de natureza histórica.

A terceira hipótese, *sistema de restrições semânticas globais*, decorre das duas anteriores, “visto que é em função de seu sistema de restrições que o discurso organiza todas as suas relações (de interincompreensão) com os demais discursos com os quais é posto em relação no espaço discursivo”. (POSSENTI e MUSSALIM, 2010, p. 68). Para tanto, Maingueneau defende que não se deve privilegiar apenas um plano discursivo –

dentre eles o léxico, o modo de enunciação, o tema, a intertextualidade, etc. - e sim integrá-los “todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 75). Assim, o autor propõe que se deve tomar o discurso em sua “multiplicidade de dimensões”, visto que há um sistema semântico global gerenciando os múltiplos planos do discurso simultaneamente.

Considerada como um “desenvolvimento” da noção de interdiscurso, a *polêmica como intercompreensão* – quarta hipótese - é concebida como a “tradução” que cada enunciador faz da enunciação do Outro, a partir das categorias do Mesmo, de forma a sempre construir um simulacro dessa relação. Em outras palavras, o sujeito ao produzir o seu discurso o faz a partir de uma tradução do discurso do outro em forma de simulação a partir de regras que governam a formação discursiva na qual esse sujeito está inserido.

A quinta hipótese, *do discurso à prática discursiva*, propõe, já como o título enuncia, ter como objeto de estudo não mais o discurso, e sim a prática discursiva, entendida como a imbricação de um discurso com uma instituição, que é regida pelo mesmo sistema de restrições semânticas comuns. Em outras palavras, Maingueneau entende por *práticas discursivas* um “‘sistema de relações’ que, para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito de enunciação pode ocupar” (2008b, p. 136).

Na sexta hipótese, o autor dispõe-se a agregar à noção de práticas discursivas a *prática intersemiótica*, levando em consideração, portanto, “produções de ordem não-linguística” (p. 137). Sendo assim, as produções – linguísticas ou não – de uma comunidade discursiva estão condicionadas às mesmas restrições:

tal ampliação da unidade de análise não significa que esses diversos domínios sejam isomorfos em seu modo de estruturação, mas apenas que o sistema da formação discursiva deve restringir esses modos de estruturação, quaisquer que eles sejam. Certamente, as produções linguísticas têm nisso um papel dominante, mas que não poderia ser exclusivo. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 139)

É nessa esteira de reflexões que o autor então propõe a redefinição da noção de *texto*, que passa a remeter aos “diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva” (p. 139); e de enunciado, entendido como as produções linguísticas.

Por fim, a sétima hipótese, *um esquema de correspondência*, busca um modo de articulação entre um dado conjunto de coerções e uma conjuntura histórica – articulação esta que convoca a (se) pensar a noção de ideologia que, segundo o autor, pouca atenção recebeu da Análise do discurso francesa e, portanto, pouco avançou.

Esta breve explanação acerca da obra *Gèneses du discours* visou mostrar a importância do autor Dominique Maingueneau, bem como de suas ideias, não só para esta pesquisa, mas para a história da Análise do discurso:

Trata-se de uma obra de grande originalidade. O lugar de destaque conferido a noções como as de interdiscurso e interincompreensão já seria razão suficiente para garantir a esse livro todo o interesse que ele pode suscitar junto a um público voltado para os estudos discursivos. Como se não bastasse, lembramos ainda a pertinência e a sutileza de um modelo teórico-metodológico de produção e leitura de textos que pensa a discursividade como uma mesma rede que rege todas as instâncias do discurso, uma instituição, suas práticas, os textos produzidos, os enunciadores, os ritos genéticos, uma enunciação, uma difusão e um consumo. Uma proposta como essa, por sua amplitude e pelos inúmeros desdobramentos que torna possíveis, não poderia, com certeza, permanecer adormecida no vasto baú da produção de Maingueneau. (SOUZA-E-SILVA e ROCHA, 2009, p. 25)

Outros dois conceitos que se não formulados na íntegra, mas presentes em forma de esboço no *Gênese*, e que esmiuçaremos mais adiante, são o de *ethos* discursivo e cena de enunciação. Conceitos que, segundo Possenti e Mussalim (2010), se mostraram bastante operacionais mesmo fora da proposta de uma semântica global.

### **1.3. A construção das imagens de si: (problemas de) *ethos***

No presente subtópico, objetivamos fazer uma leitura mais acurada da noção de *ethos*, traçando, dessa forma, seu percurso histórico-teórico dentro dos diversos campos de saber e das ciências da linguagem. Para isso, debruçar-nos-emos inicialmente sobre a *Retórica* Aristotélica e sua *arte de persuadir* para chegarmos até o ponto em que confluem os caminhos com o nosso trabalho: a releitura do conceito pela Análise do

discurso, mais especificamente por Dominique Maingueneau, autor que já se mostrou ser de grande relevância teórica para o estudo. Além disso, elencaremos as dificuldades de se trabalhar com uma noção que, de fato, pode(ria) ser apressadamente vista como intuitiva.

### **1.3.1. De Aristóteles a Ducrot**

Como já dito anteriormente, nosso trabalho está ancorado teórica e metodologicamente na Análise do discurso – AD – de orientação francesa, concebida com a *Análise Automática do Discurso*, em 1969, pelo filósofo Michel Pêcheux. Podemos pontuar que, já nessa fase de construção das grandes teorias da AD, surgia o estudo das imagens de si. Pêcheux, em AAD69, contesta o esquema “informacional” de Jakobson entre destinador e destinatário, uma vez que a “mensagem” é vista como transmissão de informação. Propõe, então, o termo *discurso*, que implicaria não em uma transmissão de informações entre A e B, mas sim em “efeitos de sentido” entre eles. A e B não seriam os sujeitos empíricos, “organismos humanos individuais”, mas “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Sendo assim, esses lugares sociais são representados nos processos discursivos - nos efeitos de sentido dos seus discursos. É nesse ponto que o autor propõe que o que funciona nesses processos discursivos são as formações imaginárias que

designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (obviamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações). (PÊCHEUX, 1993, p. 82)

E, assim, o autor afirma que todo processo discursivo supõe a existência das formações imaginárias, que são designadas, resumidamente, por: a imagem que A faz de si [IA (A)] expressa pela questão “*quem sou eu para lhe falar assim?*”; a imagem que A faz de B [IA (B)] expressa por “*quem é ele para que eu lhe fale assim?*”; a imagem que B faz de si [IB (B)]; a imagem que B faz de A [IB (A)]; e a imagem que ambos fazem do referente [IA (R) e IB (R)], que é o contexto em que aparece o discurso. Tal conceito foi criticado por seu caráter psicossocial, o que era inevitável

uma vez que as formulações teóricas da época caminhavam por entre muitas disciplinas, como a sociolinguística e a psicologia. Mas o que nos interessa aqui é pensar a questão das imagens em um quadro teórico-metodológico distinto do postulado por Pêcheux. Para tanto, faz-se necessário pensar a questão das imagens no discurso a partir de seu estudo inaugural, qual seja o de Aristóteles.

Segundo Dagatti (2012), a noção de *ethos* surge na Retórica Antiga. Aristóteles entende-a como a imagem que o orador constrói de si em seu discurso com o propósito de se fazer crível e atraente para seus interlocutores. Conceito mais tarde abandonado, em particular a partir do Renascimento, a retórica se centra na *elocutio*, é englobada pela poética e se reduz a uma teoria dos *tropos*, desligados de seu valor persuasivo. Na segunda metade do século XX, com a renovação dos estudos da argumentação por parte de C. Perelman y L. Olbrechts-Tyteca, a arte retórica volta a ser operada em função da persuasão; no entanto, a noção de *ethos* não é recuperada. São as investigações sobre a Retórica Antiga de Barthes que voltam o olhar sobre os *ethé*, definidos como aqueles traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório, independentemente de sua sinceridade, para causar uma impressão favorável.

A Retórica, entendida por Aristóteles como “la facultad de teorizar lo que es adecuado en cada caso para convencer” (1990, p.173), relaciona o caráter moral do orador com o seu poder de persuasão<sup>7</sup>. Assim, por *ethos* designava-se uma imagem de si, uma boa impressão destinada a garantir o sucesso da oratória e convencer o auditório. Maingueneau (2008c) cita Declercq ao afirmar que é por meio de vários signos que o orador constrói uma imagem psicológica e sociológica benfazeja de si, como tom de voz, modulação da fala, gestos, escolhas de palavras e argumentos, etc. Em relação ao *ethos* aristotélico, o pesquisador francês assegura que “não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica,

---

<sup>7</sup> Perelman e Olbrechts-Tyteca traçam uma distinção entre *persuadir* e *convencer*. Se o orador objetiva o resultado da argumentação, então persuadir está acima de convencer, já que a convicção é apenas a primeira fase que conduz à ação. No entanto, se o que importa ao orador é o caráter racional da adesão, convencer está acima de persuadir. Assim, os autores propõem “chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional”. (2005, p.31) Dessa forma, a tênue fronteira entre convencer e persuadir sempre será imprecisa, uma vez que o auditório é sempre heterogêneo. Já para Dante Tringali, persuadir vem de “ ‘persuadere’ = aconselhar, levar alguém a aceitar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente. Persuade-se provando de alguma forma.” Persuadir, seria então um “gênero” que compreenderia três modos de persuadir: convencer, comover e agradar. O primeiro tem por significado “vencer o opositor com sua participação. E tecnicamente denota persuadir a mente através de provas lógicas: indutivas (exemplos) ou dedutivas (argumentos)” (1988, p. 20). Entretanto, no nosso trabalho, não fazemos uso de tal distinção uma vez que trabalhamos com versões traduzidas das obras originais (tanto em português quanto em espanhol) e releituras por parte de alguns autores, de forma que, sendo assim, sempre há certo prejuízo em relação à escolha de palavras e seus consequentes sentidos.

construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de forma lateral” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 57).

Segundo Aristóteles, dentre as “provas por persuasão”, as que podem ser obtidas por meio do discurso são de três tipos: uma reside no caráter (*ethos*)<sup>8</sup> do enunciador, outras na predisposição do ouvinte de alguma maneira e, por último, no discurso mesmo, submetido ao que este demonstra ou parece demonstrar.

Pues bien, [se persuade]<sup>9</sup> por el talante, cuando el discurso es dicho de tal forma que hace al orador digno de crédito. Porque a las personas honradas las creemos más y con mayor rapidez, en general en todas las cosas, pero, desde luego, completamente en aquéllas en que no cabe la exactitud, sino que se prestan a duda; si bien es preciso que también esto acontezca por obra del discurso y no por tener prejuzgado cómo es el que habla. Por lo tanto, no [es cierto que], en el arte, como afirman algunos tratadistas, la honradez del que habla no incorpore nada en orden a lo convincente, sino que, por así decirlo, casi es el talante personal quien constituye el más firme [medio de] persuasión. (ARISTÓTELES, 1990, p.176)<sup>10</sup>

Por outro lado, persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a uma paixão por meio do discurso, uma vez que não fazemos os mesmos julgamentos quando estamos tristes ou alegres, ou quando amamos ou odiamos. De outro lado ainda, os homens são persuadidos pelo discurso quando lhe mostramos a verdade, ou o que parece sê-lo, a partir do que é convincente em cada caso.

Assim, Aristóteles acredita que se persuade pelo caráter quando é criada uma imagem benéfica e útil de si mesmo que comporta três qualidades fundamentais: a prudência (*phronesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eunoia*)<sup>11</sup>, qualidades que juntas inspiram confiança e determinam nossa crença. Dessa maneira, o orador erra ao faltar com uma ou mais dessas qualidades, fazendo com que a sua enunciação não seja digna de confiança e, com isso, não suscita a adesão do auditório às suas ideias. “Y, por

---

<sup>8</sup> A versão espanhola utiliza a palavra *talante* como sinônimo de “caráter” e “ethos”. Segundo o dicionário Senàs, a definição de *talante* é: “manera de ser o carácter de una persona. Estado de ánimo.”

<sup>9</sup> As expressões entre colchetes foram acrescentadas pelo tradutor da edição espanhola.

<sup>10</sup> É importante destacar que a versão espanhola foi utilizada nesta pesquisa em razão de não termos acesso a uma versão em português. Assim como todas as outras citações em língua estrangeira da pesquisa, optamos por manter na língua lida e, portanto, não fazer as traduções, que poderiam inculcar em erros inerentes a qualquer tradução. Sendo assim, todos os textos lidos em língua estrangeira foram citados conforme se apresentam.

<sup>11</sup> Não há consenso acerca da tradução dos termos fundamentais de Aristóteles. Optamos, portanto, por usar a de Maingueneau (2008c), uma vez que esta tem relação direta com as teorizações aqui apresentadas. Vale sublinhar que Eggs (2011) faz reflexões enriquecedoras sobre essas traduções e a consequente escolha por uma delas.

lo tanto, es forzoso que aquel parezca tenerlas todas resulte ser [un orador] persuasivo para el auditorio.” (ARISTÓTELES, 1990, p. 310)

Acredita-se, assim, que o discurso do orador persuade os interlocutores por meio desse bom caráter e da confiança que inspira e que estes são “efeitos do discurso”, não um julgamento prévio a respeito das qualidades morais do orador. Dessa forma, o *ethos* torna-se eficaz na persuasão porque não é dito explicitamente, mas mostrado pelo discurso. Portanto, nas palavras de Barthes: “são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão (...) O orador enuncia uma informação, que se resume ao seu conteúdo enquanto tal, mas ao mesmo tempo diz: eu sou isso, eu não sou aquilo” (BARTHES *Apud* MAINGUENEAU, 2008c, p. 59).

O *ethos* aristotélico é apresentado em dois sentidos diversos. Em uma acepção moral, o *ethos* é relacionado às virtudes do orador, como já foi exposto nos parágrafos anteriores; em outra, ele tem sentido neutro ou objetivo (*héxis*) e reúne termos como hábitos, modos e costumes ou caráter: é necessário que o orador mostre um *ethos* apropriado para a sua idade, para a sua posição social e adapte seu discurso ao que espera o auditório. Longe de excluírem-se, essas duas faces do *ethos* constituem elementos essenciais para *persuadir* (*convencer*) por meio do discurso, e esta é uma das “forças” da Retórica: sem persuasão não há retórica.

A integração do termo *ethos* nas ciências da linguagem encontra sua primeira manifestação na Pragmática Semântica; mais especificamente na Teoria Polifônica da enunciação de O. Ducrot. O autor evita relacionar o enunciado a um sujeito falante, uma vez que é o próprio enunciado que fornece as instruções sobre os eventuais autores da enunciação. É por isso que ele difere locutor de enunciador, sendo este a origem dos *pontos de vista e atitudes* que o locutor apresenta e aquele subdividido em locutor L (ficção discursiva) e locutor  $\lambda$  (sujeito empírico). O sentido de um enunciado viria, no entendimento do semanticista francês, da superposição de diferentes vozes que se confrontam – o locutor L, em seu enunciado, apresenta vários enunciadores (pontos de perspectiva) e indica a posição que assume em relação a eles. Dessa forma, Ducrot postula a não unicidade do sujeito e, portanto, a polifonia da enunciação. Nas palavras do teórico:

o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes. E



sua posição própria pode se manifestar seja porque ele se assimila a este ou aquele dos enunciadores, tomando-o por representante (o enunciadador é então atualizado), seja simplesmente porque escolheu fazê-los aparecer, e que sua aparição mantém-se significativa, mesmo que ele não se assimile a eles. (DUCROT, 1987, p. 193)

Como já se percebe no excerto acima, a noção de *ethos* como imagem de si está ligada ao locutor L, já que as “modalidades do seu dizer” podem dizer bem mais de si do que o que o locutor poderia falar de si próprio. Em outras palavras, o *ethos* se mostra no ato da enunciação, ele não é dito no enunciado e, por isso, deve ser um plano de fundo e não objeto do enunciado. Em outras palavras, o *ethos* não é uma questão de conteúdo informacional do discurso, mas o que este último mostra acerca do caráter do seu locutor.

Não se trata de afirmações auto-elogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que podem ao contrário chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, os argumentos (o fato de escolher ou de negligenciar tal argumento pode parecer sintomática de tal qualidade ou de tal efeito moral). Na minha terminologia, direi que o *ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, torna essa enunciação aceitável ou desagradável. (DUCROT, 1987, p. 189)

Com base na citação anterior, depreendemos que o *ethos* está ligado à construção de uma identidade e que ele é distinto dos atributos reais, empíricos do locutor. A teoria, então, enfatiza a fala como ação que objetiva influenciar o outro. Assim, vemos que as teorizações de Ducrot para referir-se à imagem do locutor e sua argumentação estão muito próximas da noção de *ethos* aristotélico, já que ambas as correntes defendem que é por meio da enunciação que se constitui a criação de uma identidade/um caráter, fazendo com que o enunciatário/auditório seja persuadido. Além disso, as duas teorias de argumentação acreditam que o *ethos* é mostrado no discurso e não dito pelo locutor/orador, de forma que a sua construção se dá à revelia dos interlocutores. De fato, o autor chega a mencionar Aristóteles, ainda que para fornecer um equivalente de suas próprias categorizações e, por isso, acaba por não desenvolver efetivamente sua reflexão sobre o conceito de *ethos*. O que as diferencia, no entanto, é que para Ducrot o *ethos* está inscrito na língua, isto é, não é um recurso extralinguístico, tal qual entende Aristóteles.

### 1.3.2. *Ethos e Análise do discurso*

A concepção pessoal – a qual chamou “deformação” - de *ethos* de Dominique Maingueneau inscreve-se dentro da perspectiva da Análise do discurso de linha francesa: “por mi parte, desde comienzo de los años ochentas me he empeñado en reformular el concepto de *ethos* en el marco del análisis del discurso, de modo diferente a los planteamientos propios de la retórica tradicional” (1996, p. 80). O autor afirma que sua concepção ultrapassa o quadro da argumentação (2008c, p. 64), pois vai além da persuasão pelos argumentos; a noção de *ethos* permite refletir de forma mais geral sobre a adesão dos sujeitos a determinado posicionamento.

Em *Gênese dos discursos* (2008a), Maingueneau opera com o conceito de semântica global em que todos os planos da discursividade estão submetidos a um mesmo sistema de restrições globais. Dentre esses planos estariam o léxico, a maneira de dizer, o tema do discurso, a organização da sociedade que enuncia. Assim, ao especificar o funcionamento discursivo, Maingueneau concebe epistemologicamente um *filtro* que delimita os critérios que, em uma dada formação discursiva, distinguem o que é ou não possível de ser enunciado no interior daquela formação, bem como com que outras formações o discurso do “eu” pode evocar.

O conceito de semântica global nos interessa na medida em que o *ethos* é concebido pelo autor como derivado, em primeiro lugar, da semântica global de uma formação discursiva. Segundo Maingueneau, a semântica global de um discurso define também um *ethos* característico e, em decorrência, um léxico e uma maneira de dizer que lhe dão concretude:

En vez de considerar al *ethos* al mismo título que la retórica, como un *medio* de persuasión, nos inclinamos a pensarlo en términos de *dispositivo enunciativo*. El *ethos* es parte integral de este dispositivo como lo son el vocabulario o las formas de circulación propias del modo de existencia del enunciado. No es entonces dissociable de la situación de enunciación del discurso, que hemos designado como escenografía. (MAINGUENEAU, 1996, p. 82)

O autor apresenta e relê o conceito de *ethos* em diversos trabalhos<sup>12</sup>. “Neles, além de insistir em uma abordagem discursiva do conceito, apresenta análises não necessariamente associadas a formações discursivas ou posicionamentos” (POSSENTI

---

<sup>12</sup> 1989; 1996; 2001; 2008a; 2008c; 2010; 2011; entre outros.

& MUSSALIM, 2010, p. 73). Análises que vamos trazer para o estudo, a título de ilustração, posteriormente.

Maingueneau defende (2008a, 2008c) que há certas dificuldades em se trabalhar com *ethos*: “a noção de ethos, por mais simples que possa parecer à primeira vista, levanta múltiplos problemas, se se quiser caracterizá-la com precisão” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 60). Sendo assim, elencaremos alguns problemas que Maingueneau levantou em suas obras para, no decorrer da pesquisa e, principalmente, na análise de nosso *corpus*, resolvê-los ou, ao menos, lidar com eles.

Como dito no começo do capítulo, um dos problemas de se trabalhar com a noção é o fato de ela ser muito intuitiva, pois, dado que o *ethos* advém de todo o ato de tomar a palavra, analisar a representação de si que o locutor ativa em seus destinatários ao falar, procurando controlá-la, “parece bastante trivial” (2008a, p. 12). No entanto, Maingueneau assevera que, se então de fato se quer operar com o conceito, deve-se inscrevê-lo em uma problemática precisa,

privilegiando esta ou aquela faceta, em função, ao mesmo tempo, do *corpus* que nos propomos a analisar e dos objetivos da pesquisa que conduzimos, mas também da disciplina, isto é, do que é corrente no interior da disciplina em que se insere a pesquisa. (...) O importante, quando somos confrontados com essa noção, é definir por qual disciplina ela é mobilizada, no interior de que rede conceitual e com que olhar. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 12)

É preciso então, no entendimento de Maingueneau, definir muito bem seu campo teórico, bem como seu campo de atuação para que a noção não se perca em intuições e subjetivismos da parte do analista. Para minimizar esse problema, traçamos o seu percurso histórico de modo a contextualizá-la para o que se segue: sua inscrição no campo da Análise do discurso. Mais precisamente a análise do discurso que vem sendo feita e proposta por Maingueneau, que opera com práticas discursivas e (inter)semióticas que sofrem coerção de uma semântica global. Portanto, é importante não perder de vista o quadro teórico discursivo a que se propõe Maingueneau ao teorizar acerca de sua “deformação” de *ethos*.

Como podemos observar, o *corpus* também tem papel importante em uma pesquisa que tem a noção de *ethos* como foco principal. O autor afirma que, antes, o que era uma disciplina única, a retórica, é hoje dividida em diversas disciplinas práticas e teóricas que estudam o *ethos* de ângulos diversos. Dada essa diversidade de estudos, “os *corpora* exercem um papel fundamental (...): aplicado a um texto filosófico do século

XIX, o *ethos* não põe os mesmos problemas que põe quando aplicado a uma interação conversacional” (2008c, p. 63). Dessa forma, o *corpus* delimita a noção de *ethos* a ser trabalhada, pois durante a elaboração do *ethos* interagem fatos muito diversos, que podem ou não ser relevantes no material trabalhado.

Surge outro problema: a “interação com fatos diversos”. Maingueneau afirma que “há sempre elementos contingentes em um ato de comunicação” (2008c, p. 61) e que é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, mas, de fato, influenciam na construção do *ethos* pelo destinatário – é o que falamos aqui de levar em consideração produções linguísticas ou não-linguísticas, entendendo por estas as práticas intersemióticas que advém das imagens coletadas. Mas não é tão simples, uma vez que também o tom e a escolha de palavras determinam a constituição de um *ethos*. Em outras palavras, o ato de comunicação tem elementos muito diversos e, todos eles, de alguma forma, contribuem para a construção de um *ethos*; sendo assim, cabe ao pesquisador a “decisão teórica” de incorporá-los ao trabalho ou não:

É, em última instância, mais uma decisão teórica do que de saber se se deve relacionar o *ethos* ao material propriamente verbal, atribuir o poder às palavras, ou se se devem integrar a ele elementos como a vestimenta do locutor, seus gestos, e, eventualmente, o conjunto do quadro da comunicação. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 61)

Decorre do que precede que a nossa decisão foi a de incorporar, portanto, esses elementos de ordem diversa na discussão que se está criando em torno da noção de *ethos*. Estes serão apresentados ainda no presente tópico e melhor justificados no trabalho analítico do *corpus* mobilizado, mesmo sabendo da dificuldade que é operar com um conceito que leva em conta verbal e não-verbal: “o problema é mais delicado se considerarmos que o *ethos*, por natureza, é um *comportamento* que, enquanto tal, articula verbal e não-verbal para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas das palavras” (2008c, p. 61). Assim, o que se quer dizer é que, para esta pesquisa, o verbal e o não-verbal têm o mesmo nível de importância quando se está analisando a construção do *ethos*, uma vez que não só por palavras, mas também pelo tom, por gestos, pelas roupas, pelo corpo, é que se dá essa construção, conforme veremos adiante.

Levantarmos a problemática de se trabalhar com a noção de *ethos* se justifica no tocante à própria investigação que está sendo feita aqui e que muito depende não só de consistentes delimitações teóricas, mas também de levar em conta, em boa medida, as

dificuldades acerca do que está sendo proposto, uma vez que o conceito de *ethos* semiotizado ainda é novo e caminha por terrenos bastante movediços.

### 1.3.2.1. Cenas da enunciação

Para Maingueneau, qualquer texto<sup>13</sup>, oral ou escrito, tem uma *vocalidade* específica que permite relacioná-la ao enunciador, a um *fiador* que, por meio do seu *tom*, atesta o que é dito. Em outras palavras, mesmo quando se tem uma produção escrita, é possível lhe atribuir um tom característico que a legitima. Essa vocalidade implica na determinação de um corpo do enunciador, “assim, a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (2011, p. 72). Desse modo, a melhor maneira de definir o fiador é exatamente tomá-lo como “instância subjetiva”, uma vez que este não é nem o sujeito empírico, nem o sujeito da enunciação, mas uma instância que faz com que o co-enunciador<sup>14</sup> *fi*e o *ethos* por meio de uma vocalidade e uma corporalidade: “Ainsi du *garant* et de *l'énonciateur*, le *garant* étant la représentation de *l'énonciateur* ou de la source énonciative construite par le co-énonciateur” (CHAUVIN-VILENO, 2002<sup>15</sup>)

Tratar da relação entre vocalidade e corporalidade faz com que se tenha uma concepção mais “encarnada” de *ethos*, pois leva em conta não só “a dimensão verbal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas associadas ao ‘fiador’ pelas representações coletivas” (2008c, p. 65). A esse fiador atribui-se um caráter e uma corporalidade associados a representações coletivas sociais valorizadas ou desvalorizadas, entendendo-se por “caráter” um conjunto de traços psicológicos e por “corporalidade” uma compleição física e uma maneira de vestir-se, barbear-se, raspar a cabeça, usar rabo-de-cavalo, etc. Assim, o co-enunciador *incorpora* essas representações sociais das quais o fiador é o ator principal. Maingueneau designa o termo *incorporação* a essa maneira pela qual o destinatário se apropria do *ethos* do enunciador e, dessa forma, ambos constituirão uma “comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso”. Dito de outro modo, “o poder de persuasão de um

---

<sup>13</sup> É importante frisar que o autor entende como texto “os diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 139). Ou seja, não apenas as produções linguísticas enunciadas de fato, mas tudo o que se encontra na ordem de uma prática discursiva, seja um enunciado, seja uma pintura.

<sup>14</sup> Maingueneau, em *Cenas da Enunciação* (2008c), usa o termo “intérprete” para esse co-enunciador que incorpora um mundo ético.

<sup>15</sup> Sem numeração de páginas.

discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (MAINGUENEAU, 2011, p. 73). É importante, então, frisar que a adesão a um *mundo ético* por parte do destinatário é fruto de estereótipos sociais: um exemplo disso seria dizer que na sociedade circula o estereótipo do que é um homem humilde – um homem que não é ganancioso, que não tem muitos recursos ou não ostenta os que tem, que sabe de seus defeitos, etc – e isso faz com que o destinatário adira, por meio do discurso do enunciador, a um mundo ético de humildade. Com efeito, os estereótipos sociais, investidos de “valores historicamente especificados” é, de fato, em boa medida, o que faz com que os (e)leitores adiram a um discurso e, de maneira mais ampla, a um *ethos*.

Embora a concepção de corporalidade de Maingueneau esteja ligada não a um corpo físico de um sujeito empírico, mas a um corpo que é construído por meio de um discurso, ligado a um tom que emerge de uma vocalidade, aqui tomamos a noção de *corpo* de forma mais abrangente, levando em conta, de fato, o corpo do locutor extradiscursivo. Tal tomada de posição se faz necessária sobretudo quando se quer tentar operar com a categoria de *ethos* semiotizado, noção explorada em subtópico precedente. Disso decorre que podemos agregar, então, à noção de corporalidade, o estudo do corpo e do rosto operado, entre outros, por Courtine. Afinal, o rosto em si também deve ser analisado, uma vez que “le visage, dans la pensée analogique, est un microcosme du corps auquel le lie tout un jeu de correspondances entre organes” (COURTINE, 1987b, p. 85). Ainda segundo suas palavras, “ao observar as transformações contemporâneas de seu objeto, uma análise do discurso político poderia evitar as questões em torno do rosto?” (COURTINE apud PIOVEZANI FILHO & SARGENTINI, 2009, p. 10)

Essa *incorporação* do co-enunciador a um mundo ético só pode ocorrer com o apoio recíproco de uma cena da enunciação, já que é esta que o convoca a assumir um lugar. O discurso pressupõe uma *cena de enunciação* para ser enunciado e deve validá-la: ele deve instituir a “situação de enunciação” que o torna pertinente. E é por meio do *ethos* que o destinatário se inscreve nessa cena que o discurso do fiador implica. Sobre a importância de situar o *ethos* em uma cena de enunciação, Maingueneau (2012)<sup>16</sup> afirma:

---

<sup>16</sup> Fala proferida em seu minicurso no seminário *Cenas da Enunciação IV*, que ocorreu na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) entre os dias 18 a 21 de julho de 2012. Evento concebido pelo grupo FESTA e organizado pelo Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, pela Prof. Dra. Luciana Salazar Salgado e

eu estava em um Congresso sobre o *ethos* na Bélgica no mês passado, e vi que para muitas pessoas o *ethos* é uma coisa autônoma que não é referida à cena da enunciação. E parece estranho, porque quando se tem um *ethos*, é sempre um *ethos* de falante e aquele falante é definido pela cena da enunciação.

Maingueneau divide a cena de enunciação em três: cena englobante, cena genérica e cenografia. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso: publicitário, religioso, político; a *cena genérica* é associada ao gênero, a uma “instituição discursiva”: debate, entrevista, carta, “santinhos”. Esse gênero define o papel de seus participantes, assim, um debate político pressupõe um candidato expondo suas propostas aos eleitores, uma aula pressupõe um professor dirigindo-se aos alunos e etc. Em muitos casos a cena da enunciação reduz-se a essas duas cenas, que determinam o tipo e o gênero do discurso, como em uma lista telefônica, por exemplo. No entanto, outra cena pode intervir, a *cenografia*, que não é totalmente imposta pelo tipo ou pelo gênero, mas é instituída pelo próprio discurso: em uma entrevista, um candidato pode falar aos seus eleitores como professor, operário, pai de família. Assim, é possível afirmar que não há imposição ou liberdade total de uma cenografia a um determinado gênero, já que esta obedece a estratégias previstas por ele. Para ficar mais claro, pensemos num exemplo: um candidato tem por sua cena englobante o discurso político e inscreve-se no gênero entrevista; sua fala, que é carregada do *ethos* de homem do povo, usará, para legitimar seu discurso, a cenografia de homem trabalhador, de usuário do sistema público de saúde, de pai de família que sempre batalhou para dar de comer aos seus, enquanto que um discurso que não constrói esse *ethos*, dificilmente se validará por meio dessas cenografias. A cenografia é o tijolo necessário para a construção do *ethos*. Dessa forma, esse fenômeno discursivo seria o *modo* de legitimar o discurso:

(...) a fala é carregada de certo *ethos*, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância (MAINGUENEAU, 2008c, p. 71).

---

pelo LEEDIM - Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais. Algumas citações foram adaptadas de forma a atender à norma culta. Disponível em <<http://cenasdaenunciacao.wordpress.com/>>. Acesso em jan/2012.

Maingueneau afirma que o *ethos* resulta da interação de diversas instâncias, que são mais ou menos importantes de acordo com o gênero do discurso:

- *Ethos* pré-discursivo: imagem criada pelo destinatário antes da enunciação;
- *Ethos* dito: o enunciador evoca em sua própria enunciação informações sobre si que podem contribuir para um *ethos* não-verbal, que o leitor confrontará com o *ethos* discursivo. Nesse sentido, podemos encontrar informações de diversas ordens, tanto sociais (profissão, cargos exercidos anteriormente, religião), quanto psicológicas (gostos, personalidade, defeitos, qualidades). No entanto,

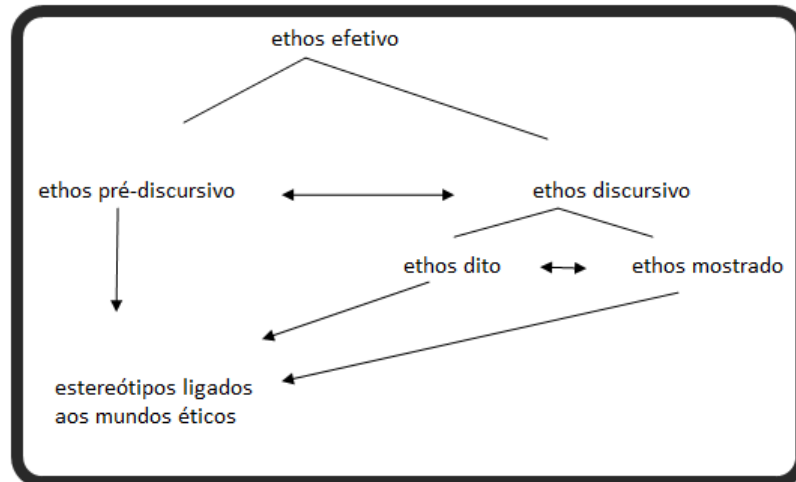
a distinção entre esses dois tipos de informação tendem a desembocar no psicológico: é o que ocorre com o porte físico, a cor dos cabelos, a profissão, que implicam estereótipos nos mundos éticos ou comportamentos e traços de caráter indissociáveis. (BARONAS, 2011, p. 54).

O sujeito enuncia “eu sou isso, eu não sou aquilo” e essas afirmações ou negações sobre si constituem um *ethos* dito, mas que pode ser validado ou não por seu discurso. Um exemplo disso seria uma pessoa que frequentemente afirma “eu sou extremamente generoso, ninguém ajuda mais aos outros do que eu”. Embora o sujeito esteja efetivamente enunciando que é uma pessoa generosa, seu destinatário pode muito bem construir um *ethos* de arrogância para esse enunciador, uma vez que em seu discurso esse sujeito frequentemente se vangloria de ajudar as pessoas mais do que qualquer outro. Dito de outro modo, por mais que o sujeito tente construir uma imagem de si falando de si, a imagem só será efetivamente construída pelo co-enunciador por meio do discurso.

- *Ethos* mostrado: é construído pelo destinatário a partir de índices na própria enunciação: escolhas lexicais, complexidade da sintaxe, tom. Enfim, o *ethos* mostrado está na ordem do discurso e é associado ao que o candidato efetivamente enuncia. Maingueneau ainda ressalta que o *ethos* dito e o mostrado inscrevem-se em uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o dito “sugerido” e o “mostrado”.

O *ethos* discursivo advém da relação entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, e o *ethos* efetivo é a interação dessas diversas instâncias. No esquema de Maingueneau, as fechas duplas indicam que há interação contínua entre os *ethé* pré-discursivo e discursivo, bem como entre os *ethé* dito e mostrado.





A título de ilustração, retomemos as análises que Maingueneau (2010) faz em sites de relacionamento, em que há ou não uma relação estreita entre *ethos* dito e *ethos* discursivo, uma vez que o locutor deve valorizar um produto que é ele mesmo. O autor analisa um texto em que os “candidatos” escrevem sobre si e que é destinado, antes de qualquer coisa, a construir um *ethos* valorizador, “o anunciante se esforça para controlar a construção que os leitores farão de sua imagem” (p. 82). O primeiro exemplo que pode ser citado é o de “Nana”, em que não há uma convergência entre *ethos* dito e *ethos* discursivo:

*J'ai 35 ans brune aux yeux bleus aux formes généreuses, j'aime voyager et toutes les bonnes choses de la vie. Je souhaite rencontrer quelqu'un d'attentionné et de généreux, souriant comme je le suis...A bientôt.*

O autor afirma que não há uma correspondência entre o *ethos* dito e o discursivo uma vez que a locutora não mostra em seu discurso de que forma é alguém que gosta “das coisas boas da vida”, por exemplo. Talvez imitando o gênero de anúncios tradicionais de agências matrimoniais, a anunciante esteja pouco à vontade para redigir tal texto. Com base nesse recurso infere-se que, possivelmente, alguns leitores, atentos apenas ao conteúdo, respondam ao anúncio, no entanto, outros, contratando-o com anúncios concorrentes, achem-no superficial e banal – o que pode ser corroborado ou não com outras informações, como o nível de escolaridade da anunciante e, portanto, seu grau de “manejo” da língua.

*Impose ta chance*

*Serre ton bonheur  
& va vers ton risque.  
A te regarder,  
ils s'habitueront...  
VOUS...  
Montrez moi vos mains...  
MOI...  
Les femmes ne sont jamais plus fortes que  
Lorsqu'elles s'arment de leur faiblesse...*

Outro exemplo, bem diferente, é o de uma mulher cujo pseudônimo é Viedeeden (“vida no/de Eden”), em que esse pseudônimo “onírico e metafórico” constrói um *ethos* original, mas enigmático, que é confirmado pelo texto. Recorrendo, então, a uma cenografia literária, a anunciante retoma, de maneira modificada, um fragmento em prosa poética do poeta René Char:

*Impose ta chance, serre ton bonheur et va vers ton risque. A te regarder, ils s'habitueront.*

Assim, segundo o autor, a anunciante joga em três níveis: o da metaenunciação, em que ela é essa mulher (original, inacessível) capaz de redigir o anúncio; o da enunciação, em que sua personalidade profunda é desvendada por meio do *ethos* discursivo (sonhadora, amorosa, poeta); e o do enunciado, em que trata da maneira de apreender a relação entre ela e um homem. Portanto, o leitor deve ser capaz de recuperar o diálogo com o texto de R. Char e aceitar essa mulher como ela se mostra.

Nos dois exemplos, vemos que Maingueneau explora a relação entre *ethos* dito e *ethos* discursivo, na medida em que o enunciador pode tentar criar uma imagem de si, mas esta só se validará em seu modo de dizer, o que contribuirá, conseqüentemente, para a construção do *ethos* discursivo. “No fundo, o que diz a pessoa não importa, é unicamente a maneira de dizer.” (MAINGUENEAU, 2012).

Todavia, com base no nosso *corpus* de análise, entendemos que entre os *ethé* dito e o mostrado opere também um tipo particular de *ethos* que denominamos de semiotizado.

### 1.3.2.2. *Ethos* semiotizado<sup>17</sup>

- *Ethos semiotizado*: no mesmo nível do *ethos* dito (o que o enunciador diz de si) e do *ethos* mostrado (construído por meio de construções verbais), o *ethos* semiotizado, construído por meio de construções não-verbais, ou “produções não-linguísticas”, como denominou Maingueneau, interage com essas duas instâncias para, em seguida, ajudar na construção de um *ethos* efetivo. Com efeito, é importante ter em conta que o *ethos* semiotizado não deixa de ser da mesma ordem do dito e do mostrado, sendo ele uma “subdivisão” de um *ethos* discursivo. Em outras palavras, o *ethos* discursivo advém da interação entre o dito, mostrado e o semiotizado, resultando assim, juntamente com o pré-discursivo, em um *ethos* efetivo. Afinal, para Maingueneau, as práticas intersemióticas são da ordem das práticas discursivas.

Tendo situado a nova categoria dentro da proposição inicial de Maingueneau, passemos à sua teorização. Sobre a importância de se dar tal abordagem ao *ethos*, Soulez (2002, p.14<sup>18</sup>) assevera: “cette sémiotique de l’*énonciation* n’est pas indicielle, comme certains travaux tendent à le proposer, mais relève d’un autre processus interprétatif davantage lié aux stéréotypes sociaux”. Para tanto,

contrairement à ce qu’on pourrait croire, et aux confusions que pourrait entraîner la métaphore de l’“*image*” de soi de l’orateur, l’enjeu n’est donc pas principalement de donner une image visuelle à la voix jusque-là entendue, mais bien plutôt de *se servir d’un corps qui parle* pour arrimer une série d’images morales. (SOULEZ, 2002, p. 25)

Decorre do que precede que o *ethos* semiotizado, como dito anteriormente, é construído a partir do corpo significante do candidato, seja ele visto em fotos, vídeos na internet ou televisão. Evidentemente o *médium* em que circula tal corpo tem suas características próprias, uma vez que, em outra perspectiva teórica Piovezani Filho assevera que

o corpo político/do político na tevê é, portanto, uma imagem procedente de parâmetros técnicos visuais, das escolhas de *mise en image* efetivadas pela instância de realização, e do investimento antropológico e histórico que lhes são atribuídos: escalas dos planos, ângulos, enquadramentos, movimentos de câmera etc. Trata-se, enfim,

---

<sup>17</sup> Categoria analítica pensada por Baronas (2011) em *Ensaio em Análise do discurso: questões analítico-teóricas*. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2011.

<sup>18</sup> Página segundo a própria numeração do programa *Adobe Reader*, já que o documento se encontra sem numeração de páginas.

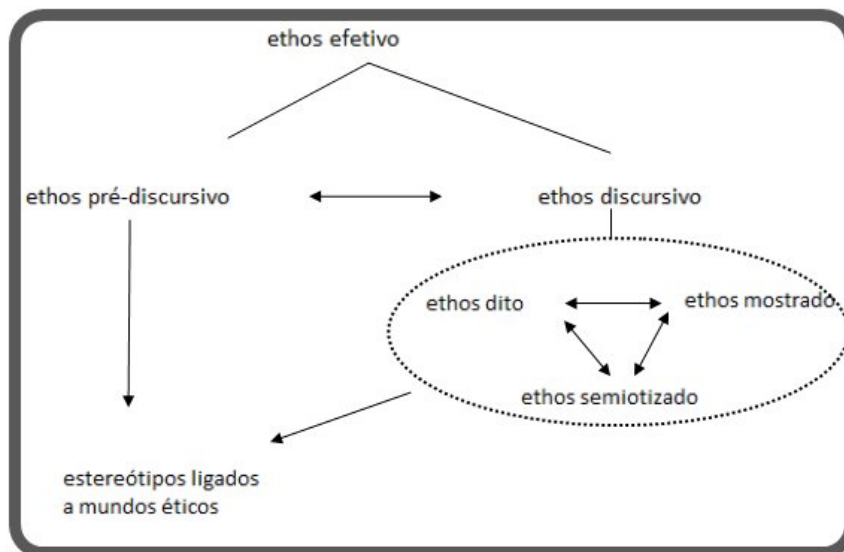
de *uma silhueta* cujos gestos e movimentos foram suavizados e controlados, na conjunção de um processo histórico de longa duração e da emergência de novas tecnologias.” (PIOVEZANI FILHO, 2007a, p. 116)

enquanto que uma foto divulgada pela imprensa é “um suporte inorgânico” (BELTING, 2004). Em consonância ou não com o *ethos* dito e mostrado, essas fotos e vídeos inevitavelmente levam o (e)leitor a construir um *ethos*. Acerca disso, Maingueneau (2012) afirma que “o *ethos* é a articulação entre o corpo e a linguagem. E a linguagem e o corpo fazem parte de uma totalidade que chamam mundo ético”. Em outras palavras,

Fenómenos de órdenes muy diversos, que van desde la elección del registro hasta la estrategia textual, pasando por la modulación, el tono de voz, la posición corporal, la gestualidad y la mirada, intervienen en la producción de la propia figura. Son todos signos *éticos* que pueden ser tomados como marcas enunciativas para investigar el proceso general de incorporación de los sujetos a lo que D. Maingueneau (2002) denomina “un mundo *ético* común”. (DAGATTI, 2012, p. 59)

Como dito alhures, esta pesquisa propõe a análise do *ethos* levando em consideração não apenas os enunciados, mas também as cenografias a que o enunciador recorre, as escolhas lexicais, as vestimentas, o corpo, o tom de voz, etc. Dessa forma, propomo-nos a investigar a constituição da imagem de si construída pelo destinatário a partir de vários índices que não apenas os verbais, seguindo o princípio de que uma semântica global rege e filtra esses índices.

Com isso, propomos que o esquema tradicional delineado por Maingueneau seja refeito. O *ethos* efetivo provém, portanto, da interação entre o *ethos* pré-discursivo e o discursivo, sendo este constituído também pela relação que se dá, de forma não linear, entre o dito, o mostrado e o semiotizado – e todas as categorias são embasadas (e construídas a partir de) por estereótipos sociais a que os sujeitos estão imersos.



Por fim, é importante sublinhar que adotamos a perspectiva de Maingueneau por julgar que sua “deformação de *ethos*” está em consonância com os objetivos propostos pelo trabalho, na medida em que nos permite pensar a construção da imagem de si como uma interação entre muitos pontos: traços de caráter, físico, vestimentas, cenografias adotadas, *ethos* dito, *ethos* mostrado e o *ethos* semiotizado; sem com isso cair na análise de uma psicologia do sujeito empírico ou de uma intencionalidade por parte do mesmo. Nosso objeto de análise, assim como o do autor, é o discurso: “o discurso, através da leitura ou da audição, faz com que o destinatário partilhe de certo movimento do corpo, em um processo de ‘incorporação’ que implica certo ‘mundo ético’, associado a comportamentos estereotípicos”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 80)

# Capítulo 2

*Não é a verdade que vence, é a convicção.*

Machado de Assis em **Esau e Jacó**

## **Da teoria à prática: uma leitura analítica do *corpus***

### **2.1. Do discurso político ao recorte discursivo: a constituição do *corpus***

No capítulo primeiro esboçamos um percurso histórico da Análise do discurso de linha francesa e elencamos seus conceitos pertinentes para, posteriormente, refletirmos sobre o nosso *corpus* de análise. Ligados a toda essa rede conceitual da AD, apresentamos, neste capítulo, o *corpus* da pesquisa, os recortes necessários e, muitas vezes inflexões, que permitiram chegar a ele.

O trabalho de análise de um discurso começa inicialmente por uma pergunta de pesquisa e no mesmo movimento pela constituição do *corpus*. O analista do discurso, à luz de sua questão de pesquisa, delimita, organiza, coleta fragmentos de enunciados mais ou menos homogêneos para submetê-los à análise. Tal *corpus*, longe de ser definitivo e estanque, é apenas o espaço de onde se erigem os objetivos da pesquisa, e tanto estes quanto aquele se ressignificam com as etapas do trabalho, com os sucessivos tratamentos analíticos. Este capítulo da pesquisa trata, portanto, de um *corpus discursivo inicial* e que se modificará e tomará novas formas com as análises, uma vez que só podemos falar no *corpus efetivo* da investigação quando esta se vê finalizada. “Isso implica que a construção de um *corpus* discursivo só possa estar perfeitamente acabada ao final do procedimento”. (COURTINE, 2009, p.115)

Indursky (1997, p. 46) traça um interessante percurso, do *corpus* empírico ao recorte discursivo, para descrever como se dá a constituição do seu recorte de análise, que toma como objeto o discurso político autoritário produzido pelos cinco presidentes militares no período de 1964 a 1984. Segundo a autora, é necessário, inicialmente, distinguir o *corpus empírico*, que em nosso caso é constituído pela totalidade “tomadas de palavras” efetivamente produzidas pelos candidatos a prefeito de São Carlos durante

as eleições de 2008, e o *corpus discursivo*, que será o *objeto* sobre o qual incidirão as análises.

Para que se constitua o *corpus discursivo*, extraem-se sequências discursivas de um “universal discursivo”, entendido por Dubois<sup>19</sup>, conforme sublinha Courtine (2009: 54) e Indursky, como um conjunto potencial de discursos que poderiam ser objeto de tratamento do analista e, para tal extração, é preciso delimitar um *campo discursivo de referência*, que se define como um tipo específico de discurso como, por exemplo, o discurso político.

O *campo discursivo de referência* da presente pesquisa dá-se no enquadramento cronológico que vai de junho a outubro de 2008, do qual tomaremos os discursos dos candidatos a prefeito da cidade de São Carlos como objeto *inicial* de análise. Desse modo, nosso *campo discursivo de referência* é constituído pelo discurso político de cinco candidatos a prefeito: Airton Garcia, Julieta Lui, Oswaldo Barba, Paulo Altomani e Regina Bortolotti.

É no *campo discursivo de referência* que se dá a “coleta” do *corpus*, cabendo ao analista, de acordo com os seus objetivos de análise, selecionar ou excluir o que lhe cabe. Tal seleção conduz o analista do discurso a identificar *sequências discursivas* para integrar o *corpus* discursivo, sendo estas entendidas como o objeto específico da análise, “‘sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase’: é preciso aqui indicar que a própria natureza e a forma dos materiais recolhidos são eminentemente variáveis e que a noção de ‘sequência discursiva’ é uma noção *vaga*” (COURTINE, 2009, p.55). Trata-se da célula mesmo sobre a qual incidirá a ferramenta analítica. As sequências discursivas, dispersas, são organizadas no interior do *corpus* pelo *recorte discursivo*.

Dessa maneira, o *corpus discursivo* é composto de *sequências discursivas* organizadas pelo *recorte discursivo* realizado pelo analista de acordo com suas necessidades analíticas, orientados pela sua questão investigativa.

É preciso salientar que a Análise do discurso não visa à exaustividade em relação ao objeto empírico. Assim, não objetivamos analisar sequências discursivas até o esgotamento do *corpus* e, por isso, estipulamos arbitrariamente certa quantidade de sequências discursivas resultantes de nosso recorte discursivo. Procuramos oferecer uma amostra representativa de cada questão que será objeto de análise, o que faz, para

---

<sup>19</sup> DUBOIS, J. Lexicologie et analyse d'énoncés. *Cahiers de lexicologie*, Didier/Larousse, Paris, n. 15, 1969.

Courtine, de tais sequências as *sequências discursivas de referência*. Portanto, sobre as sequências aqui selecionadas dos candidatos a prefeito incidirão as análises de seus respectivos *ethé*, e estas serão consideradas como representativas e/ou extensivas a todo o discurso político dos candidatos a prefeito de São Carlos nas eleições 2008.

Uma vez estabelecido o embasamento metodológico para a seleção das sequências discursivas e o recorte discursivo, sempre tendo em mente que estes não são fixos e que podem mudar com o decorrer dos exercícios analíticos, ainda podemos frisar que o dado, tomado por Possenti enquanto *corpus*, é “um limite para o delírio” (2004, p. 33). Isso porque o dado existe independentemente do pesquisador. Como o autor sublinha, não se trata de pensar que tal “existência independente” determine as opções e ações do investigador, mas acreditar que essa independência faz com que não se possa fabricar o objeto e, desse modo, e por isso, o *corpus* é “o limite para o subjetivismo desvairado”. Em outras palavras, o *corpus* não pode ser fabricado pelo pesquisador, pois embora não determine os procedimentos a serem seguidos por este, impõe-se a qualquer subjetivismo.

## **2.2. Eleições municipais de São Carlos – 2008**

A escolha pela cidade de São Carlos não é aleatória. Dado o fato de que, durante a minha graduação, estávamos, meu orientador e eu, morando na cidade de São Carlos, começamos a observar um interessante palco político que se delineava, sobretudo pela inscrição do então Reitor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) a prefeito. Estávamos intimamente ligados às questões que ocorriam dentro e fora da Universidade, o que nos fez refletir discursivamente sobre ter tais questões no cerne de uma pesquisa sobre a construção de imagens. Desse modo, em princípios de 2008 a pesquisa deu seus primeiros passos, até que em agosto de 2008, quando a campanha dos candidatos a prefeito teve seu início, a pesquisa pôde se dar coligindo os primeiros materiais de análise. No entanto, para encetarmos efetivamente a conjuntura política de São Carlos em 2008, é preciso voltar. Devemos então, na ilusão da completude do sujeito, traçar o percurso histórico da cidade.

A história de São Carlos tem início no ano de 1831, com a demarcação da Sesmaria do Pinhal. Fundada em 4 de novembro de 1857, a cidade nasceu de algumas



casas ao redor da capela. Seus habitantes, em sua maioria, eram herdeiros da família Arruda Botelho – primeiros proprietários das terras da Sesmaria do Pinhal.

Segundo o site oficial da cidade<sup>20</sup>, São Carlos é elevada à categoria de vila em 1865 e a Câmara Municipal é empossada. “Em 1874 a vila contava com 6.897 habitantes e destacava-se na região pelo seu rápido crescimento e importância regional. Em 1880, passa de vila a cidade e em 1886, com uma população de 16.104 habitantes, já possui ampla infra-estrutura [sic] urbana.”

Em 1831 e 1857 principia a primeira atividade econômica de maior expressão em São Carlos: o cultivo do café. Com isso, São Carlos, bem como toda a província de São Paulo, ascendem em contexto nacional. A lavoura cafeeira e a chegada da ferrovia dão impulso ao desenvolvimento econômico da região. Ao fim do século XIX o movimento de imigração intensifica-se e São Carlos recebe mão-de-obra para trabalhar nas lavouras de café, na manufatura e no comércio.

Em 1880, a vila de São Carlos é elevada à categoria de cidade, graças à instalação da comarca judicial tão reivindicada pelos fazendeiros locais. Dado o intenso movimento de imigração na cidade, a partir de 1889 surgem os primeiros bairros desligados da malha urbana central (Vila Nery, Vila Pureza, Vila Isabel e Vila Prado), constituindo, portanto, um processo de periferização.

Os fazendeiros aplicavam seus lucros na construção de empresas, como bancos, companhia de luz elétrica, sistema de água e esgoto, escola, hospitais, etc., criando condições para a industrialização da cidade. Nas décadas de 1930 e 1940, com a chegada de imigrantes e migrantes de outros centros urbanos, a indústria consolida-se como a principal atividade econômica de São Carlos que, segundo o site da cidade, “chega à década de 50 como centro manufatureiro diferenciado, com relevante expressão industrial entre as cidades do interior do Estado de São Paulo”.

A partir da segunda metade do século XX, com a implantação em abril de 1953, da Escola de Engenharia de São Carlos, vinculada à Universidade de São Paulo (USP), e, na década de 70, com a criação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a cidade recebe impulso tecnológico e educacional. A Fábrica de Motores da *Volkswagen* instala-se na cidade e atrai um número significativo de empresas. Da mesma forma, as empresas já consolidadas no município têm expressiva expansão em suas atividades de produção. Com isso, São Carlos torna-se um polo tecnológico.

---

<sup>20</sup> *História de São Carlos*. Disponível em < <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/historia-da-cidade/115269-historia-de-sao-carlos.html>>. Acesso em jan/2013.

Tendo em vista o sucinto percurso histórico da cidade, que teve por objetivo evidenciar não apenas a história da cidade em si, mas como o município está constituído em termos de economia e educação, uma vez que as empresas da cidade, bem como as Universidades, foram temas constantes nas eleições de 2008, passemos para a constituição do acontecimento histórico em si.

Nos anos 2000, mesmo com a dificuldade do Partido dos Trabalhadores (PT) de recrutar candidatos a vereador e prefeito – devido ainda ao seu caráter militante e sindicalista, em que as pessoas temiam perder seus empregos se estivessem ligadas ao partido – seu candidato a prefeito é eleito. Newton Lima, até então professor da Universidade Federal de São Carlos, concorrera em 1998 como vice-governador na chapa de Marta Suplicy ao governo do Estado. Tendo visibilidade no partido, assumindo inclusive sua presidência, é eleito em 2000 e reeleito em 2004. E é nesse contexto que, em 2008, Newton Lima declara como seu sucessor Oswaldo Barba, que acaba por ser eleito. Na conjuntura nacional, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente da república em 2002 e reeleito em 2006. Ao fim de seu primeiro mandato, mais da metade da população considerava seu governo ótimo ou bom - o que fez com que o PT se fortalecesse nas esferas estaduais e municipais.

Na esteira oposta, Paulo Altomani, candidato do PSDB, iniciou seu processo de candidatura a prefeito em 1992, quando o partido tinha ainda apenas quatro anos de existência. Desde então, lançou-se candidato nas eleições de 1996, 2000, 2004, 2008 e em 2012 – quando foi eleito. Sua derrota em 2008 foi associada, principalmente, à não coligação com o Democratas (DEM), partido que, na esfera federal e estadual, geralmente estava alinhado ao PSDB. O DEM lançou, naquele ano de 2008, a candidatura de Airton Garcia – vice-prefeito de São Carlos de 1997 a 2000. No entanto, o PSDB por si só já se fazia de peso, sobretudo no Estado de São Paulo, uma vez que o partido estava à frente do governo do Estado há 16 anos – desde Mário Covas, a Geraldo Alckmin e José Serra. Com isso, o partido também se fortalecia.

Em 06 de julho de 2008 foi iniciada a campanha dos candidatos, com carros de som, comícios e “santinhos” na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Cidade, na época, com aproximadamente 218 mil habitantes e cerca de 150 mil eleitores, dos quais 133 mil foram às urnas naquele ano. De 19 de agosto a 04 de outubro foram realizadas as propagandas eleitorais na mídia por meio da televisão, rádio e internet, nos quais os

candidatos tiveram a oportunidade de apresentar suas propostas, bem como debaterem entre si. As eleições ocorreram no dia 05 de outubro, não havendo 2º turno.

Cinco candidatos disputaram a vaga ao cargo de prefeito da cidade. Foram eles: Airton Garcia Ferreira, da coligação *A Força do Povo*, formada pelos partidos PTN, PSL, PP, PRTB e DEM; Airton é empresário, foi vice-prefeito e ocupou o cargo de prefeito por dois meses em 2002. Julieta Lui, candidata pela coligação *Frente de esquerda socialista*, formada pelos partidos PSOL e PSTU; Julieta é professora do ensino fundamental na rede estadual e foi vereadora por quatro mandatos. Maria Regina Silva Bortolotti, sem coligação e candidata pelo PSB; é formada em Ciências Sociais e Direito, é advogada, ocupou o cargo de vereadora e de secretária de agricultura e meio ambiente. Oswaldo Baptista Duarte Filho, candidato da frente *O Trabalho Sério Vai Continuar*, formada pelos partidos PC do B, PMDB, PT, PDT, PR, PTB, PRP, PSC e PTC; Barba é mestre e doutor em engenharia, professor de ensino superior e foi reitor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) por dois mandatos. Por fim, Paulo Roberto Altomani, candidato pela coligação *Agora é São Carlos*, formada pelo PSDB, PV, PPS, PT do B, PMN, PHS e PSDC; é empresário e formado em engenharia de materiais.

Com 43.888 votos (35,41%), Oswaldo Barba foi eleito como prefeito da cidade de São Carlos. Em segundo lugar ficou Paulo Altomani, com 41.354 votos (33,36%), seguido de Airton Garcia com 36.982 votos (29,83%). Juntos, os três candidatos totalizaram 98,6% dos votos válidos, restando à candidata Julieta Lui 1.008 votos (0,81%) e à candidata Regina Bortolotti 724 votos (0,58%).

Apesar de as eleições na cidade de São Carlos em 2008 contarem com cinco candidatos, trazemos para este estudo apenas três, de forma a não torná-lo demasiado extenso, uma vez que os fenômenos discursivos presentes nos três mobilizados se mostraram recorrentes nos dois preteridos. Para isso, focalizamos os candidatos Oswaldo Barba, Airton Garcia e Paulo Altomani. Ademais, a escolha pelos três candidatos mais votados deve-se ao fato, principalmente, da dificuldade na coleta de materiais das duas candidatas. Além disso, tentamos pensar nesta pesquisa mais amplamente sobre a adesão dos sujeitos a mundos éticos e, dessa forma, pareceu-nos interessante ter em conta o número de votos.

### 2.3. A seleção e o recorte do *corpus*

Para compor o arquivo deste trabalho, selecionamos, em um primeiro momento, a entrevista dada à rádio UFSCar em setembro, o debate feito pela EPTV em setembro e as campanhas eleitorais disponíveis no site YouTube. Como a entrevista à rádio, o debate e os vídeos do YouTube foram analisados a partir de arquivos de áudio, optamos por transcrever os enunciados na pesquisa respeitando as marcas dos sujeitos tanto em relação à oralidade quanto a uma possível inadequação à forma padrão da língua.

A entrevista da rádio foi gentilmente gravada em DVD pelos funcionários da rádio para esta pesquisa. As entrevistas foram feitas ao vivo e contaram com perguntas enviadas por ouvintes da emissora, moradores da cidade, alunos e funcionários da UFSCar, de 15 a 19 de setembro. Grande parte de todas as entrevistas foram transcritas, de modo a facilitar o recorte do *corpus*.

O debate com os candidatos na EPTV, transmitido pela rede Globo em setembro de 2008, foi composto por cinco blocos – quatro de perguntas e um de considerações finais – com a participação de um “moderador”, que além de fazer o sorteio de perguntas e de pessoas a responder e perguntar, ainda informava o tempo de resposta. O debate foi gravado em VHS e posteriormente digitalizado para facilitar o tratamento das imagens, bem como a transcrição. Esta foi feita integralmente.

Além disso, selecionamos algumas campanhas disponibilizadas no YouTube por Paulo Altomani e Airton Garcia – únicos candidatos a situar suas campanhas no site. Tais vídeos, embora façam parte de suas campanhas, são completamente diferentes. Suas especificidades serão descritas e analisadas em momento apropriado, uma vez que corroboram para a construção do *ethos* de cada candidato.

Todo o material supracitado foi compilado e mantido no Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais, LEEDIM, onde estará disponível para consultas e pesquisas posteriores, no site [www.ufscar.br/leedim](http://www.ufscar.br/leedim).

O grande arquivo desta pesquisa constitui-se de debates e entrevistas divulgados em diferentes meios e que foram posteriormente transcritos. É desse grande arquivo que foram recortadas as sequências discursivas tratadas no subtópico a seguir.

Para o recorte, foram selecionadas quinze sequências discursivas. A pergunta norteadora do trabalho “como se constitui o *ethos* no discurso político dos candidatos a

prefeito de São Carlos?” também norteou o recorte de tais sequências. Com isso, o *corpus* de fato adveio de sequências nas quais sobressaíam a construção de uma imagem de si, seja ela pela construção de um mundo ético a ser aderido, pela escolha lexical ou mesmo a que instituições o candidato evoca para legitimar seu discurso.

De forma mais específica, é possível afirmar que o primeiro recorte realizado em meados de 2009 para a iniciação científica<sup>21</sup> foi apenas temático: foram selecionadas sequências em que os cinco candidatos apresentavam suas propostas acerca de saúde, geração de empregos, segurança, educação e moradia (melhorias habitacionais). No entanto, tal recorte mostrou-se improdutivo, pois em alguns casos não havia indícios de construção de um *ethos* ou tais indícios não eram significativos para a análise discursiva proposta nesta pesquisa e descrita no capítulo seguinte. Ao mesmo tempo, o recorte, por estar limitado a um eixo temático, não permitia que outras sequências importantes e/ou interessantes em termos de construção de *ethos* emergissem. Desse modo, decidimos tornar o recorte menos “engessado” e fazê-lo apenas no que tange à construção de imagens, sem que precise haver um tema norteador para tal.

Metodologicamente, criamos algumas legendas. Essas legendas, indicadas por parêntesis na frente das sequências discursivas, são compostas por uma letra do nome do candidato, pelo número da sequência dentro do *corpus*, pelo número da sequência de análise e pela primeira letra do meio em que o enunciado foi retirado: R – Rádio, D – Debate e Y – YouTube. Ou seja: uma segunda sequência do candidato Airton Garcia retirada do debate e que vem depois de outras quatro sequências na análise terá entre parêntesis a inscrição v) (A2-D). Tais legendas são necessárias a título de organização e para facilitar o acompanhamento das análises do *corpus*, bem como a ação de demarcar de onde foram recortadas as sequências facilita a explicitação das variações de cena genérica e cenografia dos candidatos.

Nosso *corpus* “*imagético*” é composto por imagens divulgadas em mídias online, especificadas nos próximos subtópicos, fotos divulgadas na campanha dos candidatos e de imagens congeladas a partir do debate da EPTV e dos vídeos do YouTube. Assim, o *corpus* é composto por imagens em movimento tanto do debate quanto dos vídeos, que tiveram de ser capturadas pelo analista e acabaram obtendo um caráter de fotografia. Tais imagens são pertinentes para a análise uma vez que associam

---

<sup>21</sup> <sup>21</sup> A pesquisa tinha por título “A constituição do *ethos* no discurso político dos candidatos a prefeito de São Carlos, eleições 2008” e foi realizada com o apoio da FAPESP de dezembro de 2009 a dezembro de 2010.

ao discurso e à voz, um corpo. No entanto, assim como uma foto vinculada em um jornal tem o olhar subjetivo de quem a escolheu para estar ali, corremos o risco de congelar tais imagens e dar a elas o caráter subjetivo do olhar do analista. Ainda assim, é importante salientar mais uma vez, tais imagens eram essenciais para a análise dos *ethé* semiotizados dos candidatos.

Cumprir dizer que isso não decorre que um nível de análise seja mais importante que outro. Apenas partimos de um ponto para chegar a outro: partimos da *hipótese de ethos* ancorados, em boa medida, em um *ethos* pré-discursivo; é assim que um primeiro *ethos* que se mostrava do candidato Oswaldo Barba era o do *homem inteligente*, no entanto, passando para o próximo nível de análise – as cenografias mobilizadas pelo fiador para legitimar seu discurso – foi possível perceber que “o homem inteligente” era uma cenografia que legitimava um *ethos*.

Em um terceiro passo, prosseguimos com a análise do *ethos* dito e mostrado, em que, juntamente com as escolhas lexicais, foi sendo formado um *ethos* discursivo: no caso, o *ethos de credibilidade*. Porém, para que esse *ethos* fosse efetivamente construído, ainda carecia analisar o *corpus* imagético, no qual as imagens dos candidatos – corpo, rosto, vestimentas, etc. – corroborariam para a construção do *ethos de homem digno de crédito* de Oswaldo Barba. Nesse caso, o uso de ternos e gravatas, bem como um sorriso comedido, foram índices importantes, como veremos. É importante dizer que os índices icônicos que levam à construção de um determinado *ethos* semiotizado não operam sempre da mesma forma. Como veremos nas nossas análises, a barba branca do candidato Airton Garcia não produz o mesmo tipo de *ethos* do que a barba branca do candidato Oswaldo Barba.

Portanto, objetivamos esmiuçar a relação intrínseca que tem o discurso e a corporalidade do candidato para evidenciar, de certa forma, que não se pode mais falar em estudo do *ethos*, dentro da Análise do discurso de linha francesa, sem falar em todos os pontos que o tocam e que, dessa forma, corroboram ou não para formar a imagem de si. Assim, neste trabalho, defenderemos não só a análise dos discursos mobilizados para o *corpus*, mas também toda uma corporalidade e um mundo ético que emanam das fotos e de outros recursos semióticos mobilizados em distintas materialidades significantes.

## 2.4. Apresentação do recorte das sequências verbais

Optamos por trazer os recortes no corpo do texto como forma de facilitar aos leitores o acesso ao material analisado. Cremos que se os dispuséssemos em documento anexo, comprometeríamos, entre outras questões, a linearidade da leitura.

### 2.4.1. *Airton Garcia*

(A1-R) Olha, o NAI foi inaugurado na minha administração, eu fui prefeito durante dois meses e, no final de 2000, e eu que asfaltei ali o caminho do NAI, o NAI foi inaugurado quando eu era prefeito.

(A2-R) Eu fiz um bairro em São Carlos há 25 anos atrás e todo mundo criticou, todo mundo falou mal, e hoje esse bairro ostenta o menor índice de criminalidade de São Carlos. Então muita gente pode pensar mas será que é alguma mágica? Será que é algum truque? Num é não.

(A3-D) Olha, eu queria dizer o seguinte, eu sempre fiz muito melhoramento, muito asfalto, só na Cidade Aracy eu como pessoa física, não como vice-prefeito, porque vice-prefeito não assina, vice-prefeito não faz nada, eu fiz 500mil metros de asfalto na Cidade Aracy, Antenor Garcia e Color, eu fiz 100km de água e esgoto, eu fiz 55km de rede de energia elétrica. Talvez eu tenha sido a única pessoa física que fiz mais asfalto em São Carlos do que qualquer prefeito que já passou hoje por aqui.

(A4-R) Eu queria dizer o seguinte: a minha candidatura ela não é uma candidatura porque alguma pessoa quer que eu seja candidato, é uma candidatura que brota na rua, o nome dela é a *força do povo* e ela é do povo. Eu sempre ajudei assim essas pessoas simples e essa parcela da população, que é a grande maioria de São Carlos, ela tá muito abandonada. (...)

(A5-D) O que que eu quero fazer na minha cidade? Eu quero fazer um choque de injeção, eu quero cortar tudo o que é supérfluo, tudo que é bagunça, e quero aplicar todo esse dinheiro com muita economia no essencial. Eu quero fazer em São Carlos igual aquela dona de casa que recebe o salário e compra todas as coisas necessárias, e a dona de casa que age assim o seu filho não passa necessidade e nem a família passa vergonha.

(A6-Y) Muita gente quer entrar na política pra se acertar, pra se locupletar da coisa toda. O meu caso é bem diferente. Eu tive muito sucesso na minha vida, tenho um patrimônio maior do que eu mereço. Pra você ter uma ideia, eu faço a campanha com

dinheiro do meu bolso, eu não quero ficar de rabo-presos com nenhuma firma que vá depois cobrar da população todos esses gastos de campanha.

(A7-R) Olha, eu quero aproveitar sim todas as construções, todos os prédios de igrejas, de empresas, de sindicatos, tudo o que for disponível em São Carlos. Tem igreja que não tem condições de ajudar, mas têm igrejas em São Carlos muito bem estruturada, com bastante espaço físico, e muito boa vontade de todo mundo pra fazer, assim, este projeto, que vai melhorar a vida de todos aqueles são-carlenses, que passam hoje por uma série de dificuldades.

(A8-Y) Hoje termina o programa eleitoral, amanhã é dia de debate. Eu preciso que você faça uma corrente, uma corrente de pensamento positivo, pra que Deus me ajude a ir bem nesse debate. Agora pra mim ganhar as eleições, eu preciso do seu voto, você que torce pro Aírton.

(A9-Y) Não vai faltar creche pra nenhuma criança em São Carlos, mas eu quero fazer essas creches principalmente em parceria com as igrejas.

(A10-D) Então, na minha administração, eu quero fazer palco de show fixo em quatro cantos de São Carlos, onde tenha assim a estrutura de concreto, o negócio todo do som, banheiros...Eu quero que pra se fazer shows, é só ligar a tomada. Eu quero por exemplo fazer show com artistas famosos, eu quero fazer show com pessoal da cidade, incentivar as nossas duplas, e eu quero que esses palcos sirvam pra fazer eventos religiosos.

(A11-R) Então eu como prefeito eu vou combater as causas, eu quero deixar São Carlos com um índice de falta de casa zero, eu quero que não tenha uma pessoa que não tenha um cantinho pra morar, eu quero correr atrás de empregos.

(A12-R) Mas eu já disse e vou repetir de novo: eu vou terminar o Hospital Escola por um terço do que eles gastaram. Eu vou dizer o seguinte: se eles construíram lá uns cinco mil metros com quinze milhões, eu vou fazer cinco mil metros com cinco.

(A13-R) Olha, eu falo todo dia em alto e bom som que eu vou baixar o preço do IPTU no primeiro dia do governo, no dia da posse, no meio da posse, eu já vou levar uma documentação pronta mandando para a câmara municipal a redução do IPTU, a redução do preço da água e do esgoto que tá um absurdo em São Carlos.

(A14-R) (...) o preço das obras de São Carlos hoje são extremamente altos, as pessoas acham que fazendo uma coisa que a população precisa, pode cobrar três, quatro, cinco vezes mais e isso daí é um absurdo.

(A15-D) Então a população de São Carlos tem que saber a verdade e este é o medo que eles têm fazendo essas acusações absurdas a meu respeito. Se morreu uma pessoa



afogada numa represa, eles vêm aí falar que eu sou homicida, que eu sou lesa pátria, pede pra população abrir as internet e ver que eu não tenho nada que eles tão me acusando.

#### **2.4.2. Oswaldo Barba**

(O1-R) Nós, com a construção do segundo módulo cuja terraplanagem já está feita e o processo licitatório também já está em andamento, eu vou concluir esse segundo módulo que terá cento e noventa leitos, UTI e centro cirúrgico, e aí nós teremos um grande hospital público em São Carlos.

(O2-R) Então nós vamos fazer todo um trabalho de interação com a ARTESP pra que ela possa justamente fazer a marginal e aliviar o fluxo que hoje passa pelo centro da cidade. Primeiramente nós precisamos articular a marginal que vai do Jóquei Clube até a Getúlio Vargas, se nós conseguirmos fazer essa marginal junto com a ARTESP nós vamos aliviar o trânsito da região central.

(O3-R) Vamos continuar adaptando essas escolas, reformando seus edifícios. Vamos continuar capacitando os professores. Nós vamos implantar o plano de cargos e salários que foi aprovado na administração atual e que está em fase de implantação, nós vamos acelerar essa implantação. (...)

(O4-R) A saúde você que está me ouvindo sabe que é um problema em todas as cidades brasileiras e aqui em São Carlos obviamente não vai fugir à regra. Porém muito se investiu e muito se fez na área da saúde nesses últimos anos. Na administração atual foram construídos nove postos de saúde, foi implantada a descentralização do atendimento de saúde.

(O5-D) Nós vamos trabalhar em vários segmentos, nós vamos dar continuidade a todo trabalho de infraestrutura que vem sendo feito nas grandes avenidas (...)

(O6-D) Interessante que o candidato fala em geração de emprego, só nos últimos sete anos nós criamos na cidade 17,5 mil empregos - a 3ª cidade em geração de empregos.

(O7-R) Eu como reitor da UFSCar, a comunidade, a população sabe que procurei ao longo da minha administração fazer várias parcerias com a cidade de São Carlos e que visavam e visam aproximar cada vez mais a Universidade da cidade e também a cidade da Universidade (...)

(O8-R) Você sabe que o Hospital Escola foi uma parceria da prefeitura com a Universidade Federal de São Carlos, inclusive quando eu estava como reitor. O Hospital Escola é uma necessidade da cidade de São Carlos para o atendimento da população e também ele é extremamente importante pra própria Universidade Federal porque ele abre a perspectiva de aprimoramento na formação dos nossos profissionais aqui da área de saúde. O Hospital Escola ele veio em decorrência da criação do curso de medicina pela Universidade Federal de São Carlos, curso este que eu tive a honra de poder implantar na minha administração. E eu vou concluir o Hospital Escola na minha administração como prefeito de São Carlos.

(O9-D) Além disso, em ensino profissional eu posso falar, porque eu trouxe o CEFET pra São Carlos, eu como reitor trouxe o Centro Federal de Educação Tecnológica que já está funcionando no campus da Universidade oferecendo cursos profissionalizantes pra cidade, porque é isso que a juventude precisa.

(O10-D) Além disso lá tem recursos pra construção, tem recursos pra Proab, e tem outros recursos que nós vamos captar, porque nós temos credibilidade, eu consegui trazer como reitor da UFSCar, 71 milhões de reais nos últimos três anos que permitiram com que eu pudesse expandir a UFSCar, de uma forma que nunca antes tinha ocorrido na sua história. Só na minha administração como reitor eu implantei 30 cursos novos, e portanto com recursos que eu fui buscar fora, eu tenho credibilidade pra fazer isso, junto ao Congresso Nacional, junto ao Governo Federal.

(O11-D) Eu não vou enumerar a quantidade de projeto nem o número dos processos. Isso qualquer cidadão entra no site do Tribunal e ele vai ter. O que ele tá dizendo é que a dívida é de 300 milhões e isso também é muito fácil pra você, cidadão são-carlense, entre no site da prefeitura, vai verificar que a dívida não é essa que ele tá falando. Aliás, ele é pródigo em inventar números e fazer propostas mirabolantes e impossíveis de serem executadas.

(O12-D) Eu tenho certeza que com a ficha, que com a quantidade de processos que o Airton Garcia tem, dificilmente ele vai conseguir trazer recursos pra nossa cidade. Portanto, o que tá no orçamento é aquilo que é possível dentro dos recursos e das contas que temos que pagar.

(O13-D) Realmente a candidata Regina tem razão em tudo o que tá dizendo. As pessoas têm que responder até por todo o histórico da sua vida. A segurança pública em São Carlos é algo que vem sendo melhorado com a colaboração da prefeitura e nós não podemos esquecer que a segurança e a prefeitura deve ser ocupada por pessoas que

tenham respeitabilidade. O que nós vemos aqui são candidatos inclusive em comum - o candidato Paulo Altomani e o Airton Garcia.

(O14-D) Basta entrar no site da EPTV, vocês vão ver – nós vamos ter aqui em São Carlos a 1ª empresa de semicondutores do Brasil, eu diria da América do Sul, vai gerar 700 empregos e um investimento que vai gerar 1 milhão de dólares, isso tudo anunciado na grande imprensa no dia de hoje. A cidade de São Carlos realmente preparou o seu futuro, nós estamos preparando o futuro, e eu tenho certeza que com o preparo que foi feito na administração atual, eu na minha administração vou dar um grande salto no desenvolvimento da cidade, que começou hoje, com a implantação dessa empresa no Parque Dahma, parque ecotecnológico.

(O15-D) realmente a prefeitura investiu e investiu bastante. Construiu 3555 moradias na cidade de São Carlos, portanto, vem fazendo a sua parte. E ele precisa de parceria, parceria do Governo do Estado, parcerias do Governo Federal, essas parcerias que eu vou continuar buscando. Já temos o compromisso da Caixa Econômica Federal, com 40 milhões de reais justamente pra viabilizar a construção das casas populares na nossa cidade.

### ***2.4.3. Paulo Altomani***

(P1-D) Não vai ficar um menino da periferia de São Carlos nas ruas, sem esperança, todos eles vão ser profissionalizados, vão ter direito ao conhecimento das profissões e dos ofícios, porque o meu avô me dizia “Paulino, nunca um artesão passa fome”. Foi assim que eu comecei trabalhando como sapateiro, depois como auxiliar numa indústria de móveis. Eu sou chão de fábrica, eu não sou teórico da universidade.

(P2-D) (P2-D) E na área da educação, que o PT deixou aí pro fundo do poço, nós vamos melhorar os salários do professor, vamos valorizar o professor. Porque eu acredito que depois dos meus pais Ludovico e Jandira, Maria Aparecida Basuque Porto foi a pessoa mais importante na minha vida, minha professora de 1º grau. Então nós vamos limpar os cargos de confiança e valorizar você servidor público municipal.

(P3-D) Eu vou valorizar o professor. Eu acho que, eu acredito, que o professor depois dos pais é a pessoa mais importante na vida da criança. Eu respeito muito a professora Julieta Lui como mãe, como professora, o valor que a senhora representa na sua cidade de São Carlos...

(P4-D) [quero] Agradecer a todos vocês católicos, evangélicos, espíritas, que rezaram pela recuperação do meu neto João Bento. Ele já está respirando sem aparelhos, ele já está abrindo os olhos, e se Deus quiser, com a ajuda de Deus, com muita oração nós vamos ter o João Bento de volta na nossa casa.

(P5-Y) Eu sou muito grato à cidade de São Carlos porque ela me deu tudo o que eu tenho. Me deu a oportunidade de estudar e me formar engenheiro, me deu a oportunidade de criar uma grande empresa, que hoje gera trabalho para centenas de são-carlenses. São Carlos me deu também o meu maior presente: aqui, conheci minha esposa Alice, me casei com ela, tivemos quatro filhas maravilhosas, e agora temos dois netinhos para aumentar ainda mais a nossa felicidade. Eu quero ser prefeito porque quero deixar para as minhas filhas e netos e para todas as crianças e jovens de São Carlos uma herança muito valiosa, fruto do trabalho de todos nós. Essa herança que temos o dever de legar para as nossas futuras gerações.

(P6-D) Eu sei com a minha experiência de administrador na iniciativa privada a fazer uma coisa muito importante na cidade: como gerar emprego, emprego de qualidade, emprego de alto salário, emprego de boa saúde, emprego que dá uma boa educação para os filhos, emprego que respeita o cidadão, emprego que traz orgulho pra quem trabalha na empresa, veste a camisa da empresa.

(P7-D) Nós vamos enxugar os cargos de confiança e investir em prioridade: vai ter o diretor, e vai ter o secretário como cargo de confiança, da chefia pra baixo nós vamos aproveitar todos vocês funcionários públicos municipais de carreira que eu vou tratar com o maior carinho, com o maior entusiasmo, como eu trato os meus funcionários na empresa, dando uma cesta básica, dando um plano de saúde pra vocês, um tratamento odontológico pra vocês extensivo aos familiares, um plano de cargo de salário. Fazer com que vocês, através da motivação e do prestígio e do respeito do prefeito e do vice Bragatto, vocês possam prestar um bom serviço pra população de São Carlos.

(P8-D) como empresário e administrador há mais de 30 anos em São Carlos, eu sei exatamente o que as empresas exigem pra se instalar em uma nova cidade.

(P9-D) a prefeitura está pagando 0,28 centavos o pãozinho de leite de 30g, eu como administrador na minha empresa eu pago 0,15 centavos. Eu tenho aqui 3 orçamentos de supermercados e padarias por 0,15 centavos. Agora em setembro a prefeitura gastou mais de 192mil reais e comprou 700 mil pãezinhos, ela poderia ter comprado por 100 mil reais e economizado 92 mil reais. Imagine em 380 milhões, quanto não se poderia economizar.

(P10-Y) Vamos mostrar aos investidores as vantagens que São Carlos oferece: temos uma localização privilegiada, rodovias de primeiro mundo, água e energia elétrica em abundância, e um enorme potencial para a formação de mão-de-obra qualificada. E mais: vamos criar uma política de incentivos fiscais, bastante atraente para os novos investidores da indústria, do comércio, do setor de serviços, e do agronegócio também. Eu sou industrial e sei muito bem o que realmente interessa para as empresas e o que elas exigem para se instalarem numa nova cidade.

(P11-R) (...) eu pude sair de daqui de dentro da Universidade. Através de uma pesquisa que eu fiz na USP, em ácidos inoxidáveis, formei a primeira empresa de base tecnológica chamada Engemasa (...). Então pra mim é um prazer muito grande voltar à casa, tá falando com toda comunidade acadêmica como ex-professor daqui.

(P12-Y) Vamos trabalhar para criar os incentivos necessários, para que essas empresas, realmente, venham para cá trazendo novas oportunidades de emprego para os nossos trabalhadores. O trabalho traz dignidade para o ser humano, e é essa dignidade que queremos para todos os nossos irmãos são-carlenses.

## **2.5. Apresentação do recorte das sequências não-verbais**

### ***2.5.1. Airton Garcia***

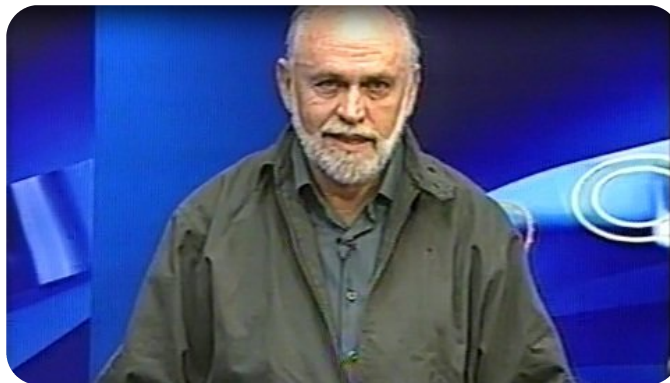


Figura 1 (congelada) - debate da EPTV



Figura 2 – Jornal *Primeira página*<sup>22</sup>



Figura 3 – Jornal *A folha paulista*<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.jornalpp.com.br/>>. Acesso em dez/2012.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.afolha.com.br/>>. Acesso em dez/2012.



Figura 4 – Imagem da urna eletrônica



Figura 5 – Jornal *São Carlos Agora*<sup>24</sup>: no dia da eleição

### ***2.5.2. Oswaldo Barba***



Figura 6 (congelada) – debate da EPTV

---

<sup>24</sup> Disponível em:< <http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2008/10/05/1899/melhores-colocados-nas-pesquisas-vao-as-urnas/>>. Acesso em: dez/2012.



Figura 7 – Jornal São Carlos Agora<sup>25</sup>: dia da eleição

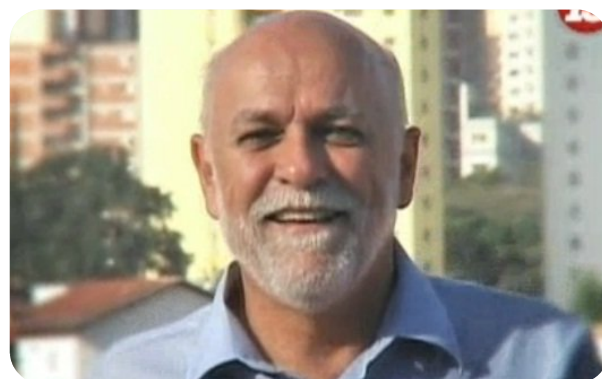


Figura 8 (congelada) – vídeo do YouTube<sup>26</sup>



Figura 9 – Blog do vereador Dé Alvim<sup>27</sup>: dia da posse com Newton Lima

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2008/10/06/1906/galeria-de-fotos-das-eleicoes-2008/?page=2>>. Acesso em dez/2012.

<sup>26</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=t\\_nEJpb6bOI](http://www.youtube.com/watch?v=t_nEJpb6bOI)> . Acesso em dez/2012.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://vereadordealvim.blogspot.com.br/>>. Acesso em: dez/2012





Figura 10 – Imagem da urna eletrônica

### 2.5.3. Paulo Altomani



Figura 11 – Jornal *Primeira Página*<sup>28</sup>

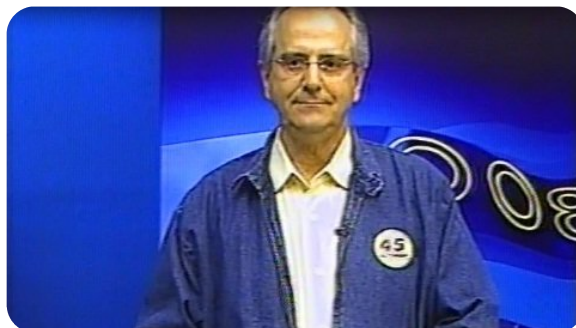


Figura 12 (congelada) – debate da EPTV

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.jornalpp.com.br/>>. Acesso em dez/2012.



Figura 13 (congelada) – vídeo do YouTube<sup>29</sup>



Figura 14 – *Jornal São Carlos Agora*<sup>30</sup>: com a esposa, dia da eleição



Figura 15 – Imagem da urna eletrônica

<sup>29</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=IB63gtBHvFI>>. Acesso em: dez/2012.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2008/10/05/1899/melhores-colocados-nas-pesquisas-vao-as-urnas/>>. Acesso em dez/2012.

# Capítulo 3

*Mas, onde cessava ali a realidade e  
começava a aparência? Vinha de tratar  
com um infeliz ou um hipócrita?*  
Machado de Assis em **Helena**

## **Análise do *corpus*: a constituição do *ethos***



Figura 16 – Jornal São Carlos Agora<sup>31</sup>

### **3.1. Airton Garcia: o homem do povo**

*“Tenho um patrimônio maior do que eu mereço”* Airton Garcia

A construção da imagem de “bom gestor” vem da necessidade, no discurso político, de se mostrar passível de crédito. O político deve ser digno de crédito e, por isso, deve tentar responder à seguinte questão: como fazer para ser aceito? Para isso, ele deve criar uma imagem que corresponda a essa imagem de crível. Para Charaudeau (2008), a credibilidade repousa sobre um poder fazer, e mostrar-se crível é apresentar provas de que se tem esse poder. Para Piovezani Filho, isto se deve ao fato de que os candidatos tentam romper com o estigma de que políticos são mentirosos:

---

<sup>31</sup> Disponível em: < <http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2008/10/05/1899/melhores-colocados-nas-pesquisas-vaio-as-urnas/>>. Acesso em: jan/2013

Diante desse descrédito sofrido pelo discurso político, quando confrontado à eficiência de uma ação efetiva, que poderia ser sintetizado numa seqüência bastante corriqueira como “Esses políticos só **falam**, mas não **fazem** nada!”, uma das estratégias mais freqüentes de seu enunciador é a de antecipar-se ao preconceito que lhe ronda, tentando construir para si um *ethos* competente e empreendedor. (PIOVEZANI FILHO, 2007b, p. 113)

Para além e aquém dos preconceitos que rondam os políticos está o fato de que estes devem necessariamente dar provas cabais de sua eficiência e eficácia à frente de determinado comprometimento que seja público ou privado. Por meio dos discursos de Airton Garcia nos recortes i e ii é construído um *ethos* de gestor experiente por intermédio de duas “experiências” que podem legitimar o seu discurso. Uma delas é o fato de ter assumido a prefeitura, já que era então o vice-prefeito, por dois meses e, dessa forma, tenta legitimar seu discurso com os “bons feitos” que fez no respectivo período. A outra experiência que o ajuda a construir a imagem de bom gestor - além da imagem de homem generoso, como veremos adiante - é a de fundador do bairro Cidade Aracy. Sendo o candidato dono de muitas terras em diversas partes do país, Airton “doou o terreno aos mais necessitados”. Podemos então afirmar que o enunciador valida a sua enunciação construindo a imagem de bom gestor por ter sido prefeito e por ser fundador “do próprio bolso” de um bairro:

- i) (A1-R) Olha, o NAI foi inaugurado na minha administração, eu fui prefeito durante dois meses e, no final de 2000, e eu que asfaltei ali o caminho do NAI, o NAI foi inaugurado quando eu era prefeito.
- ii) (A2-R) Eu fiz um bairro em São Carlos há 25 anos atrás e todo mundo criticou, todo mundo falou mal, e hoje esse bairro ostenta o menor índice de criminalidade de São Carlos. Então muita gente pode pensar: mas será que é alguma mágica? Será que é algum truque? Num é não.
- iii) (A3-D) Olha, eu queria dizer o seguinte, eu sempre fiz muito melhoramento, muito asfalto, só na Cidade Aracy eu como pessoa física, não como vice-prefeito, porque vice-prefeito não assina, vice-prefeito não faz nada, eu fiz 500mil metros de asfalto na Cidade Aracy, Antenor Garcia e Color, eu fiz 100km de água e esgoto, eu fiz 55km de rede de energia elétrica. Talvez eu tenha sido a única pessoa física que fiz mais asfalto em São Carlos do que qualquer prefeito que já passou hoje por aqui.

Levando em consideração os três planos de *ethos* a que nos propomos investigar neste trabalho, passemos, então, à análise do *ethos* dito, mostrado e semiotizado do candidato Airton Garcia. Para isso, recorreremos às cenografias trazidas às cenas, uma vez que

a cenografia, como o *ethos* que dela participa, implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la(...) (MAINGUENEAU, 2011, p. 77)

É importante sublinhar que não mobilizamos todas as cenografias de todos os candidatos analisados aqui. Isso se deve ao fato de que para a construção do *ethos* de um fiador, às vezes, a cenografia é o nó fundamental, enquanto que, para outro, é a sua vocalidade e o seu tom que determinam o *ethos*. Portanto, fomos conduzidos pelas sequências discursivas e o que delas emergiu. Na análise de *ethos* do candidato Airton Garcia as cenografias tiveram papel de destaque. Já para os outros dois candidatos, o *ethos* dito e mostrado se sobressaiu e, ao mesmo tempo, o semiotizado dos três corroborou fortemente com a construção do *ethos*.

Airton Garcia, em suas campanhas no YouTube, na entrevista à rádio e até mesmo no debate exprime-se como um homem do povo. Com isso, é possível localizar algumas cenografias que constantemente validam e são validadas em seu discurso, como o homem humilde, o homem generoso, o homem religioso. Tais cenografias implicam um *ethos* dito e mostrado<sup>32</sup> de homem do povo, que supõe uma definição implícita do que é *ser* do povo.

iv) (A4-R) Eu queria dizer o seguinte: a minha candidatura ela não é uma candidatura porque alguma pessoa quer que eu seja candidato, é uma candidatura que brota na rua, o nome dela é a *força do povo* e ela é do povo. Eu sempre ajudei assim essas pessoas simples e essa parcela da população, que é a grande maioria de São Carlos, ela tá muito abandonada. (...)

---

<sup>32</sup> Trabalhamos especificamente aqui com as duas ordens de *ethos* juntas porque, neste caso, não se via uma fronteira nítida entre ambas ou se se via, esta não apresentava maiores contribuições em termos de constituição do *ethos*.

v) (A5-D) O que que eu quero fazer na minha cidade? Eu quero fazer um choque de injeção, eu quero cortar tudo o que é supérfluo, tudo que é bagunça, e quero aplicar todo esse dinheiro com muita economia no essencial. Eu quero fazer em São Carlos igual aquela dona de casa que recebe o salário e compra todas as coisas necessárias, e a dona de casa que age assim o seu filho não passa necessidade e nem a família passa vergonha.

Ao considerarmos que o estereótipo de “homem humilde” aceito na sociedade é aquele que não é ganancioso, que pode ter poucos recursos financeiros, que não visa ser superior a ninguém, etc.; vemos em iv e v a cenografia desse homem humilde, pois a “candidatura brota na rua” e ela é do povo, não é só dele, é o povo que o quer como candidato. Ele se compara à dona de casa, mostra que conhece seus problemas. Em vi, a humildade vem por meio da fala “tenho um patrimônio maior do que eu mereço”. Assim, independente das cenas genéricas, vemos a cenografia da humildade. Como veremos um pouco mais adiante, tudo é falado de uma forma simples, que se aproxima da língua falada pelo povo.

vi) (A6-Y) Muita gente quer entrar na política pra se acertar, pra se locupletar da coisa toda. O meu caso é bem diferente. Eu tive muito sucesso na minha vida, tenho um patrimônio maior do que eu mereço. Pra você ter uma ideia, eu faço a campanha com dinheiro do meu bolso, eu não quero ficar de rabo-presos com nenhuma firma que vá depois cobrar da população todos esses gastos de campanha.

Vemos em vi que outra cenografia que valida o discurso do homem do povo é o de homem generoso - vista como uma qualidade daqueles que dividem o que têm - pois ele ajuda as pessoas “com seu próprio dinheiro”, como já pudemos ver em ii, iii e iv. Desse modo, ele legitima seu discurso com a cenografia do homem generoso que faz bom uso de seu dinheiro. O fato de o sujeito empírico ser o candidato mais rico do país nas eleições de 2008<sup>33</sup> acaba por não aparecer nem em seus discursos, nem na construção do *ethos*, o que comprova que é no e pelo discurso que se dá o jogo de imagens. Omitida tal informação, o analista só teria *indícios* sobre o *sujeito empírico rico* devido às

---

<sup>33</sup> Segundo jornais da época, como **O Estadão**, disponível em <[http://www.estadao.com.br/nacional/eleicoes2008/not\\_cid254349,0.shtm](http://www.estadao.com.br/nacional/eleicoes2008/not_cid254349,0.shtm)> e **Congresso em foco**, disponível em <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/empresario-de-sao-carlos-sp-e-o-candidato-mais-rico-do-pais/>>, ambos acessados em 1º jun 2012.

menções do enunciador à construção de um bairro do seu próprio bolso. Embora em Análise do discurso seja inusual - para não dizer proibido - falar em sujeito empírico, cremos que trazer para o exercício analítico esse exemplo faz com que sejam reforçados alguns dogmas da própria AD, como a construção do sujeito no discurso e a distinção que fazemos entre o “sujeito real” e o “sujeito da enunciação”. Portanto, acreditamos que o exemplo citado não “mancha” e nem vai contra os princípios teóricos da AD se este justamente os reforça.

Podemos afirmar que essas cenografias jogam com a representação social desfavorável que poderia ter a imagem de um homem bem favorecido economicamente, como “ele é rico, não sabe quais são as necessidades do povo”. Ou seja, o que seria um anti-*ethos* acaba por tornar-se uma cenografia que valida o discurso do homem do povo. Vemos, assim, que um possível *ethos* pré-discursivo não corresponde, de fato, ao *ethos* discursivo que vem sendo construído.

Um ponto interessante a ser considerado é que outro candidato também é empresário, mas não se utiliza de cenografias semelhantes. Isso porque, como veremos adiante, as cenografias de homem humilde ou generoso não legitimam o discurso do outro candidato.

Assim, vemos que discursivamente é construída no discurso do candidato a imagem de homem do povo porque ele fala “de dentro do povo, porque é o povo que pede por ele, ele entende os problemas do povo”. Além disso, o *slogan* do candidato e de sua coligação é *a força do povo*, o que já nos faz inferir, por meio do seu *ethos* dito, de que ele é do povo e ambos estão identificados nessa candidatura.

vii) (A7-R) Olha, eu quero aproveitar sim todas as construções, todos os prédios de igrejas, de empresas, de sindicatos, tudo o que for disponível em São Carlos. Tem igreja que não tem condições de ajudar, mas têm igrejas em São Carlos muito bem estruturada, com bastante espaço físico, e muito boa vontade de todo mundo pra fazer, assim, este projeto, que vai melhorar a vida de todo aqueles são-carlense, que passam hoje por uma série de dificuldades.

viii) (A8-Y) Hoje termina o programa eleitoral, amanhã é dia de debate. Eu preciso que você faça uma corrente, uma corrente de pensamento positivo, pra que Deus me ajude a ir bem nesse debate. Agora pra mim ganhar as eleições, eu preciso do seu voto, você que torce pro Airton.

ix) (A9-Y) Não vai faltar creche pra nenhuma criança em São Carlos, mas eu quero fazer essas creches principalmente em parceria com as igrejas.

x) (A10-D) Então, na minha administração, eu quero fazer palco de show fixo em quatro cantos de São Carlos, onde tenha assim a estrutura de concreto, o negócio todo do som, banheiros...Eu quero que pra se fazer shows, é só ligar a tomada. Eu quero por exemplo fazer show com artistas famosos, eu quero fazer show com pessoal da cidade, incentivar as nossas duplas, e eu quero que esses palcos sirvam pra fazer eventos religiosos.

O que nos chama a atenção, num primeiro momento, como podemos observar em vii, é a menção às igrejas como espaços que têm possibilidade de ser usados para um “mutirão de qualificação profissional”, pois não só não é usual fazê-lo, mas também não é usual que candidatos citem um espaço de uma comunidade religiosa específica. O inusual, nesse caso, se dá porque legitimar seu discurso por meio da religião é uma faca de dois gumes: o destinatário pode *incorporar* sua representação como aceitável, mas pode também julgá-la inaceitável e, portanto, não incorporá-la - o que, no discurso político, resulta no *não-voto*. Assim, o que nos chamará a atenção num segundo momento é então o candidato legitimar o seu discurso por intermédio da cenografia do homem católico, o que ele faz inclusive quando pede uma corrente de pensamento positivo: ele não quer pensamentos positivos para “ir bem” no debate; ele os quer para que Deus o ajude a “ir bem”.

Podemos pensar em vários *motivos* para que tal cenografia seja trazida à cena, e o mais provável, talvez, seja o de que, para ele, ser humilde e ser homem do povo é também ser um “bom cristão”. Mas não nos cabe pensar aqui os motivos que o levaram a fazê-lo, e sim analisar o feito de fato. Um ponto que cabe ressaltar é que consideramos que o discurso do candidato constrói uma *cenografia* de homem religioso e não um *ethos* de homem religioso. Isso porque a cenografia é incorporada à cena para legitimar um discurso inserido em uma cena genérica específica, enquanto o *ethos* é todo um conjunto de discursos e de imagens, que envolveria toda uma “corporalidade religiosa” específica.

Assim, independentemente da intencionalidade por trás dessa imagem, ela pode ou não contribuir com o *ethos* de homem do povo do discurso do candidato, mas isso dependerá do destinatário e do seu mundo ético. Cabe ao (e)leitor incorporar à sua identidade essa representação; se julgá-la válida, lhe concederá o voto.



Por fim, vemos que corrobora para a construção do *ethos* de homem do povo não só as cenografias, mas a maneira de falar e suas escolhas vocabulares. Em outras palavras, conforme capítulos precedentes, o *ethos* se submete às restrições de uma semântica global e esta filtra tais índices que compõem o *ethos*. Este é o caso da escolha lexical. Não cabe a nós analisar as palavras em si, mas o que levou à escolha delas é o que nos interessa, uma vez que “entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 81). Sendo assim, estando restritos a um filtro – a semântica global – os candidatos são levados a escolhas que corroboram com o *ethos* construído. Ainda sobre isso é possível afirmar que

as escolhas lexicais são pistas do lugar social e ideológico de onde os sujeitos enunciam, da posição que ocupam em um dado discurso. Essas escolhas não são individuais, apesar de os sujeitos terem a ilusão de que podem controlar o sentido, mas condicionadas por essa posição. (CAVALCANTI, 2008a, p. 174)<sup>34</sup>

A fala de Airton Garcia se aproxima a do povo e, principalmente, tal maneira de falar se não for inadequada, é no mínimo não esperada para um candidato a prefeito. Assim, vemos inadequações à norma culta, como “seje” (iv); “há 25 anos atrás” (ii) e “pra mim ganhar” (viii); uso de vocabulário impreciso, subjetivo, que destoa da fala objetiva dos outros candidatos, como “eu quero cortar tudo o que é supérfluo, tudo que é bagunça” (v) e “o negócio todo do som” (x); e uso de palavras que não se encontram de acordo fonética ou semanticamente com sua forma usual, como “choque de injeção” (v) e “locupletar” (vi). Dessa maneira, vemos que implica num *ethos* não só uma cenografia, mas um *como* essas cenografias e, conseqüentemente, o *ethos* são enunciados.

Além disso, devemos nos ater ao uso da primeira pessoa do singular. Enquanto os outros dois candidatos se mantêm no plural, revelando em seus discursos um “eu” mais um “eles” (colaboradores do partido, administração anterior, etc.), Airton Garcia utiliza sempre o “eu”. Com isso, pode-se afirmar que o enunciador chama a responsabilidade do ato de fala para si, sendo ele o próprio legitimador de seu enunciado. O uso da primeira pessoa isenta o enunciador do pertencimento a um grupo e subjetiva o que está sendo falado. Podemos observar que todas as suas propostas e

---

<sup>34</sup> In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs). *Ethos discursivo*. São Paulo, Contexto, 2008a.

tudo o que já fez são ancorados no “eu”, como se o próprio sujeito enunciadador fosse realizar/ tivesse realizado o que propõe, sem ajuda, como se fosse estar envolvido pessoalmente, de fato, em tudo: “*eu* que asfaltei ali o caminho do NAI” (i); “*eu* fiz um bairro em São Carlos” (ii); “*eu* sempre fiz muito melhoramento”(iii); “*eu* sempre ajudei assim essas pessoas simples” (iv); “*eu* quero cortar tudo o que é supérfluo” (v); “*quero* aplicar todo esse dinheiro com muita economia no essencial” (v); “*eu* quero que pra se fazer shows, é só ligar a tomada” (x); “*eu* quero deixar São Carlos com um índice de falta de casa zero” (A11-R); “*eu* vou terminar o Hospital Escola por um terço do que eles gastaram” (A12 – R); “*eu* vou baixar o IPTU no primeiro dia de governo” (A13 – R). Nota-se, portanto, que o uso da primeira pessoa do singular faz com que o enunciadador “se legitime”, ancorando toda a responsabilidade do dizer em si. Além disso, as propostas de difícil realização – “sonhos irrealizáveis” –, tecidas de uma forma simples, fazem parte de um vocabulário e um modo de dizer que estão inseridos na semântica global que está a cercar o *ethos* a ser construído. Discorreremos acerca desses sonhos irrealizáveis no próximo subtópico, dedicado ao candidato Oswaldo Barba.

Mais do que isso, confluem para a constituição do *ethos* não só as cenografias que legitimam e são legitimadas em dada cena genérica, mas também a corporalidade, um conjunto de características físicas que negam ou reafirmam o que é enunciado. Assim, nos propomos a analisar, nesta investigação, o *ethos semiotizado* dos candidatos, sendo este composto por fotos dadas a circular durante a campanha e “congelamentos” das imagens do debate e dos vídeos do YouTube. Agregando tal categoria analítica, nos propomos a investigar mais a fundo o que é, afinal, a construção da imagem de si e o que torna possível afirmar que “as ‘ideias’ apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2011, p. 73).

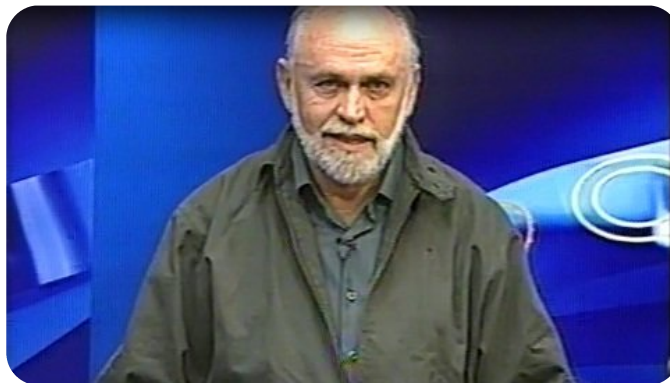


Figura 1



Figura 3



Figura 5

Quando observamos o corpo do ator político, vemos que o candidato não tem boa postura, segundo as regras correntes de etiqueta social, estando frequentemente com o ombro arqueado. A má postura pode dar a impressão para o destinatário de desleixo, bem como de cansaço ou idade. Associada a outros elementos (como a barba e o cabelo), pode-se inferir que essa postura lhe confere um ar de cansaço por já ter trabalhado tanto. O candidato ainda usa a barba – branca - maior do que a convencional para homens públicos, veste-se de maneira simples e o mais próximo que chega de vestimentas elegantes é o uso de camisas – também simples, e faz a maior parte da campanha com um boné. O uso do boné e da barba são característicos do homem do povo, que se constrói no imaginário popular também por meio do interdiscurso com a corporalidade de outros grandes atores políticos, como é o caso do

então candidato, nas eleições 1989, a presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva na primeira eleição democrática desde 1960. Com exceção da barba branca, o candidato também usava a barba mal aparada, roupas simples ou camisas, bonés e contava com o povo por ele ser um trabalhador, um metalúrgico:



Figura 17<sup>35</sup>

Pelo corpo é possível pensar na imagem que está sendo construída por esse fiador, já que todo ele emana um homem do povo, um homem humilde: a barba mal feita, os trajes simples, o boné. O caráter pode ser construído de várias formas, mas acabará por confundir-se ao *ethos* que o discurso do candidato criará. Assim, vemos que sua corporalidade reafirma o que está sendo dito e, dessa forma, vemos *ethos* dito, mostrado e semiotizado trabalharem em consonância para a construção do homem do povo.

Portanto, vemos que a construção do *ethos* de homem do povo é feita por muitos pontos que se inter-relacionam, como a corporalidade do fiador, que age, fala e se veste humildemente; o *ethos dito* e *mostrado* em que, a todo momento, há a legitimação do discurso com cenografias populares e, por isso, grande parte dos locutores que *incorporaram* seu discurso acreditam não só que ele é um homem do povo e vai trabalhar em benefício dele, como acreditam que o sujeito empírico é generoso, uma vez que parece ser construída no imaginário popular a ideia de que “ele não está na política

---

<sup>35</sup> Disponível em <<http://filmespoliticos.blogspot.com.br/2011/10/lula-1989-frente-brasil-popular-1989.html>>. Acesso em jan/2012.

para ganhar dinheiro, pois ele já é rico”. Esses pontos verbais e icônicos somados resultam no *ethos* efetivo, que é a construção no e pelo discurso do homem do povo.

### 3.2. Oswaldo Barba: o digno de crédito

*“Eu tenho credibilidade pra fazer isso, junto ao Congresso Nacional, junto ao Governo Federal”* Oswaldo Barba

A exemplo da legitimidade, a credibilidade não é uma qualidade ligada à identidade social do sujeito. Ela é, ao contrário, o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo digno de crédito. O sujeito que fala – no caso, o político – deve, portanto, tentar responder à seguinte pergunta: como fazer para ser aceito? (CHARAUDEAU, 2008, p. 119)

Como já dito em subtópico precedente, para Charaudeau a credibilidade repousa na tentativa do candidato de construir uma imagem que mostre que ele tem certo poder, o que fará com que ele seja aceito. Para isso, vemos que a construção do *ethos* de credibilidade desse fiador decorre da mobilização, nas cenas da enunciação, de cenografias de homem sério, de continuador e de reitor que revelam, acima de tudo, um *poder fazer* digno de crédito.

A cenografia de homem sério de Barba é construída com a ajuda de vários índices, como a “capacidade de autocontrole diante das críticas” e, nas palavras de Charaudeau, “um tom firme e comedido, sem muitos efeitos oratórios, sem ‘frases de efeito’ que frequentemente desacreditam o sujeito, ainda que suscitem admiração” (CHARAUDEAU, 2008, p. 120). Disso decorre que o caráter e a corporalidade do fiador ajudam a sustentar o *ethos* de credibilidade que está sendo construído por meio do discurso.

É importante salientar que, nesse ponto, o autor afirma que as figuras identitárias do discurso político se reagrupam em duas grandes categorias de *ethos*: o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de identificação. Ele ainda ressalta que há *ethé* de credibilidade, uma vez que esta é “particularmente complexa” e deve satisfazer as condições de *sinceridade*, *performance* e *eficácia*, o que faz, então, com que o político procure construir para si o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente. Portanto, Charaudeau trabalha com a ideia de que os três *ethé* estariam dentro de uma categoria maior denominada “*ethé* de credibilidade”. Aqui fazemos algumas inflexões sobre as proposições do autor para propor um *ethos* de credibilidade legitimado por cenografias,

dentre elas a de sério. Tais inflexões parecem mais condizentes com o que entendemos pela constituição do *ethos*, principalmente no tocante à cena da enunciação e sua respectiva cena genérica e cenografias. O fato de algumas vezes subvertermos as teorizações de Charaudeau tem acrescentado algumas interessantes considerações a esta investigação.

O autor explica que dentro da construção do “*ethos* sério” não convém apresentar propostas ou promessas de difícil realização:

As promessas firmadas que exprimem a justa medida, a consciência dos limites, a recusa da demagogia, a necessidade de ajustar os projetos aos meios existentes – ainda que tenham um efeito um pouco deceptivo ao olhar de uma aspiração social – serão capazes de garantir o espírito de seriedade que convém ao político e de construir a imagem daquele que, reivindicando para si certo pragmatismo, preocupa-se com o bem público de maneira realista, em comparação com as duas outras atitudes que seriam a do imobilismo ou a do sonho irrealizável (CHARAUDEAU, 2008, p. 122)

Podemos pensar a questão das promessas em “justa medida” de Barba em oposição as de Airton Garcia, que ocupa o terreno arenoso dos “sonhos irrealizáveis” e das frases de efeito – o que não quer dizer que seja um problema para o seu *ethos* de homem do povo. Como já dito, cada *ethos* mobiliza certas construções, vocalidade, corporalidade, cenografias e, portanto, o que pode ser inconcebível para o *ethos* de um, é perfeitamente válido para o *ethos* de outro – tudo depende da identificação com o eleitor e como esse *ethos* deve suscitar a adesão do mesmo.

i) (A11-R) Então eu como prefeito eu vou combater as causas, eu quero deixar São Carlos com um índice de falta de casa zero, eu quero que não tenha uma pessoa que não tenha um cantinho pra morar, eu quero correr atrás de empregos.

ii) (A12-R) Mas eu já disse e vou repetir de novo: eu vou terminar o Hospital Escola por um terço do que eles gastaram. Eu vou dizer o seguinte: se eles construíram lá uns cinco mil metros com quinze milhões, eu vou fazer cinco mil metros com cinco.

iii) (A13-R) Olha, eu falo todo dia em alto e bom som que eu vou baixar o preço do IPTU no primeiro dia do governo, no dia da posse, no meio da posse, eu já vou levar uma documentação pronta mandando para a câmara municipal a redução do IPTU, a redução do preço da água e do esgoto que ta um absurdo em São Carlos.

iv) (O1-R) Nós, com a construção do segundo módulo cuja terraplanagem já ta feita e o processo licitatório também já está em andamento, eu vou concluir esse segundo módulo que terá cento e noventa leitos, UTI e centro cirúrgico, e aí nós teremos um grande hospital público em São Carlos.

v) (O2-R) Então nós vamos fazer todo um trabalho de interação com a ARTESP pra que ela possa justamente fazer a marginal e aliviar o fluxo que hoje passa pelo centro da cidade. Primeiramente nós precisamos articular a marginal que vai do Jóquei Clube até a Getúlio Vargas, se nós conseguirmos fazer essa marginal junto com a ARTESP nós vamos aliviar o trânsito da região central.

Como podemos observar, Airton faz promessas que são de difícil realização se considerarmos o tempo relativamente curto do mandato de prefeito: acabar com o déficit de moradia (i), terminar a construção do Hospital Escola com um terço do orçamento (ii) e reduzir o IPTU no primeiro dia de governo (iii). Além de serem realizações difíceis de ocorrer por si só, elas ainda estão sendo prometidas de forma genérica, pois o candidato não explica como conseguirá acabar com o problema da moradia e nem como abaixará, no primeiro dia de governo, o IPTU. Já em relação ao orçamento do Hospital, a explicação é mais simples:

vi) (A14-R) (...) o preço das obras de São Carlos hoje são extremamente altos, as pessoas acham que fazendo uma coisa que a população precisa, pode cobrar três, quatro, cinco vezes mais e isso daí é um absurdo.

Vemos que as propostas de Airton entram no que Charaudeau chama de sonhos irrealizáveis, já que a maior parte das promessas está baseada em afirmações de impacto, mas sem necessariamente estar vinculada a um estudo prévio de como executá-la.

Por outro lado, as propostas de Barba enquadram-se na citação supracitada de Charaudeau, uma vez que o candidato promete realizações e explica como as executará: ele não promete acabar com o problema do trânsito de São Carlos, ele promete a construção de uma marginal para que as pessoas que não precisam passar pelo centro, não passem e, assim, o centro teria uma menor quantidade de veículos (v). Assim, vemos que a mobilização da cenografia de sério, que legitima o discurso e é legitimada por ele, é dada por uma maneira de fazer promessas que o tornam, além de sério, crível.

Além da cenografia de sério, vemos emergir outras duas, a de continuador e a de reitor: ele deve mostrar que tem os meios de cumprir as promessas e que tem a competência necessária - o que vai ser legitimado ou não pelo seu discurso. Desse modo, quando são trazidas para a cena da enunciação a figura do reitor e a do continuador, é validado o *ethos* que está sendo construído: o de competente, portanto, crível. Nas palavras do autor,

ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos. (CHARAUDEAU, 2008, p. 125)

Podemos notar que a mobilização da cenografia de continuador da atual gestão vem tanto por meio de sua menção quanto do uso do verbo “continuar”:

vii) (O3-R) Vamos *continuar* adaptando essas escolas, reformando seus edifícios. Vamos *continuar* capacitando os professores. Nós vamos implantar o plano de cargos e salários que foi aprovado *na administração atual* e que está em fase de implantação, nós vamos acelerar essa implantação. (...)

viii) (O4-R) A saúde você que está me ouvindo sabe que é um problema em todas as cidades brasileiras e aqui em São Carlos obviamente não vai fugir à regra. Porém muito se investiu e muito se fez na área da saúde *nesses últimos anos*. *Na administração atual* foram construídos nove postos de saúde, foi implantada a descentralização do atendimento de saúde.

ix) (O5-D) Nós vamos trabalhar em vários segmentos, nós vamos dar *continuidade* a todo trabalho de infraestrutura que *vem sendo feito* nas grandes avenidas (...)

x) (O6-D) Interessante que o candidato fala em geração de emprego, *só nos últimos sete anos* nós criamos na cidade 17,5 mil empregos - a 3ª cidade em geração de empregos.

O fato de o candidato ser do mesmo partido e visar a continuidade dessa gestão faz com que ele a todo o momento traga à cena a atual administração, para que isso dê força ao que vem sendo dito e faça com que o cidadão que “simpatiza” com a então atual administração tenha de antemão uma afinidade com a sua proposta. Sendo ele uma continuação dessa gestão, ele estaria assim ressaltando o que fará como prefeito.



A cenografia de *continuador* é expressa de duas formas. Afirmando continuar os trabalhos que vêm sendo feitos (vii, ix) e exaltando os feitos da então atual administração (viii, x), o que faz com que se crie uma imagem positiva da atual governança. Ademais da mobilização da atual gestão para a cena, ainda vemo-na inserida no seu *slogan* de campanha *O trabalho sério vai continuar*. O *slogan* por si só já cria um mundo ético próprio, em que o (e)leitor deve incorporar-se se acredita que o trabalho que vem sendo feito é sério e que este deve ser continuado. A imagem de *continuador* é muito frequente no discurso político, seja ela visando à reeleição do candidato ou à eleição do sucessor do atual governante. Quando a administração constrói uma imagem favorável e popular para si, essa imagem acaba por tornar-se um grande persuasivo ao “destinatário”, pois este espera que o *continuador continue* os bons feitos dos últimos anos.

Além disso, ainda podemos observar que o candidato se apresenta digno de crédito quando, além de mostrar que suas propostas têm fundamento e que irá continuar a atual gestão, ainda se mostra como um “bom administrador de uma universidade pública”:

xi) (O7-R) *Eu como reitor da UFSCar*, a comunidade, a população sabe que procurei ao longo da minha administração fazer várias parcerias com a cidade de São Carlos e que visavam e visam aproximar cada vez mais a Universidade da cidade e também a cidade da Universidade (...)

xii) (O8-R) Você sabe que o Hospital Escola foi uma parceria da prefeitura com a Universidade Federal de São Carlos, inclusive quando *eu estava como reitor*. O Hospital Escola é uma necessidade da cidade de São Carlos para o atendimento da população e também ele é extremamente importante pra própria Universidade Federal porque ele abre a perspectiva de aprimoramento na formação dos nossos profissionais aqui da área de saúde. O Hospital Escola ele veio em decorrência da criação do curso de medicina pela Universidade Federal de São Carlos, curso este que *eu tive a honra de poder implantar na minha administração*. E eu vou concluir o Hospital Escola na minha administração como prefeito de São Carlos.

(xiii) (O9-D) Além disso, em ensino profissional eu posso falar, porque *eu trouxe* o CEFET pra São Carlos, *eu como reitor* trouxe o Centro Federal de Educação Tecnológica que já está funcionando no campus da Universidade oferecendo cursos profissionalizantes pra cidade, porque é isso que a juventude precisa.

Vemos nos recortes acima a construção da imagem de bom gestor, portanto digno de crédito, por meio do reitor da Universidade, já que, se ele soube lidar com grandes problemas e conseguiu administrar muito bem uma Universidade, conseguirá administrar uma cidade e continuar o trabalho que vem sendo feito. Dessa forma, o candidato procura legitimar a posição que almeja com a posição que ocupou e, para isso, tem-se a cenografia do reitor experiente e pronto para a função.

Notamos, portanto, a fabricação do *ethos* tanto *dito* quanto *mostrado* do homem digno de crédito, uma vez, e mais uma vez, em que não podemos traçar fronteiras nítidas entre ambos. Mas ainda, a título de ilustração, podemos observar mais uma sequência discursiva em que o *ethos* dito de credibilidade se vê nitidamente:

xiv) (O10-D) Além disso lá tem recursos pra construção, tem recursos pra Proab, e tem outros recursos que nós vamos captar, porque *nós temos credibilidade*, eu consegui trazer como reitor da UFSCar, 71 milhões de reais nos últimos três anos que permitiram com que eu pudesse expandir a UFSCar, de uma forma que nunca antes tinha ocorrido na sua história. Só na minha administração como reitor eu implantei 30 cursos novos, e portanto com recursos que eu fui buscar fora, *eu tenho credibilidade* pra fazer isso, junto ao Congresso Nacional, junto ao Governo Federal.

O debate, cena genérica em que os candidatos estão face a face como interlocutores uns dos outros e com o tempo para falar cronometrado, faz com que, teoricamente, eles devam selecionar, ao vivo, o que deve ser dito e o que deve ser excluído. Nas palavras de Maingueneau (2011, p. 77),

em um debate, por exemplo, é muito difícil para os participantes enunciar por meio de suas próprias cenografias: eles devem reagir no campo dos atos imprevisíveis. Em situação de interação “ao vivo”, é a ameaça às faces (no sentido de Goffmann<sup>36</sup>) que passa para o primeiro plano.

Muitas vezes, os candidatos partem para a desqualificação do adversário. Barba também o faz, mas sem deixar de inscrever-se em seu *ethos* de credibilidade:

---

<sup>36</sup> GOFFMANN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne 1. La présentation de soi*. Paris: Minuit, 1973.

xv) (O11-D) Eu não vou enumerar a quantidade de projeto nem o número dos processos. Isso qualquer cidadão entra no site do Tribunal e ele vai ter. O que ele tá dizendo é que a dívida é de 300 milhões e isso também é muito fácil pra você, cidadão são-carlense, entre no site da prefeitura, vai verificar que a dívida não é esta que ele tá falando. Aliás, ele é pródigo em inventar números e fazer propostas mirabolantes e impossíveis de serem executadas.

xvi) (O12-D) Eu tenho certeza que com a ficha, que com a quantidade de processos que o Airton Garcia tem, dificilmente ele vai conseguir trazer recursos pra nossa cidade. Portanto, o que tá no orçamento é aquilo que é possível dentro dos recursos e das contas que temos que pagar.

xvii) (O13-D) Realmente a candidata Regina tem razão em tudo o que tá dizendo. As pessoas têm que responder até por todo o histórico da sua vida. A segurança pública em São Carlos é algo que vem sendo melhorado com a colaboração da prefeitura e nós não podemos esquecer que a segurança e a prefeitura deve ser ocupada por pessoas que tenham respeitabilidade. O que nós vemos aqui são candidatos inclusive em comum - o candidato Paulo Altomani e o Airton Garcia.

Decorre do que precede que o candidato faz a desqualificação do seu adversário sem deixar de lado o *ethos* de credibilidade, uma vez que o faz atacando a credibilidade alheia - sem levantar a voz, sem grosserias. Assim, em vez de chamar o outro de mentiroso, Barba diz que “ele é pródigo em inventar números e fazer propostas mirabolantes e impossíveis de serem executadas” (xv); fala sobre as condições de o outro candidato realizar as promessas que faz (xvi) e sua “respeitabilidade” (xvii). Portanto, a construção do seu *ethos* mantém-se mesmo em uma cena genérica em que defender e atacar é mais importante do que apresentar um plano de governo ou manter certa postura.

Além da construção das imagens, ainda devemos observar a vocalidade do locutor, pois “cada locutor tem uma maneira de falar que lhe é própria, mas que ao mesmo tempo depende de comportamentos e de papéis sociais bem repertoriados” (CHARAUDEAU, 2008, p. 168). Dessa maneira, associado às imagens de crível, temos o “bem falar” de Barba. O “bem falar” é caracterizado pelo autor como uma maneira de falar elegante, que não necessariamente é a variedade padrão da língua, mas que é reconhecida como representante de uma “posição elevada na hierarquia social”. Os efeitos do bem falar, segundo ele, podem ter efeitos variáveis, pois podem representar

um “capital cultural” do candidato ou uma classe social contra a qual se luta. No caso de Barba, podemos ver que a sua vocalidade não só ajuda na construção do seu *ethos de digno de crédito*, como é um ponto de adesão do eleitorado, pois o candidato, nesse caso, estaria correspondendo a um imaginário coletivo do político inteligente e culto e que, portanto, tem condições de governar.

Ainda é possível destacar o uso frequente da primeira pessoa do plural. No entendimento de Indursky (1997) há no discurso político diversos tipos de *nós*, isto é, o *nós* pode referir-se a distintos sujeitos. Por exemplo, o **NÓS1** mobiliza uma não-pessoa discursiva em nome da qual o sujeito do discurso fala. Trata-se de uma representação de um conjunto *não nomeado* que pertence ao espaço público institucional: administração, gestão, diferentes instâncias que compõem a prefeitura. Desse grupo, o sujeito é o seu *porta-voz*, legitimado por eles e por seu discurso a sê-lo. Zoppi-Fontana (1997), ancorada em Benveniste, denomina o **NÓS1** de *Nós-exclusivo*, pois “se caracteriza por excluir os alocutários do referente discursivo apontado pelo pronome. O valor referencial do *nós* seria equivalente, então, à associação do *eu + ele(s)*, excluindo o *tu/você(s)*” (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 103). Assim sendo, ao trazer o “nós” para seu discurso, o candidato representa um conjunto de pessoas: “nós vamos fazer um trabalho de interação com a ARTESP” (v); “nós vamos trabalhar em vários segmentos” (ix); “nós estamos preparando o futuro” (O14-D).

Também se pode falar em um **NÓS2**, em que o candidato inclui a administração anterior em seu discurso: “*vamos* continuar adaptando essas escolas” (vii); “só nos últimos sete anos *nós* criamos na cidade 17,5 mil empregos” (xi). Vimos, portanto, que o candidato traz para a cena a cenografia de *continuador da atual gestão*. Isso se deve ao fato, principalmente, pelo uso do verbo “continuar” e por um nós-exclusivo que se inclui na administração que o candidato visa continuar. No entanto, muito além disso, o *ethos* de digno de crédito é expresso também na figura do reitor que sabe o que faz e, para isso, o enunciador usa a primeira pessoa do singular: “*eu* como reitor” (xi, xiii, xiv). A razão parece ser evidente: ficaria, no mínimo, estranha a construção “nós quando fomos reitores” uma vez que esse *nós* incluiria um outro conjunto de pessoas que não as do partido. Entretanto, é possível afirmar que o uso do *eu*, assim como em Aírton Garcia, faz com que o enunciador tome a responsabilidade do que é dito para si; sendo assim, os seus feitos enquanto reitor foram unicamente seus e, por isso, ele é digno de crédito.

É evidente que a análise do *nós* não é estanque, nem tampouco se limita a apenas isso. Podemos observar imbricamentos, como em vii xiv, e isso não altera o que vem sendo demonstrado. Uma análise mais pormenorizada dessas questões, em um futuro, poderia levantar interessantes questões.

Assim, o *ethos* de credibilidade é construído no e pelo discurso do candidato e, para isso, são mobilizadas as imagens de competente e sério que, por sua vez, trazem para a cena a figura do reitor, do gestor experiente e do continuador. Além disso, o fiador ainda possui a vocalidade do bem falar e a corporalidade necessária para a construção efetiva do *ethos* de credibilidade.

Se o *ethos* semiotizado corrobora ou não para a construção desse *ethos* de credibilidade, é difícil de afirmar de maneira cabal. Todavia, acreditamos ser possível levantar alguns índices que semiotizam a credibilidade. Podemos destacar alguns *índices* que se inferem de um *ethos* crível.



Figura 6



Figura 9

Podemos elencar como índices para a construção da imagem de credibilidade a postura ereta do corpo, demonstrando confiança e controle. O candidato faz uso de terno, camisa, camiseta polo – trajas que, socialmente, são vistos como “elegantes” e são utilizados em situações sociais mais formais. Sendo assim, são vestimentas que a grande maioria da população não utiliza em seu dia-a-dia ou, às vezes, raramente; uma vez que, além de estarem ligadas a situações formais, também costumam ter preços elevados. Ao contrário do candidato anterior, Oswaldo Barba possui a barba bem aparada. Mas mais do que isso, a análise pode se dar por sua negativa, ou seja, podemos operar com o *ethos* que as figuras *não* criam. Podemos afirmar que esse fiador não tem o corpo de homem do povo, uma vez que está sempre muito bem vestido, e tanto suas roupas quanto sua postura passam a imagem de alguém que tem uma boa condição financeira. Podemos ainda observar que o candidato aparente ter certa idade, em razão da barba branca e da ausência de cabelos, e isso faz com que também seja construída a imagem de um homem que tem um poder fazer.

Conforme dito anteriormente, os recursos semióticos não funcionam da mesma forma nos atores sociais. Se a barba branca funcionava em termos de *ethos* semiotizado no candidato Airton Garcia como homem do povo, no caso de Oswaldo Barba ela funciona como um índice de que se trata de um homem digno de crédito.

### **3.3. Paulo Altomani: o bom homem**

*“São Carlos me deu também o meu maior presente: aqui, conheci minha esposa”*  
Paulo Altomani

É possível observar, por meio das análises até então apreendidas, que o *ethos* político é resultado de uma composição complexa constituída de traços de caráter, vocalidade, corporalidade, semioticidade, declarações verbais, entre outras coisas. Tendo isso em vista, muitos são os elementos que ajudam a construir o *ethos* de “bom homem” de Paulo Altomani. Um deles é a cenografia paternal desenvolvida como uma das dimensões da cena da enunciação dos discursos do candidato. Recorrente nesses discursos, a figura da família permeia todo o discurso do candidato, que influi diretamente na construção de uma imagem:

- i) (P1-D) Não vai ficar um menino da periferia de São Carlos nas ruas, sem esperança, todos eles vão ser profissionalizados, vão ter direito ao conhecimento das profissões e dos ofícios, porque o meu avô me dizia “Paulino, nunca um artesão passa fome”. Foi assim que eu comecei trabalhando como sapateiro, depois como auxiliar numa indústria de móveis. Eu sou chão de fábrica, eu não sou teórico da universidade.
- ii) (P2-D) E na área da educação, que o PT deixou aí pro fundo do poço, nós vamos melhorar os salários do professor, vamos valorizar o professor. Porque eu acredito que depois dos meus pais Ludovico e Jandira, Maria Aparecida Basuque Porto foi a pessoa mais importante na minha vida, minha professora de 1<sup>o</sup> grau. Então nós vamos limpar os cargos de confiança e valorizar você servidor público municipal.
- iii) (P4-D) [quero] Agradecer a todos vocês católicos, evangélicos, espíritas, que rezaram pela recuperação do meu neto João Bento. Ele já está respirando sem aparelhos, ele já está abrindo os olhos, e se Deus quiser, com a ajuda de Deus, com muita oração nós vamos ter o João Bento de volta na nossa casa.
- iv) (P5-Y) Eu sou muito grato à cidade de São Carlos porque ela me deu tudo o que eu tenho. Me deu a oportunidade de estudar e me formar engenheiro, me deu a oportunidade de criar uma grande empresa, que hoje gera trabalho para centenas de são-carlenses. São Carlos me deu também o meu maior presente: aqui, conheci minha esposa Alice, me casei com ela, tivemos quatro filhas maravilhosas, e agora temos dois netinhos para aumentar ainda mais a nossa felicidade. Eu quero ser prefeito porque quero deixar para as minhas filhas e netos e para todas as crianças e jovens de São Carlos uma herança muito valiosa, fruto do trabalho de todos nós. Essa herança que temos o dever de legar para as nossas futuras gerações

Podemos observar, assim, que temos nesses enunciados o interdiscurso da valorização da família. Do avô preocupado que usa dos minutos finais que tem no debate para agradecer ao povo que rezou por seu netinho (iii); do filho que traz para a cena os pais como as pessoas mais importantes da sua vida (ii), do neto que lembra com carinho do quê o avô lhe disse (i) e do pai, marido e avô feliz (iv). Mas não é somente um discurso “da família” ou uma cenografia paternal com tudo que a envolve. Há também o que está sendo trazido para essa cena nesse momento específico, algo da cronografia discursiva que traz ao fio intradiscursivo um funcionamento da memória discursiva de cenas fundantes da prática discursiva do sujeito candidato. Assim, para falar do tema “emprego”, o candidato traz à cena uma fala carinhosa de seu avô,

juntamente com uma afirmação sobre si que não só diz que ele é um homem de família, mas um homem de origem humilde, portanto, com um certo saber que elucida, digamos, melhor, os conhecimentos sobre famílias. Sobre educação, ele não só traz a figura carinhosa dos pais ao dizível de seu discurso, mas traz também a professora do primário como uma das pessoas mais importantes de sua vida. Na preocupação com a recuperação de seu neto, que traz à cenografia o dizível de um *ethos* que ressoa em efeitos na figura do avô preocupado e atencioso, vemos que o candidato é um homem que tem a sua crença e respeita as mais diversas religiões. E, por fim, São Carlos não só tem importância para ele do ponto de vista político – a propósito, em princípio de sua fala, esse tema fica secundário, – mas também afetivo, pois foi ali que construiu uma linda família. Enfim, há toda uma discursividade que vai muito além de trazer à cena a cenografia paternal. É um modo de dizer paternal, que envolve todas as temáticas a serem discutidas no meio político e tudo conflui para a construção e edificação de um mesmo *ethos*.

O *ethos* de bom homem começa a ser criado a partir desses indícios, uma vez que todo um conjunto de discursos está sendo construído, nas mais diversas cenas genéricas, por uma cenografia específica, que será reafirmada pelo *ethos* semiotizado, analisado adiante. Tais discursos vão construindo, ao redor das diversas temáticas, a imagem do bom homem que vê como uma das pessoas mais importantes da sua vida uma professora do primário, por exemplo. Algo intimista que é exposto para corroborar outros elementos, que são também de fórum íntimo, como as particularidades familiares. Notemos que, de maneira geral, os discursos políticos endereçados aos eleitores jogam substancialmente com esse apelo de cenas fundantes de cunho familiar, embora, a princípio, isso não tenha necessariamente correlação com ser um bom político, bom administrador público etc., assim como ser um bom professor independe de ser um bom pai de família, um bom administrador de empresas independe da origem social, assim por diante.

Além da cenografia paternal, devemos também observar que contribui para a constituição do *ethos* de bom homem a cenografia do empresário. Cenografia que não deixa de lado o discurso da família, e que, além disso, mostra um empresário humanizado, preocupado com seus funcionários e com a população. Em outras palavras, a figura do bom homem. Entretanto, observa-se traços do discurso empresarial como aquele que, entre outras coisas, zela e dá oportunidade às pessoas, que contribui para o progresso de uma determinada sociedade: “Me deu a oportunidade de estudar e me



formar engenheiro, me deu a oportunidade de criar uma grande empresa, que hoje gera trabalho para centenas de são-carlenses.”(iv).

v) (P6-D) Eu sei com a minha experiência de administrador na iniciativa privada a fazer uma coisa muito importante na cidade: como gerar emprego, emprego de qualidade, emprego de alto salário, emprego de boa saúde, emprego que dá uma boa educação para os filhos, emprego que respeita o cidadão, emprego que traz orgulho pra quem trabalha na empresa, veste a camisa da empresa.

vi) (P7-D) Nós vamos enxugar os cargos de confiança e investir em prioridade: vai ter o diretor, e vai ter o secretário como cargo de confiança, da chefia pra baixo nós vamos aproveitar todos vocês funcionários públicos municipais de carreira que eu vou tratar com o maior carinho, com o maior entusiasmo, como eu trato os meus funcionários na empresa, dando uma cesta básica, dando um plano de saúde pra vocês, um tratamento odontológico pra vocês extensivo aos familiares, um plano de cargo de salário. Fazer com que vocês, através da motivação e do prestígio e do respeito do prefeito e do vice Bragatto, vocês possam prestar um bom serviço pra população de São Carlos.

Atrelado a isso, ainda devemos salientar que assim como os outros candidatos constroem, cada um de acordo com seu *ethos*, a figura do “bom gestor” que prova um *poder fazer*, Altomani também o faz:

vii) (P9-D) a prefeitura está pagando 0,28 centavos o pãozinho de leite de 30g, eu como administrador na minha empresa eu pago 0,15 centavos. Eu tenho aqui 3 orçamentos de supermercados e padarias por 0,15 centavos. Agora em setembro a prefeitura gastou mais de 192mil reais e comprou 700 mil pãezinhos, ela poderia ter comprado por 100 mil reais e economizado 92 mil reais. Imagine em 380 milhões, quanto não se poderia economizar.

viii) (P10-Y) Vamos mostrar aos investidores as vantagens que São Carlos oferece: temos uma localização privilegiada, rodovias de primeiro mundo, água e energia elétrica em abundância, e um enorme potencial para a formação de mão-de-obra qualificada. E mais: vamos criar uma política de incentivos fiscais, bastante atraente para os novos investidores da indústria, do comércio, do setor de serviços, e do agronegócio também. Eu sou industrial e sei muito bem o que realmente interessa para as empresas e o que elas exigem para se instalarem numa nova cidade.

iv) (P11-R) (...) eu pude sair de daqui de dentro da Universidade. Através de uma pesquisa que eu fiz na USP, em ácidos inoxidáveis, formei a primeira empresa de base tecnológica chamada Engemasa (...). Então pra mim é um prazer muito grande voltar à casa, tá falando com toda comunidade acadêmica como ex-professor daqui.

Para validar o discurso de que ele efetivamente pode fazer o que promete, o fiador traz à cena a figura do empresário que, como dito anteriormente, cria a imagem do bom gestor. Charaudeau afirma que “acontece, às vezes, de ser o próprio político que evidencia em suas declarações as características de seu percurso para invocar esse *ethos* de ‘competência’: herança, estudos, funções exercidas, experiência adquirida” (CHARAUDEAU, 2008, p. 125). Portanto, o *poder fazer* do candidato está relacionado à sua imagem de empresário que sabe como gerar empregos, atrair indústrias e que, acima de tudo, trata com muito respeito os funcionários.

Embora tenhamos na construção desse *ethos* a figura do bom gestor, assim como com os outros candidatos, vemos que esta legítima e é legitimada por seu *ethos* que, em momento algum, deixa de lado essa face de bom homem, do pai de família preocupado. Mesmo quando é a face que está em jogo, como em um debate político cronometrado, é esse *ethos* que emerge.

Conforme observado anteriormente, o sujeito tem um modo de dizer paternal, trazendo para o discurso o pai, o filho, o neto. Mas não só o modo de dizer auxilia na construção de um *ethos*, mas também a escolha e uso vocabular. Vemos, desse modo, que o fiador se mantém em um meio termo entre os outros dois na questão de “variante linguística”: embora tenha uma linguagem muito simples, não chega a ter inadequações como as de Airton Garcia. O meio termo parece-nos interessante na medida em que o *ethos* que vem sendo construído é o de bom homem e, assim como os outros dois – homem do povo e digno de crédito -, o modo de falar, bem como o de se adequar ou não à norma padrão está em consonância com esse *ethos*. Mais uma vez, reafirmamos que, por meio de uma semântica global dos discursos, todas as instâncias que os regem vão sendo filtradas.

Ainda devemos ressaltar o uso da primeira pessoa do plural. Assim como Barba, Altomani utiliza o **NÓS1**, que mobiliza uma não-pessoa discursiva em nome da qual fala, nos dois casos, as pessoas que compõem seus planos de governo. Sendo assim, o enunciador se coloca como porta-voz desse grupo, “distribuindo” a responsabilidade do dizer a todos os incluídos nesse *nós*: “*nós* vamos melhorar os salários do professor” (ii);

“*nós* vamos limpar os cargos de confiança” (ii); “*nós* vamos aproveitar todos vocês funcionários públicos” (vi); “*vamos* mostrar aos investidores as vantagens que São Carlos oferece” (viii); “*vamos* trabalhar para criar os incentivos necessários” (P12-Y). Entretanto, assim como o candidato anterior, Altomani também faz uso da primeira pessoa do singular em, principalmente, duas cenografias específicas - a paternal e a do bom gestor. Dessa forma, a cenografia paternal é construída por um *eu* que evoca o discurso da família: “*eu* respeito muito a Julieta Lui como mãe” (P3 – D); “São Carlos *me* deu *meu* maior presente: aqui conheci *minha* esposa” (iv); “*eu* quero ser prefeito para deixar para as *minhas* filhas e netos e para todas as crianças e jovens de São Carlos uma herança muito valiosa” (iv). Já o bom gestor traz para a cena, como vimos, a profissão e a empresa, legitimando o seu *poder fazer* por um *eu* que tenta mostrar ser capaz do que diz: “*eu* sei com a minha experiência de administrador na iniciativa privada” (v); “*eu* sei exatamente o que as empresas exigem” (P8 – D); “*eu* sou industrial e sei muito bem o que realmente interessa para as empresas” (viii); “*eu* pude sair daqui de dentro da Universidade” (iv).

O *ethos* semiotizado do ator político vem corroborar com o que vem sendo criado pela ordem do dito e do mostrado:



Figura 11



Figura 13



Figura 14

O candidato, que faz a maior parte da campanha com camisas das cores do partido PSDB, tem toda uma corporalidade de um homem de negócios, prático, que é representada pelas canetas no bolso da camisa, o relógio de pulso, o cabelo bem aparado, mas que, ao mesmo tempo, não é tão sério e formal, já que opta pelo uso de calça jeans e camisa e, até mesmo, o uso de uma jaqueta jeans. Assim, as vestimentas em muito já colaboram para a imagem que vem sendo construída. A essa figura do empresário dinâmico, ajuntamos a do bom homem, o homem de família. Na foto de divulgação da imprensa (11), o candidato é visto, aparentemente, à vontade, sorrindo e com muitas fotografias ao fundo. Tais fotografias criam um mundo ético de alguém que preza os familiares e a religião, mais uma vez corroborando com a ideia do bom homem; além disso, podemos observar o que parecem ser alguns troféus, dando à foto um *tom* mais familiar, íntimo. Nessa foto ainda podemos dizer que há certo trajeto de sentido criado pelo fiador, no caso o candidato, que corrobora tudo o que é possível e caro para se adentrar a esse mundo ético familiar, que, por sua vez, é religioso, é intimista, etc. Vemos que o mesmo acontece em seus vídeos no YouTube (13). Enquanto Airton Garcia tem como cena genérica, em seus vídeos, entrevistas com uma jornalista, Altomani tem um diálogo com a câmera ou, em outras palavras, um diálogo com o telespectador. Esse caráter de intimidade que é construído por Altomani em seu discurso fica claro em seus vídeos, uma vez que fala diretamente com seu eleitor, simulando uma conversa, tem a câmera próxima de si, criando uma intimidade com o telespectador/eleitor, e tem como cenário seu escritório – local repleto de porta-retratos da família. Assim, ambas as imagens constroem um universo familiar intimista, aconchegante, que reafirma o *ethos* de bom homem que vem sendo construído por meio da cenografia paternal e do empresário. Adiciona-se a isso a foto do dia das

eleições, em que o candidato chega à votação de mãos dadas com a esposa. Não há foto desse tipo dos outros candidatos. Portanto, em termos de *ethos* semiotizado, podemos observar que muitos são os índices para se construir a imagem desse *bom homem* preocupado com a família, com os empregados, com os eleitores. *Ethos* que legitima o dito e o mostrado e que contribui na construção do *ethos* efetivo.

## Efeito de fim em forma de conclusão

Nos capítulos anteriores procuramos nos debruçar sobre os percursos e percalços do desenvolvimento teórico e metodológico da Análise do discurso com seus importantes subsídios que serviram de embasamento para esta pesquisa, bem como a importância de Dominique Maingueneau para esse campo pluridisciplinar. Em seguida, houve a descrição do nosso material de análise, apresentando a cidade de São Carlos, os candidatos, os partidos e as sequências verbais e não-verbais.

Patrick Charaudeau afirma que temos dificuldade em aceitar que o povo vote em um político mais em razão de sua imagem e de algumas frases de efeito do que em função do seu programa de governo. Tivemos como pergunta norteadora como se dá a construção da imagem de si desse político e em que medida verbal e não-verbal confluem para dar origem a um *ethos* efetivo. Desse modo, buscamos tentar entender a emergência de um *ethos*, ancorado também em estereótipos sociais, que faz com que o político em cena se transforme em um homem bom, em um homem do povo, em um homem digno de crédito aos olhos do destinatário.

Para isso, evocamos, inicialmente, a Retórica Aristotélica e sua *arte de persuadir*. A *Retórica* de Aristóteles acredita que se persuade pelo caráter quando é criada uma imagem positiva de si mesmo que comporta três qualidades fundamentais: a prudência, a virtude e a benevolência, qualidades que juntas inspiram confiança. Na sequência, passamos para o *ethos* na teoria polifônica de Ducrot, para o qual a noção de *ethos* está ligada à construção de uma identidade e que é distinta dos atributos reais do locutor. A teoria, então, enfatiza a fala como ação que objetiva influenciar o outro.

Para Maingueneau - para o qual a noção se caracteriza muitas vezes como um problema a ser trabalhado pelo analista, uma vez que este pode cair em análises intuitivas e subjetivas se a noção não tiver seu campo teórico muito bem delimitado - é no e pelo discurso que é constituído o *ethos*, já que um fiador ativa um mundo ético em seu destinatário e este construirá uma imagem desse sujeito e, assim, aderirá ou não a esse mundo ético. Além disso, é possível defender que há uma semântica global dos discursos que filtra os índices que corroboram para a construção de um *ethos*, como a maneira de dizer e o vocabulário, bem como para a constituição do mesmo deve-se levar - e levamos - em conta a vocalidade e a corpo desse fiador, dando a devida atenção, dessa forma, às práticas intersemióticas que evocam também um *ethos*.

A partir de tais reflexões, pudemos analisar efetivamente o *ethos* dos candidatos. Para isso, tomamos como hipótese um certo *ethos* dos candidatos a prefeito, que deveria ser verificado em sua materialidade discursiva. Além disso, tentamos pensar a que cenografias o fiador recorre para validar o seu discurso e que ajudam na construção do *ethos*. Surgiram, assim, os *ethé* de homem do povo, de homem bom e de homem digno de crédito. O *ethos* de Airton Garcia de homem do povo é construído por meio de cenografias de humildade, generosidade e até de religiosidade; seu modo de falar e seu vocabulário evocavam um homem do povo de fala simples; seu *ethos* dito trazia para a cena esse homem simples e era corroborado pelo *ethos* mostrado; analisando os índices não-verbais, vimos que a escolha de vestimentas estavam em consonância ao *ethos* construído. O *ethos* de homem bom de Paulo Altomani foi construído sobretudo por meio da cenografia paternal, em que o modo de falar e o vocabulário ativavam um discurso da família; a construção do *ethos* semiotizado, alinhado ao *ethos* dito e mostrado, foi realizada por meio de vestimentas e de índices nas fotos, como os retratos. O *ethos* de credibilidade de Oswaldo Barba se deu por meio da maneira de fazer propostas consistentes, assim como uma maneira de falar firme, elaborada, por meio de cenografias que corroboravam um poder fazer; seu *ethos* semiotizado era expresso na escolha de vestimentas elegantes e um sorriso comedido. Sendo assim, pudemos observar mais de perto como se dá o processo de construção da imagem política que está muito além de uma intenção do sujeito.

Com isso, podemos afirmar que tais processos de constituição de um *ethos* político é reaplicável a outros contextos políticos, como uma eleição presidencial, por exemplo. Se considerarmos alguns índices que são basilares para a construção de tais *ethé* que surgiram na pesquisa, temos:

$$\begin{aligned}
 & \textit{ethos}^x (y) = \textit{verdadeiro} \\
 & \textit{ethos}^{\textit{homem do povo}} (\textit{Airton}) = \textit{verdadeiro} \\
 & \textit{ethos}^{\textit{homem do povo}} (\textit{O. Barba}) = \textit{falso}
 \end{aligned}$$

em que  $x$  é o *ethos* construído e  $y$  o candidato.

ou ainda:

$$t. x = y$$

Em que *t* é o contexto de alternância, uma vez que o *ethos* pode mudar de acordo com a época em que ocorrem as eleições. Um *ethos* de homem do povo hoje, que mobiliza certo mundo ético, é diferente do homem do povo de 1989, por exemplo. Assim, temos:

*ethos*<sup>homem do povo</sup> (Airton) = verdadeiro

*ethos*<sup>homem do povo</sup> (Lula) = verdadeiro

anos 2000. *ethos do homem do povo* = Airton Garcia

anos 1980. *ethos do homem do povo* = Lula

Então:

anos 2000. *ethos*<sup>homem do povo</sup> (Airton) = verdadeiro

anos 1980. *ethos*<sup>homem do povo</sup> (Lula) = verdadeiro

Dessa forma, tentamos compreender como se dá a construção do *ethos* efetivo no discurso político, mobilizando, para isso, o discurso dos candidatos a prefeito de São Carlos nas eleições 2008. Foi possível observar que, dadas as condições históricas das eleições a serem analisadas e considerando a análise do *ethos* dito, mostrado e semiotizado, é possível chegar a um *ethos* do político reaplicável a outras esferas políticas.

Tentamos verificar, ao longo de nossa pesquisa de mestrado, a pertinência epistemológica das palavras de Charaudeau:

Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. Não se trata tanto de nosso posicionamento ideológico, quanto daquilo que sobressai da relação que mantemos conosco e que oferecemos à percepção dos outros. O sujeito que fala não escapa à questão do *ethos*, a fortiori o sujeito político. (CHARAUDEAU, 2008, p. 86).

Portanto, o *ethos* é, à revelia dos candidatos, um corpo persuasivo que leva inevitavelmente a adesão a um mundo ético às urnas. Ademais, acreditamos ter



mostrado a pertinência de se pensar no funcionamento da categoria analítica de *ethos* semiotizado para a confluência das do dito e do mostrado contribuírem para a construção do *ethos* efetivo do orador.

# Bibliografia

AMOSSY, Ruth. *O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. IN: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

ARAÚJO, L. M. B. M. *Política e derrisão em vídeomontagens do Youtube: uma leitura discursiva*. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, 2011.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

ÁVILA, M. P. “*Periferia é periferia em qualquer lugar?*” *Antenor Garcia: Estudo de uma periferia interiorana*. 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

BARONAS, Roberto L. *Formação discursiva - vale a pena lutar por ela*. In: Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2004, Campinas - SP. *Estudos Linguísticos*, 2004. p. 732-737

\_\_\_\_\_. (org.) *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: problemáticas contemporâneas*. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2009. v. 1.

\_\_\_\_\_. “Blogs de comentários políticos: algumas notas sobre ethos semiotizado”. In: *Ensaio em Análise do Discurso: questões analítico-teóricas*. São Carlos: EdUFSCar, 2011, p. 47-62.

BELTING, H. “Médium, imagem, corps. Une introduction au sujet”. In: *Pour une anthropologie des images*. Paris : Gallimard, 2004, p. 17-76.

BRANDÃO, H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas –SP: Editora da Unicamp, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1999.

CONDE, C. D. *A alternância da referência do sujeito-enunciador como expressão da identidade e seus efeitos de sentido*. 2008. 354 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *Corps, regard, discours: typologies et classification dans les physiognomies de l'âge classique*. Langue française, 1987a.

\_\_\_\_\_; VIGARELLO G. *La Physionomie de l'homme impudique : bienséances et impudeurs dans les physiognomonies au XVIe et XVIIe siècle*. Comunicação, 1987b.

\_\_\_\_\_. "Corps et Discours". In: *Corps et discours: éléments d'histoire des pratiques langagieres et expressives*. Thèse d'État, Paris, Université de Paris X-Nanterre, 1989.

\_\_\_\_\_. *História do rosto*. Lisboa : Teorema, 1995.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político: Derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos – SP: Edufscar, 2009.

DAGATTI, M. *El estadista oculto. El ethos gubernamental en los discursos públicos presidenciales de Néstor Kirchner*. Revista Rétor – Revista de la Asociación Argentina de Retórica (AAR), Argentina, 2012. Disponível em <[http://www.revistaretor.org/retor0201\\_dagatti.html](http://www.revistaretor.org/retor0201_dagatti.html)> . Acesso em set/2012.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas – SP: Pontes, 1987.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. IN: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, F. B. *Transformações urbanas na cidade de São Carlos: condomínios horizontais fechados e novas formas de sociabilidade*. 2007. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

FERREIRA, M. C. L. *O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil*. Revista Letras, Rio Grande do Sul. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r27/revista27\\_3.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf)>. Acesso em jun/2012.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

GARCIA, L. C. *O discurso político eleitoral contra a corrupção no HGPE/2006: Memória e construção de identidade*. 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

GREGOLIN, M. R. *A Análise do discurso: conceitos e aplicações*. Revista Alfa, São Paulo, 39: 13-21,1995. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em jun/2012.

INDURSKY, Freda. *A fala dos Quartéis e as Outras Vozes*. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

LARA, G. M. P. (Org.); MACHADO, Ida Lúcia (Org.); SOUZA, Wander Emediato de (Org.). *Análises do discurso hoje - vol. 2*. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Lucerna/Nova Fronteira, 2008. v. 1. 318 p.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: a questão dos fundamentos*. IN: Cadernos de Estudos Lingüísticos 19. Campinas – SP: IEL/UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. *El ethos y la voz de lo escrito*. In: \_\_\_\_\_. Versión 6. México: Universidad Autonoma Metropolitana-Xochimilco, 1996. p. 79-92

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL, vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSSN 1678-8931.

\_\_\_\_\_. *A propósito do ethos*. In : MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs). Ethos discursivo. São Paulo, Contexto, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Cenas da Enunciação*. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

\_\_\_\_\_. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. Ethos, *cenografia, incorporação*. IN: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas - SP: Pontes, 2003.

MARQUES, J. E. D. C. *Na busca dos novos líderes: o processo de construção de candidaturas ao legislativo municipal – aspectos teóricos e um estudo de caso*. 2007. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

MARTINS E SILVA, V. R. *AD de todas as épocas*. In: Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos –SP: Claraluz, 2005.

MAZIÈRE, F. *A análise do discurso: história e práticas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs). *Ethos discursivo*. São Paulo, Contexto, 2008a.

MUSSALIM, F. *Análise do discurso*. In: BENTES, A. C; MUSSALIM, F. (Org.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v.2.; 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NAVARRO, P. *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos – SP: Claraluz, 2006.

ORLANDI, E. P. *A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil*. Cad.Est.Ling., Campinas, (42): 21-40, Jan./Jun. 2002 Disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1598>>. Acesso em jun/2012.

\_\_\_\_\_. *Michel Pêcheux e a Análise do discurso*. Revista Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, jun. 2005. Disponível em <<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em jun/2012.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, F.; HACK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas – SP: Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Análise de Discurso: três épocas (1983)*. In: GADET, F.; HACK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. Disponível em <[http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/textos\\_geral/AD\\_tres\\_epocas\\_pecheux.pdf](http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/textos_geral/AD_tres_epocas_pecheux.pdf)>. Acesso em jun/2012.

\_\_\_\_\_. *Sobre os contextos epistemológicos da Análise do discurso*. Trad: Ana Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário. In: *Cadernos de Tradução*. n. 01. Porto

Alegre: Editora da UFRGS, 1998. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/textos\\_geral/contextos\\_epistemologicos\\_da\\_AD\\_pecheux.pdf](http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/textos_geral/contextos_epistemologicos_da_AD_pecheux.pdf)>. Acesso em jun/2012

\_\_\_\_\_. *O Estranho Espelho da Análise do Discurso* (Prefácio). In: COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005

PETRI, V. *Michel Pêcheux e a Teoria do Discurso nos anos 60*. In: Semana Acadêmica de Letras da UFSM, 2006, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Disponível em < [http://www.ufsm.br/corpus/txts\\_profes/Verli\\_expressao.pdf](http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf)>. Acesso em jun/2012.

PIOVEZANI FILHO, C. *Metamorfoses do discurso político contemporâneo: por uma nova perspectiva de análise*. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 1, p. 25-42, jan./jun. 2007a;

\_\_\_\_\_. *Políticas da voz no discurso político: efeitos da substância da expressão no horário de propaganda eleitoral gratuita*. SOLETRAS, Ano VII, N° 13. São Gonçalo: UERJ, 106 jan./jun.2007b. Disponível em < <http://www.filologia.org.br/soletras/13/10.pdf>>. Acesso em jun/2012

\_\_\_\_\_. *Legados de Saussure para a Análise do discurso: reflexões sobre a história da Linguística*. Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, 37 (3): 33-42, set.-dez. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N3\\_04.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_04.pdf)>. Acesso em: jun/2012

\_\_\_\_\_; SARGENTINI, V. “Políticas do sentido, práticas da expressão e história do corpo. Uma apresentação da obra de Jean-Jacques Courtine ao leitor brasileiro”. Apresentação de COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009, p. 7-20.

PONSONI, S. *Análise discursiva da literatura como dispositivo enunciativo: o caso de Cadeiras Proibidas*. 2011. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso. Ensaio sobre discurso e texto*. Curitiba – PR: Criar Edições, 2002.

\_\_\_\_\_; BARONAS, R. L. (Orgs.) *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2008.

POSSENTI, S.; MUSSALIM, F. *Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso*. In: PAULA Luciana; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Da análise do*

discurso no Brasil à Análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia: EDUFU, 2010.

PAULA Luciana; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à Análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

*SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños* / Universidad de Alcalá de Henares. Tradução de Eduardo Brandão & Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes: 2001.

SILVA, F.P. ; SARGENTINI, V. *Análise de Discurso Político e a Política da Análise de Discurso*. Revista Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n.1, p. 83-90, jun. 2005. Disponível em <<http://www.estudosdalinguagem.cpelin.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/12/18>>. Acesso em jun/2012.

SOULEZ, G. *Ethos, enonciation, media: sémiotique de l'ethos*. Recherches en communication, n° 18, 2002.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Resenha de “Gênese dos discursos”, de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em <<http://www.revel.inf.br/files/resenhas/resenha.pdf>> . Acesso em set/2012.

TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza (Org.). *Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos - SP: Claraluz, 2008. 330 p.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica: A Retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. *Cidadãos modernos: Discurso e Representação Política*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1997.